



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE AGRONOMIA E MEDICINA VETERINARIA  
DEPARTAMENTO DE GESTÃO DE AGRONEGÓCIOS**

Giselle Cappellesso

**O CONCEITO DE AGRONEGÓCIOS E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UM  
ESTUDO COM DISCENTES DOS CURSOS LIGADOS À SUA GESTÃO**

Brasília/DF  
Junho/2017

GISELLE CAPPELLESSO

**O CONCEITO DE AGRONEGÓCIOS E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UM  
ESTUDO COM DISCENTES DOS CURSOS LIGADOS À SUA GESTÃO**

Monografia apresentada ao curso de Gestão de Agronegócios, da Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Gestão de Agronegócios.

Orientadora: Profa. Dra. **Magali Costa  
Guimarães**

Brasília/DF  
Junho/2017

## Ficha Catalográfica

Cappellesso, Giselle.

O conceito de agronegócios e suas representações sociais: um estudo com discentes dos cursos ligados à sua gestão / Giselle Cappellesso. – Brasília – DF: [s.n], 2017.

113 f. : il.

Monografia (Bacharelado em Gestão de Agronegócios) – Universidade de Brasília, Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, 2017.

Orientação: Prof. Dra. Magali Costa Guimarães.

1. Agronegócio. 2. Representação Social. 3. Gestão de Agronegócios. I. Título: Subtítulo.

**O CONCEITO DE AGRONEGÓCIOS E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UM  
ESTUDO COM DISCENTES DOS CURSOS LIGADOS À SUA GESTÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do  
Curso da aluna Giselle Cappellesso.

---

**Profa. Dra. Magali Costa Guimarães**  
Universidade de Brasília / FAV /UnB  
(Orientadora)

---

**Profa. Dra. Suzana Maria Valle Lima**  
Universidade de Brasília / PROPAGA /UnB  
(Examinadora)

---

**Prof. Dr. José Márcio Carvalho**  
Universidade de Brasília / PROPAGA /UnB  
(Examinador)

Brasília/DF  
Junho/2017

A Deus e  
à minha família, por me instruir quem sou hoje.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me conceder a vida, me iluminando e me guiando. Pela saúde e força para superar todas as dificuldades e pela esperança que todo dia anima meus passos.

Em especial aos meus pais, por todos os ensinamentos, motivações e oportunidades, por todos os sacrifícios que fizeram para o meu crescimento. Agradeço aos meus irmãos, Gefferson, Giovanni e Géssica, pelo suporte e companheirismo em todos os momentos da minha vida. Por toda minha família, pelo exemplo de vida e por estarem sempre ao meu lado, tornando essa jornada mais calma e alegre. Amo vocês!

Agradeço ao Luís Felipe, pela paciência em todos os momentos e pelo suporte, dando-me forças em todas as dificuldades. Obrigada gato!

À minha orientadora Magali Costa Guimarães, por todos os conhecimentos não só nesse trabalho, mas em todos os anos da faculdade. Sou grata também pela oportunidade de realizar o Projeto de Iniciação Científica tão importante para o meu crescimento. Agradeço, principalmente, pela disposição e paciência para me guiar e incentivar nesse caminho acadêmico.

Agradeço a todos os professores que tive oportunidade de conhecer ao longo da vida, principalmente da Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, por terem me motivado a alcançar o discernimento e sabedoria nesse campo e na vida. E, também, pelo papel valioso e indispensável que desempenham para todos nós alunos e para a sociedade.

À Faculdade UnB Planaltina (FUP) e, principalmente, aos professores Mauro Eduardo Del Grossi, Vânia Ferreira Roque-Specht, Susan Elizabeth Martins Cesar e Janaina Deane de Abreu Sa Diniz, pela ajuda e auxílio concedido na coleta dos dados. Sou grata também aos discentes pelo tempo dedicado à essa pesquisa, contribuindo com minha formação.

Agradeço aos membros da banca examinadora, Dra. Suzana Maria Valle Lima e Dr. José Márcio Carvalho, pela disponibilidade de participar e pelas contribuições acerca desta monografia.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a meus amigos, colegas e a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação e também da minha vida.

*“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota”*

Madre Teresa de Calcutá

## RESUMO

O Brasil é considerado um *global player* quando se trata de agronegócios, com expressiva participação no PIB, na balança comercial e no fornecimento de produtos agropecuários para o mundo. Com essa expansão econômica e produtiva do setor, demanda-se, atualmente, profissionais capacitados para lidar com suas especificidades. Apesar de sua importância, o conceito de agronegócio traz elementos que são contraditórios, sendo por muitos associados ao desmatamento, à poluição e uso intensivo de água e agrotóxicos. A partir disso, objetivou-se nessa pesquisa compreender as representações sociais sobre “agronegócios” de estudantes dos cursos ligados à gestão de agronegócios da Universidade de Brasília. Para alcançar esse objetivo, fez-se necessário utilizar uma abordagem qualitativa e exploratória, dado que o tema é pouco explorado academicamente. Primeiramente, o estudo foi realizado com um total de 30 estudantes do início e final do curso de Planaltina. Para a coleta dos dados, aplicou-se o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) e, após, estes foram submetidos à uma análise de conteúdo, e, em complemento, a investigações por meio do *software* IRAMUTEQ. Após, comparou-se esses achados com o anterior estudo realizado por Cappellesso e Guimarães (2016). Observou-se que os discentes de ambos os grupos ( $G_i$  e  $G_f$ ) parecem conferir um maior alinhamento com as representações sociais reproduzidas pela grande mídia e pela sociedade, onde o agronegócio é associado essencialmente à produção em escala. Contudo, é possível averiguar um esforço de mudança na compreensão do que vem a ser “agronegócios”, possivelmente resultado do conhecimento/informação adquiridos no curso que estão sendo integrado ao senso comum dos estudantes. Além disso, evidencia-se elementos negativos relativos à mão-de-obra e ao meio ambiente. Porém, as representações dos estudantes atuam desassociando o agronegócio desses elementos vistos socialmente como negativos, lidando assim com as contradições que o campo lhes impõe. Investigações sobre essas representações contribuem para que outros superem perspectivas muitas vezes enviesadas ideologicamente ou pelo senso comum, além de guiarem os comportamentos e identidades dos futuros profissionais do agronegócio.

**Palavras-chave:** Agronegócio. Representação social. Gestão do Agronegócio.



## ABSTRACT

Brazil is considered a global player when it comes to agribusiness. Brazil's agricultural production has a significant participation in the Brazilian Gross Domestic Product (GDP) and also in the world supply of agricultural products. With this recent economic and productive expansion, professionals are required to handle their specificities. Despite its importance, the concept of agribusiness carries antagonistic elements, being associated to deforestation, pollution and the intensive use of agrochemicals. Therefore, the objective of this research was to understand and analyze the social representations about "agribusiness" of students from the Agribusiness Management course of the University of Brasília (UnB). For this reason, it was necessary to use a qualitative and exploratory approach, given that this subject is little explored academically. This study was carried out with a total of 30 students, from the beginning and end of the Agribusiness Management course at Planaltina's campus. The Free Word Association Test was used for the collection of the information. After, we applied content analysis followed by prototypical and similarity analysis with the help of IRAMUTEQ software. Afterwards, these findings were compared with the previous study of Cappellesso and Guimarães (2016). The study shows that students from both groups ( $G_i$  and  $G_f$ ) seem to confer a greater alignment with the social representations reproduced by the mainstream media, by associating agribusiness with large-scale and technified production. However, there is a cognitive effort of change in the understanding of what is "agribusiness", possibly a result of the knowledge/information acquired during the course that is being integrated to the common sense of the students. In summary, it is observed that new elements of representations are integrated to the student's historically determined social values along the course. Also, it is observed that there are negative elements in their perception about Agribusiness, related to labor and the environment, such as deforestation. Moreover, the representations of the students, in performing their identity function, act by disassociating agribusiness from these socially perceived elements as negative, thus dealing with the contradictions that the field imposes on it. Investigating these representations contribute to overcome ideologically biased perspectives, as well as guiding the behavior and identity of future agribusiness professionals.

**Key words:** Agribusiness. Social Representation. Agribusiness Management.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Modelo de Sistema .....	23
Figura 2 - Critérios Utilizados para Definição do Núcleo Central e Periférico .....	45
Figura 3 - Evocações Hierarquizadas .....	45
Figura 4 - Procedimentos Metodológicos para a Coleta de Dados .....	55
Figura 5 - Ranking das Imagens dos Grupos $G_i$ e $G_f$ .....	61
Figura 6 - Análise de Similitude das Evocações Mais Representativas ( $G_i$ ) .....	69
Figura 7 - Árvore de Similitude das Evocações Menos Representativas ( $G_i$ ) .....	73
Figura 8 - Análise de Similitude das Evocações Mais Representativas ( $G_f$ ) .....	79
Figura 9 - Árvore Máxima de Similitude da Imagem Menos Representativa ( $G_f$ ) .....	85
Figura 10 - Comparativo das Imagens Mais Representativas .....	86
Figura 11 - Comparativo das Imagens Menos Representativas.....	92
Figura 12 - Comparativo do Ranking entre os Cursos .....	95

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Conceitos de Representações Sociais.....	33
Quadro 2 - Funções das Representações Sociais .....	35
Quadro 3 - Características do sistema central e do sistema periférico das representações .....	38
Quadro 4 - Comparativo da Matriz Curricular dos Cursos Ligados ao Agronegócio da UnB .....	50
Quadro 5 - Categorização das Palavras Associadas às Imagens Mais Representativas (Gi) .....	65
Quadro 6 - Análise Prototípica das Evocações Mais Representativas (Gi) .....	66
Quadro 7 - Categorização Temática das Verbalizações dos Discentes do Gi .....	70
Quadro 8 - Categorização das Palavras Associadas às Imagens Mais Representativas (Gf) .....	76
Quadro 9 - Análise Prototípica das Imagens Mais Representativas (Gf) .....	77
Quadro 10 - Categorização Temática das Verbalizações dos Discentes do Gf .....	81
Quadro 11 - Comparativo das Categorias dos Campus Darcy e Planaltina.....	94

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Exportações do Agronegócio em 2010 .....	26
Tabela 2 - Número e Áreas de Estudos sobre as Representações Sociais .....	43
Tabela 3 - Evolução da População Universitária da UnB, 2010 a 2014 .....	48
Tabela 4 - Caracterização dos Participantes do Estudo.....	60
Tabela 5 - Frequência Múltipla das Evocações das Duas Imagens Mais Representativas ( $G_i$ ) .....	64
Tabela 6 - Frequência Múltipla das Evocações das Três Imagens Mais Representativas ( $G_f$ ) .....	75
Tabela 7 - Comparativo das Categorias de $G_i$ e $G_f$ .....	87
Tabela 8 - Comparativo do Perfil dos Discentes do Campus Darcy e Planaltina .....	93

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1.1</b>	<b>Descrição da Situação Problemática</b> .....	14
<b>1.2</b>	<b>Objetivo Geral</b> .....	16
<b>1.3</b>	<b>Objetivos Específicos</b> .....	16
<b>1.4</b>	<b>Justificativa</b> .....	17
<b>1.5</b>	<b>Métodos e Técnicas de Pesquisa</b> .....	18
<b>1.6</b>	<b>Estrutura e Organização do Trabalho</b> .....	18
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	20
<b>2.1</b>	<b>O conceito de Agronegócio e seu Cenário Atual no Brasil</b> .....	20
2.1.1	<i>A Formação no Campo da Gestão de Agronegócios</i> .....	26
<b>2.2</b>	<b>Agronegócio “versus” Agricultura Familiar</b> .....	28
<b>2.3</b>	<b>A Representação Social</b> .....	32
2.3.1	<i>A Representação Social e seus Componentes</i> .....	35
2.3.2	<i>A Teoria do Núcleo Central e sua Abordagem Complementar</i> .....	37
<b>2.4</b>	<b>Estudos Anteriores</b> .....	39
<b>3</b>	<b>MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA</b> .....	46
<b>3.1</b>	<b>Tipo de Pesquisa</b> .....	46
<b>3.2</b>	<b>Caracterização Acadêmica dos Cursos</b> .....	48
<b>3.3</b>	<b>Participantes do Estudo</b> .....	52
<b>3.4</b>	<b>Instrumentos e Procedimentos para Coleta de Dados</b> .....	53
<b>3.5</b>	<b>Instrumentos e Procedimentos para Análise de Dados</b> .....	55
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	59
<b>4.1</b>	<b>Análise do Perfil dos Discentes do Curso</b> .....	59
<b>4.2</b>	<b>Análise e Discussão dos Dados Coletados</b> .....	60
4.2.1	<i>Representação Social do Início do Curso (Gi)</i> .....	62
4.2.1.1	<i>Análise da Imagem Menos Representativa no Gi</i> .....	73
4.2.2	<i>Representação Social do Final do Curso (Gf)</i> .....	74
4.2.2.1	<i>Análise da Imagem Menos Representativa no Gf</i> .....	84
<b>4.3</b>	<b>Análise Comparativa dos Resultados</b> .....	86
4.3.1	<i>Análise Comparativa das Representações Sociais dos Discentes de Planaltina e do Darcy Ribeiro (UnB)</i> .....	93
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	102

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	105
<b>APÊNDICES</b> .....	111
<b>APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b> .....	111
<b>APÊNDICE B: Imagens Indutoras das Representações Sociais</b> .....	112

## 1 INTRODUÇÃO

O agronegócio brasileiro é um setor essencial para a economia do país, principalmente nesse atual cenário de recuo do Produto Interno Bruto (PIB). Desse modo, o agronegócio torna-se um setor estratégico, podendo ser “[...] o único setor com crescimento mais expressivo diante da indústria claudicante e dos serviços em processo de exaustão” (CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA, 2014, p. 2). Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, enquanto o PIB nacional se retraiu em 3,8%, em 2015, com quedas nos setores da indústria (6,2) e serviços (2,7%), o do agronegócio cresceu 1,8% em relação a 2014 (BRASIL, 2016).

Apesar dessa importância para a economia, o conceito de agronegócio traz consigo elementos que são contraditórios, sendo por muitos associados à fatores negativos, como desmatamento, poluição, uso intensivo de agrotóxicos e desperdício de água (WEISSHEIMER, 2006) e, ainda, muitas vezes associado ao latifúndio improdutivo (VEZZALI, 2006). Assim, grupos sociais distintos parecem ter ideias e representações diferentes sobre “agronegócios”. Portanto, o presente estudo se propõe a compreender estas representações sociais sobre o agronegócio de estudantes da Universidade de Brasília, especificamente dos cursos de Gestão de Agronegócios (*Campus Darcy Ribeiro*) e Gestão do Agronegócio (*Campus Planaltina*).

A ideia de representações sociais surgiu na França e é considerada como “[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 1989 apud SÁ, 2002, p. 32). Desse modo, as representações sociais expressam o pensamento que o indivíduo tem de si mesmo e do mundo, guiando seus comportamentos, atitudes e ações. Em outras palavras, as representações sociais são consideradas como uma versão contemporânea do senso comum (MOSCOVICI, 1981 apud SÁ, 2002).

### 1.1 Descrição da Situação Problemática

A ideia de agronegócio surgiu em 1957, na Universidade de Harvard, com os pesquisadores John Davis e Ray Goldberg (BATALHA, 2012; ZYLBERSZTAJN;

NEVES, 2000; DAVIS; GOLDBERG, 1957). Destaca-se que o conceito é ainda recente, principalmente no Brasil, onde foi reconhecido nos anos 90. Portanto, apesar do termo ser difundido no país, seu conceito e percepção ainda são divergentes na população.

Em uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira do Agronegócio – ABAG (2013, p. 49) sobre a percepção da população sobre o agronegócio, “59,6% da população total pesquisada já tinha ouvido falar sobre o termo agronegócio”. Desse modo, nota-se que o termo ainda está em construção, já que mais de 40% nunca haviam ouvido falar sobre o termo. Em contrapartida, a pesquisa ressalta que as associações feitas para explicar o termo são quase todas restritas às atividades da produção primária (agricultura, pecuária, agropecuária, etc.). Esse fato destaca que, apesar de quase 60% da população pesquisada ter ouvido o termo, muitos não conhecem seu conceito, tendo assim uma visão “limitada” do agronegócio.

Além disso, o estudo apontou que os setores de Agronegócio e Construção são vistos de forma semelhantes, onde os dois estão “[...] relacionados a características como desmatamento e consumo de água, sendo que, para o setor de Agronegócio, o volume de água utilizado é uma característica ainda mais fortemente associada” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO AGRONEGÓCIO, 2013, p. 52). A pesquisa ainda complementa que, associado à geração de emprego, o agronegócio agrega características positivas. Contudo, para as classes mais baixas, essa característica é negativa, pois o setor associado ao desemprego.

Também, o estudo de Cappellesso e Guimarães (2016) apontou que até dentro do curso de Gestão de Agronegócios da Universidade de Brasília – Campus Darcy Ribeiro, existem atividades do agronegócio que são associadas a fatores negativos. Como destacado pelo estudo, os discentes do início do curso ainda possuem uma representação social alinhada com àquela reproduzida pelas mídias, como revistas, jornais e televisão. Para esse grupo, o agronegócio é associado com a produção em escala e/ou com produção de *commodities* que utiliza tecnologias como mecanização em suas atividades (CAPPELLESSO; GUIMARÃES, 2016). Em contrapartida, os discentes do final do curso parecem ter ampliado suas representações sobre o agronegócio, associando-o a outros componentes, além do elo primário. Destaca-se no estudo que estes associaram o termo principalmente às questões de comercialização, como a armazenagem e distribuição e também aos gargalos da logística.



Com relação aos pontos negativos, Cappellesso e Guimarães (2016) destacaram que é conferido ao agronegócio pontos negativos, relativos ao meio ambiente (desmatamento) e à mão-de-obra (más condições de trabalho). Porém, as autoras observaram que os discentes de ambos os grupos tentam lidar com as contradições que o campo de escolha profissional lhes impõe, desassociando-o de imagens que remetem à aspectos vistos socialmente como negativos.

Buscando aprofundar na compreensão destas representações e tendo em vista o estudo apresentado, o presente estudo se caracteriza como uma complementação do estudo anterior. A partir dessas reflexões e estudos, levantou-se as seguintes indagações: 1) *quais são as representações sociais de estudantes de Gestão do Agronegócio do Campus de Planaltina da Universidade de Brasília sobre o agronegócio?* 2) *Em que essas representações assemelham e/ou se diferenciam daquelas dos estudantes de Gestão de Agronegócios do Campus Darcy Ribeiro?*

## **1.2 Objetivo Geral**

O objetivo geral desta pesquisa se resume em compreender as representações sociais sobre o agronegócio de estudantes dos cursos ligados à gestão de agronegócio da Universidade de Brasília – UnB.

## **1.3 Objetivos Específicos**

Para o alcance do objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar, com base na literatura científica, como se delineou historicamente o conceito de agronegócio;
- Descrever o conceito de representações sociais;
- Levantar as representações sociais sobre o agronegócio dos alunos de Gestão do Agronegócio da Universidade de Brasília – Campus Planaltina;
- Analisar as representações sociais sobre o agronegócio à luz do conceito acadêmico e dos achados da pesquisa;

- Comparar as representações sociais dos alunos de Gestão de Agronegócios (Campus Darcy Ribeiro) e de Gestão do Agronegócio (Campus Planaltina).

#### 1.4 Justificativa

O interesse por esse estudo surgiu a partir da participação da autora no Programa de Iniciação Científica – ProIC, cuja linha de pesquisa versava sobre o agronegócio e suas representações sociais. Em um primeiro momento, um primeiro estudo foi realizado com estudantes do curso de Gestão de Agronegócios da Universidade de Brasília – UnB, Campus Darcy Ribeiro.

Como breve análise sobre o tema, um levantamento inicial sobre representação social na base de dados do Scientific Electronic Library Online – SciELO resultou em 1.618 estudos. Esses estudos focam-se principalmente na área de saúde e educação. Quanto aos nos diversos temas relacionados ao agronegócio, os estudos voltam-se ao meio ambiente e atividades relativas ao rural. Contudo, não se identificou estudos relacionados à representação social sobre o agronegócio.

Atualmente, a Universidade de Brasília oferece 155 cursos de graduação, tendo dois cursos ligados à gestão de agronegócios (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2017). O curso de Gestão do Agronegócio (Campus Planaltina) contou, no 2º semestre de 2015 com 302 alunos regulares. Já o curso Gestão de Agronegócios (Campus Darcy Ribeiro) contou, no mesmo período, com 226 alunos (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2017).

Apesar de ambos serem ligados à gestão de agronegócios da UnB, os cursos possuem escopos diferentes. O primeiro curso surgiu em 2006 no Campus de Planaltina e foi denominado de Gestão do Agronegócio, sendo ele diurno. Somente em 2010 iniciou-se o curso de Gestão de Agronegócios no Campus Darcy Ribeiro, no período noturno. Os cursos contam com muitas disciplinas similares e outras exclusivas de cada curso. Além disso, muitas disciplinas que são similares possuem modalidades diferentes, sendo em um curso obrigatória e em outro optativa.

Em suma, a pesquisa busca compreender as representações sociais de estudantes dos cursos ligados ao agronegócio, sendo que a representação de um sujeito em particular retrata a representação de um grupo específico. As

representações sociais são socialmente elaboradas e compartilhadas, definindo a maneira de interpretar a realidade e fixando suas posições em relação a situações e objetos (SÊGA, 2000).

Tendo em vista a relevância do tema e a pouca disponibilidade de estudos na área, esse trabalho visa contribuir com as discussões acadêmicas sobre as diversas visões que o agronegócio possui, incluindo daqueles que estão se formando para atuar no setor. Nesse contexto, verifica-se a importância de se compreender as representações sociais sobre o agronegócio para romper com visões pré-concebidas, impregnadas de vieses ideológicos que estão presentes dentro e fora do contexto acadêmico. Além disso, é importante para os profissionais que atuam no setor conhecer essa diversidade de representações sociais presentes na população brasileira, de modo a auxiliar na formulação de estratégias organizacionais e de políticas públicas para o setor.

### **1.5 Métodos e Técnicas de Pesquisa**

Para a realização desta pesquisa, utilizou-se uma abordagem qualitativa e para a coleta de informações aplicou-se o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), uma técnica não-estruturada e indireta que permitiu aos participantes projetarem suas crenças e interpretações sobre o objeto indutor de forma espontânea e livre. O objeto indutor utilizado foram dez imagens que remetiam às várias interfaces do agronegócio e seus elos. Por fim, os dados obtidos foram analisados através da técnica análise de conteúdo, juntamente com o IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), um software gratuito que permite realizar análises estatísticas sobre tabelas de palavras e corpus de texto.

### **1.6 Estrutura e Organização do Trabalho**

O presente estudo divide-se em cinco capítulos, sendo eles a Introdução, Referencial Teórico, Métodos e técnicas de pesquisa, Resultados e Discussão e, por fim, as Considerações Finais.

Após este capítulo introdutório em que o tema foi apresentado/problematizado e os objetivos do estudo foram definidos, tem-se o Referencial Teórico onde abordou-

se os principais conceitos acerca do agronegócio e das representações sociais, apresentando os fundamentos teóricos do presente estudo.

No capítulo metodológico – terceira parte deste estudo – buscou-se caracterizar o tipo de pesquisa, bem como descrever as técnicas, instrumentos e procedimentos adotados na realização da pesquisa. Tem-se, ainda neste capítulo, uma caracterização dos participantes do estudo.

Posteriormente, no quarto capítulo, são apresentados e discutidos os dados obtidos através das pesquisas e as análises realizadas através da análise de conteúdo e do *software* IRAMUTEQ. Além disso, estas análises foram embasadas nos conceitos apresentados nos tópicos anteriores. Além disso, neste capítulo procedeu-se a comparação com o estudo anterior realizado com estudantes do curso de Gestão de Agronegócios, Campus Darcy Ribeiro. Por fim, finaliza-se o estudo com as Considerações Finais, apresentando também as limitações e contribuições do estudo.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta parte desta monografia é feita uma revisão de literatura onde são desenvolvidos os conceitos que permitem a melhor apreensão do presente estudo. Primeiramente é apresentado o conceito de agronegócio, contextualizando o setor no cenário brasileiro atual. O agronegócio é considerado um termo recente e traz elementos contraditórios, sendo necessário compreender seu conceito para melhor esclarecimento desses elementos. Ainda neste tópico, destaca-se a formação no campo da gestão de agronegócios, com uma breve análise sobre os atuais cursos existentes e sua formação interdisciplinar.

Na seção seguinte, retrata-se uma segmentação do agronegócio: a agricultura familiar. Apesar de serem consideradas conceitualmente integradas, nota-se contradições entre ambas tanto no campo acadêmico quanto no político e social. Por fim, na terceira seção é retratado o conceito de representações sociais e seu aparato teórico para um melhor entendimento de como este pode ser analisado no campo do agronegócio, apresentando seus elementos e uma abordagem complementar às representações sociais: a teoria do núcleo central.

### 2.1 O conceito de Agronegócio e seu Cenário Atual no Brasil

Durante muitas décadas, a agricultura foi considerada como uma indústria independente e autossuficiente, onde as fazendas familiares realizavam todas as atividades da cadeia produtiva, desde a produção de insumos até a comercialização do produto final (DAVIS; GOLDBERG, 1957). Contudo, com a Revolução Tecnológica, os autores afirmam que estas fazendas ganharam um papel diferenciado, passando a ser tratadas como um “negócio” e realizando somente as atividades de produção. Como afirmam Davis e Goldberg (1957, p. 6, grifo dos autores), os segmentos de alimento e fibra passaram de autossuficientes para um sistema interdependente, ou seja, “[...] it has evolved from an *agricultural* to an *agribusiness* status”<sup>1</sup>.

Como ressaltam Zylbersztajn e Neves (2000), as relações de dependência entre as indústrias de insumos, produção primária, agroindústria e o sistema de distribuição não poderiam ser ignoradas. A agricultura já não poderia ser “[...]”

---

<sup>1</sup> Tradução: os segmentos evoluíram de um *status* de agricultura para um *status* de agronegócio.

abordada de maneira indissociada dos outros agentes responsáveis por todas as atividades que garantiriam a produção, transformação, distribuição e consumo [...]” (BATALHA, 2012, p. 5).

Dessa forma, há uma inter-relação da agricultura com o “*business*”, como citado por Davis e Goldberg (1957), no qual as fazendas passam a ter uma função comercial. Assim, os autores sugeriram uma nova palavra para descrever essa inter-relação: *agribusiness*. Em outras palavras, o *agribusiness* surgiu com a gradual dispersão da função da agricultura para sua função comercial, principalmente aquelas relativas à produção de insumos, de transformação e de distribuição dos produtos (DAVIS; GOLDBERG, 1957).

A data tomada então, na literatura acadêmica, para o surgimento do termo *agribusiness* ou o que posteriormente foi denominado de agronegócios, é 1957, com os pesquisadores John Davis e Ray Goldberg (BATALHA, 2012; ZYLBERSZTAJN; NEVES, 2000). O termo, que surgiu na Universidade de Harvard e chamado como “o produto da dispersão das funções”, foi definido pelos autores como:

[...] *agribusiness* means the sum total of all operations involved in the manufacture and distribution of farm supplies; production operations on the farm; and the storage, processing, and distribution of farm commodities and items made from them (DAVIS; GOLDBERG, 1957, p. 2).

Castro (2001, p. 56) destaca que essa nova conceituação da agricultura como agronegócio foi uma mudança auspiciosa, onde o foco em segmentos da agricultura e em disciplinas do conhecimento “[...] já não eram suficientes para gerar a compreensão necessária para a gestão da atividade”.

Surgiram, assim, críticas sobre esta primeira definição que ainda apresentava lacunas, focando somente nas operações, esquecendo o contexto em que o sistema opera (PROGRAMA DE AGRONEGOCIOS Y ALIMENTOS, 2007?).

Assim, em 1968, Ray Goldberg redefine o agronegócio como:

Um sistema de commodities engloba todos os atores envolvidos com a produção, processamento e distribuição de um produto. Tal sistema inclui o mercado de insumos agrícolas, a produção agrícola, operações de estocagem, processamento, atacado e varejo, demarcando um fluxo que vai dos insumos até o consumidor final. O conceito engloba todas as instituições que afetam a coordenação dos estágios sucessivos do fluxo de produtos, tais como as instituições governamentais, mercados futuros e associações de comércio (ZYLBERSZTAJN; NEVES, 2000, p. 5).

A partir dessa redefinição, o autor busca também identificar os atores que influenciam a coordenação dessas relações, desde o campo até o consumidor final operações (PROGRAMA DE AGRONEGOCIOS Y ALIMENTOS, 2007?). Apesar de não ser caracterizada como uma análise institucional, estudos recentes realizados no Brasil pelo Centro de Conhecimentos em Agronegócio – Pensa/USP, “[...] aprofundam e ressaltam a importância do ambiente institucional, explicitando o papel das instituições, acoplando uma nova vertente analítica aos trabalhos de Goldberg” (ZYLBERSZTAJN; NEVES, 2000, p. 5).

O agronegócio é considerado, a partir de então, sobre dois níveis de agregação, sendo o primeiro no nível da firma e o segundo considerando os ambientes macroeconômico e institucional (ZYLBERSZTAJN; NEVES, 2000). Austin (1974 apud MENDONÇA, 2013) complementa que o agronegócio é definido como um sistema que inclui três componentes: 1) operacional, composto pelos agentes: agricultores, empresas processadoras, de armazenamento e distribuição; 2) composto pelos agentes de insumos, bancos de crédito e instituições de pesquisa; e 3) envolve os mecanismos de coordenação, reunindo órgãos de governo, mecanismos jurídicos e contratuais, associações e mercados futuros.

Gras e Hernández (2013, p. 23, tradução da autora, grifo do autor) afirmam que os criadores do conceito de agronegócio postularam um desafio para as perspectivas da época: “o produtor deveria ultrapassar a dicotomia agricultura/indústria, procurando a sua integração vertical e horizontal como “cadeia de valor”, dando prioridade à tarefa de coordenação dos diferentes elos e tendo como ponto de partida o consumidor”. Os autores complementam que o agronegócio envolve mais do que a expansão dos vínculos intersetoriais, envolve uma nova forma de gestão destes vínculos e dos recursos e ativos envolvidos nestes.

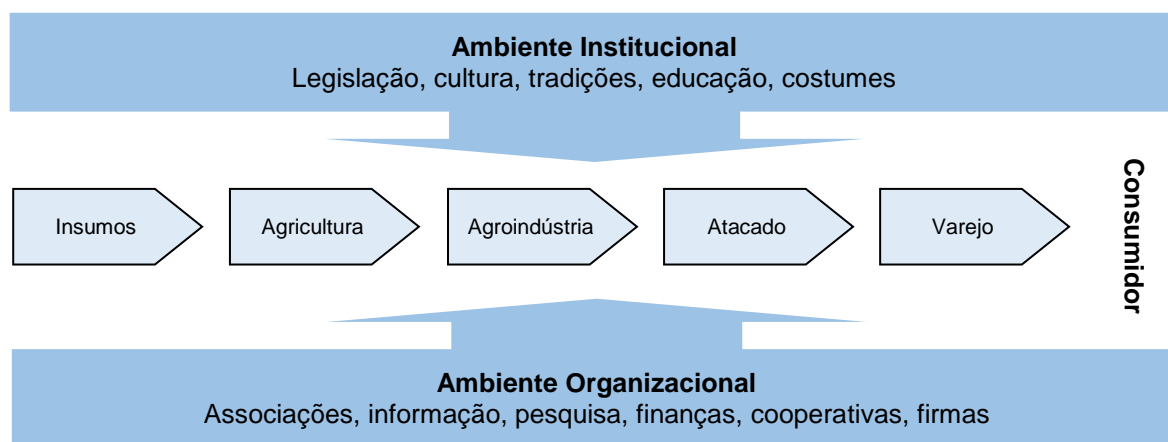
A partir dessa construção, o agronegócio pode ser entendido como um sistema que envolve desde a fabricação dos insumos até o consumo do produto final. Nesse sentido, Castro (2001, p. 57) ressalta que “a agricultura compreende componentes e processos interligados que propiciam a oferta de produtos aos seus consumidores finais [...]”. Tais processos envolvem a de transformação de insumos pelas instituições ou organizações que o compõem. Em outras palavras, estes conjuntos de processos e de instituições ligadas através de objetivos comum constituem, para Castro (2001), um sistema, que englobam sistemas menores ou subsistemas. O autor destaca que o

sistema maior é o chamado agronegócio ou *agribusiness*. Castro (2001, p. 57) complementa:

O agronegócio compõe-se de cadeias produtivas, e estas possuem entre seus componentes os sistemas produtivos, que operam em diferentes ecossistemas ou sistemas naturais. No ambiente externo ou contexto do agronegócio, existe um conglomerado de instituições de apoio, composto de organizações de crédito, pesquisa, assistência técnica, entre outras, e um aparato legal e normativo, exercendo forte influência no seu desempenho.

Compreende-se, portanto, que o agronegócio engloba, além dos diversos atores da cadeia (fornecedores de insumos, agricultura, agroindústria, atacado, varejo e consumidor), o ambiente em que estes atores estão inseridos: ambiente institucional (legislação, cultura, tradições, costumes) e o ambiente organizacional (associações, informação, pesquisa, cooperativas, etc.). A Figura 1 sistematiza todos os elementos compreendidos pelo agronegócio.

**Figura 1 - Modelo de Sistema**



**Fonte:** Adaptado de Zylbersztajn e Neves (2000) e Castro (2001).

O sucesso do conceito de agronegócio deveu-se à sua praticidade e simplicidade de operacionalização, isto é, com aplicação imediata para a formulação de estratégias organizacionais, podendo ser utilizada de forma imediata pelas organizações (BATALHA, 2012; ZYLBERSZTAJN; NEVES, 2000). Além disso, Mendonça (2013, p. 54) destaca que este sucesso deveu-se também à influência dos criadores ultrapassarem o meio acadêmico, se apresentando “[...] principalmente na disseminação do conceito de agronegócio como política governamental nos Estados Unidos e em outros países”.



No Brasil, o termo começou a ser incorporado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa a partir da década de 90, buscando “[...] incluir novos e importantes atores que participavam do desenvolvimento da agricultura e tinham relevância para a instituição” (CASTRO; LIMA; CRISTO, 2002, p. 6). Assim, basearam-se no estudo de John Davis e Ray Goldberg quando desenvolveram o conceito de *agribusiness*. O termo passou a ser utilizado no Brasil inicialmente através da concepção de *complexo agroindustrial*, *negócio agrícola* e, posteriormente, *agronegócio* (CASTRO; LIMA; CRISTO, 2002).

A partir disso, o agronegócio é visto como um sistema amplo de fatores correlacionados (CALLADO, 2015), englobando outros subsistemas. Castro, Lima e Cristo (2002, p. 6) ressaltam que o conceito de agronegócio é considerado muito amplo e nem sempre é adequado para a formulação de estratégias setoriais. Assim, “[...] o conceito foi desenvolvido adicionalmente, para criar modelos de sistemas dedicados a produção, que incorporassem os atores antes e depois da porteira” (CASTRO; LIMA; CRISTO, 2002, p. 6). Surge, então, outros conceitos relacionados ao agronegócio, como o de cadeia produtiva, considerado pelos autores como subsistema do agronegócio.

Em síntese, com a introdução do termo no país, surgiram diversas nomenclaturas que buscam delimitar o nível de análise do sistema agroindustrial, sendo o *agronegócio* com enfoque mais global quando comparado aos outros conceitos, como: 1) *complexo agroindustrial*: tem como ponto de partida determinada matéria prima de base (ex. complexo de soja, complexo leite, complexo cana-de-açúcar) (BATALHA, 2012); e 2) *cadeia de produção agroindustrial*: definida a partir da identificação de determinado produto final (ex. cadeia de produção agroindustrial da manteiga) (BATALHA, 2012). Assim, o agronegócio é composto por inúmeros sistemas ou cadeias agroindustriais, dos mais diversos produtos de origem vegetal ou animal (BURANELLO, 2013).

No cenário econômico, o setor possui uma expressiva participação e representa aproximadamente 22% do Produto Interno Bruto – PIB (CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA, 2016), chegando a R\$ 263,6 bilhões em 2015 (BRASIL, 2016). Como destacado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (2016), desde 1995 o agronegócio é um importante setor para a economia brasileira, com participação acima de 20% do PIB e chegando até a 24% em 2003.

Em 2015, em comparação à retração do PIB total nacional em 3,8%, o PIB do agronegócio cresceu 1,8% em relação a 2014 (BRASIL, 2016). No mesmo período, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento destaca que o PIB de outros setores sofreu queda, como o da indústria (6,2%) e serviços (2,7%) (BRASIL, 2016). Com o recuo do PIB nacional, o agronegócio torna-se um setor estratégico na economia brasileira e “[...] pode ser o único setor com crescimento mais expressivo diante da indústria claudicante e dos serviços em processo de exaustão” (CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA, 2014, p. 2). Nesse contexto, entre os melhores setores para se investir em 2015 encontram-se o setor de alimentos e de varejo alimentar (ORDONES, 2015), que estão ligados diretamente ao agronegócio.

Assim, Barros (2014, p. 14) afirma que o Brasil transformou-se em um *player* global cada vez mais relevante, com uma “[...] expansão muito maior do que a de qualquer outra nação”. Em 2010, o Brasil foi um dos principais fornecedores de produtos agropecuários para o mundo (BRASIL, 2011?). Segundo a mesma fonte, o país foi o maior exportador de açúcar, café, suco de laranja, carne bovina, tabaco, cana-de-açúcar, etanol e aves e o segundo em soja, gerando um saldo de US\$ 76,4 bilhões em 2010. A Tabela 1, página seguinte, apresenta os principais produtos exportados, a quantidade de destinos e o valor das exportações.

No primeiro semestre de 2016, o faturamento obtido com as exportações atingiu US\$ 45 bilhões, um aumento de 4% frente ao mesmo período de 2015 (BARROS; ADAMI; FRICKS, 2016, p. 1). Segundo os autores, nos últimos 17 anos (2000-2016), o volume exportado pelo agronegócio cresceu 318%, na comparação das médias anuais, e “[...] os preços em dólares dos produtos embarcados subiram 52%”. Além disso, “a maioria dos produtos exportados pelo agronegócio brasileiro apresentou aumento nos embarques no primeiro semestre de 2016, quando comparado ao mesmo período de 2015” (BARROS; ADAMI; FRICKS, 2016, p. 4). Os mais expressivos foram: milho (131,06%), etanol (100,87%), carne suína (55,78%), algodão em pluma (42,9%) e açúcar (21,17%).

Tabela 1 - Exportações do Agronegócio em 2010

Produto	Valor das exportações (bilhões)	Quantidade de destinos
Soja	US\$ 17.701	90
Açúcar	US\$ 12.761	128
Aves	US\$ 6.254	147
Café	US\$ 5.764	138
Carne bovina	US\$ 4.795	139
Tabaco	US\$ 2.706	100
Cana-de-açúcar e etanol	US\$ 2.028	43
Suco de Laranja	US\$ 1.774	72

Fonte: Adaptado de Brasil (2011?).

Do total exportado no primeiro semestre, 41,37% corresponderam ao grupo Cereais/Leguminosas/Oleaginosas, 11,53% ao grupo Produtos Florestais, Bovídeos (9,66%), Cana e Sacarídeas (9,65%), Suínos e Aves (8,63%), Café e Estimulantes (5,66%) e Frutas (3,29) (BARROS; ADAMI; FRICKS, 2016).

Alguns fatores que impulsionam o crescimento da produção e da produtividade merecem destaques. Dentre eles, os mais conhecidos são: a disponibilidade de meios adequados (como terra, sol e água), e também o desenvolvimento de sistemas de pesquisa, principalmente de instituições públicas como a Embrapa, instituições estaduais e universidades (BARROS, 2014; CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA, 2014).

Ao mesmo tempo em que o quadro delineado aponta para a real importância dos agronegócios, observa-se também a necessidade da gestão no setor, sendo esta cada vez mais demandada por organizações que o integram. Para atender essa nova demanda, surgiram cursos visando à formação específica de profissionais do agronegócio. Essa nova formação no campo é descrita a seguir.

### 2.1.1 A Formação no Campo da Gestão de Agronegócios

Com sua expressiva participação na economia brasileira, o agronegócio é um setor em desenvolvimento, principalmente na área acadêmica. Destaca-se, nessa nova conceituação do setor agrícola como agronegócio, um importante elemento: a visão sistêmica. Para Castro (2001, p. 56, grifo nosso), ao considerar a agricultura como agronegócio, “[...] foi possível realçar a *dimensão gerencial* deste

empreendimento e reforçar a necessidade de inovações tecnológica e *gerencial*, como instrumentos para o seu crescimento”. Assim, a gestão do agronegócio busca:

[...] mobilizar conceitos e instrumentos de intervenção nas cadeias produtivas, como o crédito agrícola, a inovação tecnológica e gerencial, as normas de taxação, serviços de apoio etc. para melhorar o desempenho em relação a algum indicador específico. Estas intervenções, entretanto, só se tomam eficazes quando é possível compreender sistematicamente, não só o que ocorre nos limites das propriedades rurais, mas em todo os segmentos em que a produção agropecuária se insere.

Estudos recentes apontam a importância da gestão no agronegócio brasileiro, sendo essencial para as empresas atingirem seu patamar de excelência através da implantação de adequados processos de gestão e de um eficiente planejamento estratégico em toda a cadeia produtiva, desde a produção até a comercialização de seus produtos (TALIARINE; RAMOS; FAVORETTO, 2015). Assim, essas empresas demandam profissionais que possuem uma visão sistêmica e analítica do agronegócio, com capacidade para lidar com o mercado e sua tendência (DIAS, 2017). Observa-se, nas duas últimas décadas, um aumento crescente de cursos ligados ao setor em diversas universidades, tanto privadas quanto públicas. A princípio no nível de pós-graduação (especialização e mestrado) e, posteriormente, no nível de bacharelado e de formação tecnológica.

Segundo dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES (2017), atualmente existem, em funcionamento, dez cursos entre mestrado acadêmico, doutorado e mestrado profissional que são reconhecidos, sendo eles: Agronegócio (Universidade Federal De Goiás, Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas), Agronegócios (Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade de Brasília, Universidade Federal da Grande Dourados), Agronegócio e Desenvolvimento (Universidade Est. Paulista Mesquita Filho/Tupã), Desenvolvimento Regional e Agronegócio (Universidade Estadual do Oeste do Paraná), Sanidade, Segurança Alimentar e Ambiental no Agronegócio (Instituto Biológico/SP) e Tecnologias Computacionais para o Agronegócio (Universidade Tecnológica Federal do Paraná).

No nível de bacharelado, de acordo com os dados do Ministério da Educação, no Sistema Federal de Ensino, encontra-se cursos como: Gestão do Agronegócio (Universidade de Brasília), Gestão de Agronegócios (Universidade de Brasília),

Agronegócio (Universidade Federal de Viçosa e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre) e Engenharia de Agronegócios (Universidade Federal Fluminense) e Agroindústria (Universidade Federal de Sergipe e Universidade Federal da Paraíba) (BRASIL, 2017).

Já no grau tecnológico, são 131 cursos em atividade, variando de dois a três anos de formação e quanto à frequência (presencial ou à distância). Algumas instituições que disponibilizam cursos para esta formação são: Universidade de Passo Fundo, Universidade de Uberaba, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Universidade Federal de Santa Maria e Universidade Estadual do Maranhão (BRASIL, 2017).

Com foco nos cursos de bacharelado, um importante aspecto é a diversidade de disciplinas relacionadas aos diversos campos de conhecimento. Observa-se uma formação interdisciplinar, compreendendo área como Economia, Direito, Administração (Marketing, Administração Financeira, Análise de Decisões, Negócios Internacionais), Sociologia, Contabilidade, Psicologia, Ciências Agrárias (Sistema de Produção, Extensão Rural), entre outras áreas mais específicas, como comercialização, logística, gestão ambiental, agroecologia, mercado futuro e etc.

Todas essas informações ajudam a compreender a importância do agronegócio para o país, e sua gestão, na formação dos futuros profissionais. É, conceitualmente, compreendido de forma sistêmica, contudo, como setor econômico, muitas vezes é visto de forma fragmentada e restrita à produção e comercialização de *commodities*. Sendo assim, algumas vezes ocorre um distanciamento entre agronegócios e o que se denomina agricultura familiar, aspecto descrito na próxima seção.

## **2.2 Agronegócio “versus” Agricultura Familiar**

Não há uma definição universal de agricultura familiar. Para o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), a agricultura familiar atende a duas condições: “a) a direção dos trabalhos do estabelecimento é exercida pelo produtor, e b) o trabalho familiar é superior ao trabalho contratado” (BURANELLO, 2013, p. 35). De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2006), o conceito adotado para a realização do censo foi o definido pela Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, sendo ela:

Art. 3º Para os efeitos desta Lei, considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos:

I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;

II - utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;

III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento;

IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2006).

No Censo Agropecuário 2006 foram identificados 4.367.902 estabelecimentos da agricultura familiar, representando 84,4% dos estabelecimentos brasileiros e ocupando somente 24,3% da área ocupada pelos estabelecimentos agropecuários. Em contrapartida, os estabelecimentos não familiares representaram 15,6% do total de estabelecimentos e ocupavam 75,7% da área (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2006). Apesar de cultivar em menores áreas, a agricultura familiar é responsável pelo fornecimento de alimentos para o mercado interno, produzindo 87% da produção nacional de mandioca, 70% de feijão, 46% do milho, 38% do café, 34% do arroz, 58% do leite, entre outros (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2006).

Segundo Silva e Breitenbach (2013, p. 62), os conceitos “agricultura familiar” e “agronegócio” foram e estão “sendo construídos tanto no meio acadêmico/científico quanto no meio político/ideológico”. Esses distintos processos de construção fazem com que tracem discussões questionáveis, como “agronegócio *versus* agricultura familiar”, formatando uma compreensão distinta do conceito de agronegócio.

Segundo Sauer (2008, p. 11, grifo do autor), a apropriação das noções de agronegócio e agricultura familiar no Brasil “[...] é expressão de uma disputa política resultante da situação fundiária, especialmente após a adoção do aparato da Revolução Verde, classificado por muitos teóricos como um processo de ‘modernização conservadora’ do campo brasileiro”. Nesse processo, o uso do termo “agronegócios” expressa “[...] as atividades agropecuárias que utilizam técnicas de produção intensiva (mecanização e química) e de escala, o que gera aumento da produção e da produtividade” (SAUER, 2008, p. 16). Em contrapartida ao termo agronegócio, que designava o setor patronal altamente tecnificado, popularizou-se o termo “agricultura familiar”, que visava romper com noções relacionadas a certos setores rurais como a “pequena produção” ou a “produção de subsistência”, já que

estas eram associadas à baixa produtividade e não-inserção no mercado (SAUER, 2008). Silva e Breitenbach (2013, p. 65) complementam:

[...] o termo agricultura familiar surgiu a partir da convergência de esforços de intelectuais, políticos e sindicalistas articulados pelos dirigentes da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), com apoio de instituições internacionais como a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) e o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD).

De modo geral, Sauer (2008, p. 67) destaca que “a construção, a apropriação e o uso [...] transformaram essas noções em valores [...] que expressam identidades sociais, inclusive como antagonismos políticos e projetos políticos diferentes”.

Diferentemente do autor supracitado, Caume (2009, p. 29) considera que a agricultura familiar é um formato de organização que predomina em todo o mundo e pode ser definida, segundo Silva e Breitenbach (SILVA; BREITENBACH, 2013, p. 65), como “[...] uma forma de produção em que o núcleo de decisões, gerência, trabalho e capital é controlado pela família” Já o agronegócio, em seu conceito acadêmico, é entendido como “[...] um sistema que integra diferentes atividades econômicas que tem como eixo articulador a agropecuária” (CAUME, 2009, p. 29).

Em função dessas contradições que permeiam os conceitos de agronegócio e agricultura familiar, emergem diversas pesquisas que colocam em confronto as ideias de agronegócio e de agricultura familiar. Prevalece, na população, o discurso de incompatibilidade entre o agronegócio e a agricultura familiar (CAUME, 2009). Para muitos, como pesquisado por Cappellesso e Guimarães (2016), o agronegócio é visto somente como agricultura patronal, onde “[...] as funções econômicas delegadas ao setor agropecuário são cumpridas por unidades produtivas de grande escala que utilizam força de trabalho assalariada [...]”. Em contrapartida, Caume (2009, p. 26) ressalta que a agricultura familiar ganha um papel “[...] meramente social, de gerar emprego e renda a produtores excluídos das cadeias de produção”. O autor destaca que não se pode contrapor agricultura familiar e agronegócio, “[...] na medida em que essas categorias dizem respeito a processos sociais e econômicos que lhe são particulares” (CAUME, 2009, p. 42). O autor complementa:

[...] a agricultura familiar é uma determinada forma de organização social da produção e o agronegócio é o processo de articulação da atividade

agropecuária (desempenhada por formas familiares ou patronais de produção) com os demais setores da economia (CAUME, 2009, p. 42).

A partir do enfoque de análise de cadeias produtivas, a agricultura familiar pode ser considerada como um segmento de produtores com características específicas em seus sistemas produtivos. Como afirma Lima et al. (2001), a segmentação é um conceito e uma ferramenta indispensável para obter uma melhor compreensão e conhecimento do mercado, de modo a atender suas necessidades e demandas particulares.

Apesar disso, é possível afirmar que há uma incoerência da discussão “agricultura familiar versus agronegócio”, visto que a agricultura familiar faz parte do agronegócio (SILVA; BREITENBACH, 2013), considerada, para Lima et al. (2001) como um segmento do agronegócio. Além da agricultura familiar, a ideia de agroecologia também está ganhando espaço na literatura. De acordo com Guimarães e Mesquita (2010, p. 1), no campo brasileiro coexistem duas formas, antagônicas e complementares, de manejar a terra: a agroecologia e o agronegócio. Os autores destacam que são “antagônicas pela relação com o ambiente, pela destinação da produção e pelas relações de trabalho” e complementares, pois a produção não concorre entre si. A agroecologia visa o “[...] uso sustentável dos recursos naturais, geração de renda com inclusão social” (GUIMARÃES; MESQUITA, 2010, p. 1), já o agronegócio, os autores associam à agricultura moderna (uso de produtos químicos, modificação genética de sementes, devastação da biodiversidade e aliança com o capital transnacional).

A partir dessas duas visões que consideram a agricultura familiar e a agroecologia, nota-se que o conceito de agronegócio aparece sobre um prisma mais negativo. As diversas perspectivas, acadêmicas ou impregnadas de valor, integram e influenciam a construção do conhecimento socialmente elaborado e partilhado sobre o “agronegócio”, contribuindo para a internalização de concepções distintas sobre este constructo.

Os meios de comunicação, enquanto parte do tecido social (HJARVARD, 2012), são fontes influenciadoras na forma como as pessoas pensam e representam as coisas, ao mesmo tempo em que expressam a forma de pensar de um grupo (SILVA; GUIMARÃES, 2016). Nesse sentido, o estudo de Silva e Guimarães (2016) demonstrou como essa visão de agronegócios – grande produção de *commodities* em



larga escala, com o uso intensivo de tecnologias – é prevaiente nas matérias de uma revista de grande circulação nacional. Neste caso específico, o agronegócio foi associado à produção agropecuária em larga escala, ignorando a produção familiar. Segundo as autoras: “[...] é representado como o grande salvador da economia do país. Literalmente um “salvador da pátria” que “luta” contra forças opostas como o Movimento dos Sem-Terra [MST], a Fundação Nacional do Índio [FUNAI] e as crises econômicas (SILVA; GUIMARÃES, 2016, p. 8, grifo das autoras).

Na seção seguinte a Teoria da Representação Social é descrita.

### **2.3 A Representação Social**

A ideia de representação social surgiu com Durkheim, sob perspectiva da sociologia. Moscovici (2007, p. 45) destaca que a sociologia “[...] viu as representações sociais como artifícios explanatórios, irreduzíveis a qualquer análise posterior”, isto é, sabia-se que as representações sociais existiam na sociedade, porém não buscava em estudar e compreender sua estrutura e sua dinâmica interna. Assim, a ideia de representação social é resgatada em 1961, na França, com a obra *La psychanalyse, son image et son public* do pesquisador Serge Moscovici (SÊGA, 2000; SÁ, 2002; FARR, 1987; SAMMUT; HOWARTH, 2014).

De acordo com Moscovici (1988, p. 214, tradução nossa), “as representações sociais referem-se ao conteúdo do pensamento cotidiano e ao estoque de ideias que dá coerência às nossas crenças religiosas, às ideias políticas e às diversas conexões que criamos espontaneamente”. Além disso, o autor destaca que as representações moldam as relações do homem com a sociedade, tornando-se assim um componente da organização social. Desse modo, elas permitem classificar pessoas e objetos, comparar e explicar comportamentos e objetivá-los como parte do ambiente social.

Em busca de uma definição precisa de representações sociais, Sá (2002, p. 30) destaca que, devido à sua complexidade, muitos autores a fizeram através de uma preparação indutiva. Além disso, é possível observar que, em diversas obras, Serge Moscovici resistiu em delimitar uma definição, por julgar que esta poderia reduzir o seu alcance conceitual (SÁ, 2002). Apesar disso, o autor sugere um conjunto de noções dos campos cognitivos e cultural para compor o seu conceito:

Por representações sociais, entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum (MOSCOVICI, 1981 apud SÁ, 2002, p. 31).

Com esse resgate da ideia de representação social proposto por Durkheim, o tema ganhou destaque universal, sendo considerado atualmente como um dos campos mais produtivos no âmbito da psicologia social de origem europeia, tanto em pesquisas empíricas como teóricas (SÁ, 2002). Desse modo, diversos estudos foram desenvolvidos e novas definições surgiram com o objetivo de adequar-se à complexidade dos fenômenos sociais. Alguns dos principais conceitos estão descritos no Quadro 1.

Em síntese, é possível entender o campo da representação social como um conjunto de conhecimento (explicações, ideias, crenças), tanto individual como coletivo, elaborado dentro de um contexto social que buscar interpretar e pensar a realidade.

**Quadro 1 - Conceitos de Representações Sociais**

Serge Moscovici (1981)	“Por representações sociais, entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum” (SÁ, 2002, p. 31).
Denise Jodelet (1989)	Representação social é “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (SÁ, 2002, p. 32).
Willem Doise (1990)	“Representações sociais são princípios geradores de tomadas de posição ligadas a inserções específicas em um conjunto de relações sociais e que organizam os processos simbólicos que intervêm nessas relações (SÁ, 2002, p. 33).
Jean-Claude Abric (1994)	Representação social é “o produto e o processo de uma atividade mental pela qual um indivíduo ou um grupo reconstitui o real com que se confronta e lhe atribui uma significação específica” (SÁ, 2002, p. 36).
Rafael Sêga (2000)	“As representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetivos e comunicações que lhe concernem” (SÊGA, 2000, p. 128).
Sandra Jovchelovitch (2008)	“A representação, eu busco demonstrar, está na base de todos os sistemas de saber e compreender sua gênese, desenvolvimento e modo de concretização na vida social, nos fornece a chave para entender a relação que amarra o conhecimento à pessoa, a comunidade e mundos de vida. É por meio da representação que podemos compreender tanto a diversidade como a expressividade de todos os sistemas de conhecimento” (DURAN, 2012, p. 239).

Fonte: Cappellesso e Guimarães (2016).

Com a apresentação dos diversos conceitos, é possível observar uma dualidade no mesmo. Como apontam Moscovici e Marková (1998), o conceito, quando comparado com conceitos formais, matemáticos, pode ser considerado vago. Além disso, é considerado também complexo. Esse fato deve-se à natureza do campo, por conter fenômenos sociopsicológicos, linguísticos e econômicos (MOSCOVICI; MARKOVÁ, 1998). Além disso, Moscovici (1988, p. 220, tradução da autora) afirma que as representações constituem a interface entre duas realidades distintas: “[...] realidade psíquica, na ligação que possui com a esfera da imaginação e dos sentimentos; e a realidade externa, que tem seu lugar em uma coletividade e está sujeita às regras de um grupo”.

Um outro processo essencial na teoria das representações sociais é a socialização das descobertas científicas. Moscovici (1988) afirma que uma vez que as representações tomaram forma às diversas teorias científicas existentes, como da personalidade, do cérebro, da economia, do átomo e do computador são integradas no cotidiano do indivíduo, moldando o ambiente social no qual estão inter-relacionados. Segundo o autor, “elas formam o substrato do senso comum e a forma que os mitos se configuram ao longo do tempo” (MOSCOVICI, 1988, p. 216, tradução da autora). O autor complementa:

Theoretical science contributes its very great share to these transformations and to this increase of wealth: this science is constantly diffused by instruction, by conversation, by books and periodicals; it penetrates the bottom of common sense knowledge; it awakens its attention to phenomena hitherto neglected; it teaches it to analyze motions which had remained confused (MOSCOVICI, 1988, p. 217).

Em suma, para a teoria das representações sociais há uma ligação entre o conhecimento do senso comum e o conhecimento científico. O senso comum “[...] é um produto da cultura, que, em nossa sociedade, é mesclado com teorias científicas” (MOSCOVICI, 2007, p. 134). Duran (2012, p. 232) destaca que “a propagação de uma ciência tem um caráter inovador, porque não significa um “contágio de ideias”, [...] mas sim o movimento no decorrer do qual as descobertas científicas são socializadas”.

### 2.3.1 A Representação Social e seus Componentes

Em decorrência desses diversos aspectos, a teoria da representação social rompe o pensamento tradicional presente da época, propondo a junção do universo interno do indivíduo e o universo externo a ele, ou seja, uma articulação entre o sujeito, objeto e sociedade (PATRIOTA, 2007). Assim, a autora ressalta que as representações sociais devem ser analisadas juntamente com elementos afetivos, mentais e sociais, tratando-os de forma articulada, ou seja, considerando os aspectos cognitivos, juntamente com os sociais.

Como aponta Arruda (1998), o principal objetivo das representações sociais é “metabolizar a novidade, transformando-a em substância para alimentar nossa leitura de mundo, assim incorporar o que é novo” (MENDONÇA, 2013). Em outras palavras, “[...] a finalidade de todas as representações é tomar familiar algo não-familiar, ou a própria não-familiaridade” (MOSCOVICI, 2007, p. 54). Além disso, Abric (1994 apud SÁ, 2002) atribui às representações sociais quatro funções essenciais, sistematizadas no Quadro 2.

**Quadro 2 - Funções das Representações Sociais**

<b>Funções do saber</b>	<i>Permitem compreender e explicar a realidade</i> Permitem aos atores sociais adquirir conhecimentos e integrá-los a um quadro assimilável e compreensível para eles, em coerência com seu funcionamento cognitivo e os valores aos quais aderem.
<b>Funções identitárias</b>	<i>Definem a identidade e permitem a salvaguarda da especificidade dos grupos</i> Função de situar os indivíduos e os grupos no campo social, permitindo a elaboração de identidade social e pessoal gratificante, ou seja, compatível com sistemas de normas e de valores sociais e historicamente determinados.
<b>Funções de orientação</b>	<i>Conduzem os comportamentos e as práticas</i> Intervém na definição da finalidade da situação, determinando, assim, a priori, o tipo de relações pertinentes para o sujeito. A representação é prescritiva de comportamentos ou de práticas obrigatórias. Define o que é lícito, tolerável ou inaceitável em um dado contexto social.
<b>Funções justificatórias</b>	<i>Permitem justificar a posteriori as posturas e os comportamentos</i> Além do papel a montante da ação, as representações intervêm também a jusante da ação, permitindo assim aos atores explicar e justificar suas condutas em uma situação ou em relação aos seus participantes.

**Fonte:** Adaptado de Sá (2002) e Abric (2001).

Na visão de Sammut e Howarth (2014, p. 1799, tradução da autora), “as representações sociais são sistemas de comunicação e influência social que constituem as realidades dos diferentes grupos da sociedade”, servindo como os principais meios para estabelecer e ampliar o conhecimento compartilhado, práticas comuns e afiliações que unem os membros sociais. Além disso, elas atuam para apoiar os sistemas de identidade, comunidade, inclusão e exclusão.

A partir disso, um objeto é essencial para a criação e expansão das representações: a comunicação, como proposto por Sammut e Howarth (2014). Moscovici (2007, p. 8) ressalta que as influências sociais da comunicação que sustentam as representações “[...] constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros”. Malrieu (1978 apud LANE; CODO, 1989, p. 35) complementa que a representação social se constrói no processo de comunicação, “[...] no qual o sujeito põe à prova, através de suas ações, o valor [...] do posicionamento dos que se comunicam com ele, objetivando e selecionando seus comportamentos e coordenando-os em função de uma procura de personalização”. Exemplificando, Lane e Codo (1989, p. 35) destacam que “[...] a criança ao falar constrói suas representações sociais, entendidas como uma rede de relações que ela estabelece, a partir de sua situação social, entre significados e situações que lhe interessam para sua sobrevivência”. Desse modo, a comunicação é o principal veículo que permite a formação das representações que tornam possíveis a reconstrução do real (PATRIOTA, 2007).

A transição para a modernidade traz consigo novas formas de comunicação, que se originaram com o desenvolvimento da imprensa e com a difusão da alfabetização (MOSCOVICI, 2007). A partir disso, o autor destaca que a emergência das novas formas de meios de comunicação de massa gerou tanto novas possibilidades para a circulação de ideias, como também trouxe grupos sociais mais amplos para o processo de produção psicossocial do conhecimento. As questões de legitimação e comunicação servem para “[...] enfatizar o sentido da heterogeneidade da vida social moderna, uma visão que ajudou a dar à pesquisa sobre Representações Sociais um foco distinto, na emergência de novas representações” (DURAN, 2012, p. 242).

Em suma, Moscovici (2007, p. 21) destaca que as representações são sempre um produto da interação e comunicação “[...] e elas tomam sua forma e configuração

específicas a qualquer momento, como uma conseqüência do equilíbrio específico desses processos de influência social”. Para Abric (2001, p. 13), a representação “funciona como un sistema de interpretación de la realidad que rige las relaciones de los individuos con su entorno físico y social, ya que determinará sus comportamientos o sus prácticas”. Lane e Codo (1989) complementam que compreendê-las implica conhecer não só o discurso mais amplo, mas a situação que define o indivíduo que as produz.

### 2.3.2 A Teoria do Núcleo Central e sua Abordagem Complementar

A partir dessa construção teórica de representação social, Jean Claude Abric, em 1976, propõe a teoria do núcleo central, uma abordagem complementar à teoria das representações sociais. Analisando a estrutura das representações, essa nova abordagem avançou a teoria e a pesquisa em todas as direções (SÁ, 1996), propondo novas estratégias metodológicas para o seu estudo. A ideia essencial dessa nova abordagem é a de que “toda representação está organizada em torno de um núcleo central [...], que determina, ao mesmo tempo, sua significação e sua organização interna” (ABRIC, 1994 apud SÁ, 2002, p. 67). Para Abric (1993, p. 74, tradução da autora) as representações sociais possuem dois componentes: “o núcleo central e os elementos periféricos que funcionam como uma entidade, cada parte tendo um papel específico, mas complementar em relação ao outro”. O autor afirma:

[...] la organización de una representación presenta una modalidad particular, específica: no únicamente los elementos de la representación son jerarquizados sino además toda representación está organizada alrededor de un núcleo central, constituido por uno o varios elementos que dan su significación a la representación (ABRIC, 2001, p. 18).

Em resumo, o núcleo central é entendido como um subconjunto da representação social, composto de um ou vários elementos que dão significado para esta representação e cuja ausência desestruturaria ou mudaria seu significado (ABRIC, 2001; SÁ, 2002). Considerando sua função, Abric (2001) destaca: 1) função geradora, onde se cria ou transforma o significado das representações, dando um sentido e valor a estes elementos; e 2) função organizadora, onde o núcleo central

que determina a natureza dos laços que unem entre si os elementos da representação, tornando-se elemento unificador e estabilizador das representações.

Como complemento do sistema ou núcleo central, há o sistema periférico, constituído “pelos elementos que se organizam ao redor do núcleo central” (ABRIC, 2001, p. 23, tradução da autora). Estes elementos periféricos desempenham um papel importante na concretização do significado da representação. Em outras palavras, constituem a interface entre o núcleo central e a situação concreta, de modo a proteger o núcleo central e contribuir para a sua adaptação ao contexto imediato (ABRIC, 1993; SÁ, 2002). Considerando suas funções, Abric (2001) ressalta: 1) função de concretização, constituem a interface entre o núcleo central e a situação concreta na qual a representação é laborada ou colocada em funcionamento; 2) função de regulação, adapta as representações a evoluções do contexto ou diferentes situações; e 3) função de defesa, o núcleo central de uma representação resiste à mudança, posto que sua transformação provocaria uma alteração completa.

**Quadro 3 - Características do sistema central e do sistema periférico das representações**

Sistema Central	Sistema Periférico
Vinculado à memória coletiva, refletindo as condições sócio-históricas e os valores do grupo;	Permite a integração das experiências e histórias individuais;
Consensual, define a homogeneidade do grupo;	Suporta a heterogeneidade do grupo;
Estável, coerente, resistente às mudanças, assegurando assim a continuidade e a permanência da representação;	Flexível e suporta as contradições;
Resistente à mudança;	Evolutivo;
Pouco sensível ao contexto social e material imediato;	Sensível ao contexto social imediato;
Funções: - Gera a significação da representação; - Determina a organização de seus elementos.	Funções: - Permite a adaptação à realidade concreta; - Permite a diferenciação do conteúdo; - Protege o sistema central.

**Fonte:** Adaptado de Abric (1993), Sá (1996) e Sá (2002).

A partir dessa análise, a organização das representações sociais e seu funcionamento é regido por um duplo sistema, composto pelo núcleo central e sistema periférico (ABRIC, 2001). O Quadro 3 sintetiza as características e funções de cada um dos sistemas (central e periférico) apresentados na organização interna das representações sociais.

Com base nestas propriedades e funções é que se pretende compreender as representações sociais sobre o agronegócio de estudantes dos cursos ligados à gestão de agronegócios da Universidade de Brasília – UnB, analisando os elementos centrais dessas representações.

Apesar da lacuna apontada em relação a estudos semelhantes, na seção seguinte são apresentados os pouquíssimos estudos encontrados. Além disso, detalha-se os resultados dos estudos de Cappellesso e Guimarães (2016) com os estudantes de Gestão de Agronegócios do Campus Darcy Ribeiro que servirá de comparação com este novo estudo.

## **2.4 Estudos Anteriores**

Apesar de não investigar as representações sociais, um estudo quantitativo realizado pela Associação Brasileira do Agronegócio – ABAG (2013) é aqui descrito, já que buscou compreender a percepção da população sobre o agronegócio. O estudo foi realizado com uma amostra de 616 respondentes, residentes na zona urbana de 12 grandes centros urbanos (São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Brasília, Fortaleza, Belo Horizonte, Manaus, Curitiba, Recife, Porto Alegre, Belém e Goiânia).

Os resultados apontaram que o Brasil foi considerado pelos entrevistados como o país em que o agronegócio está mais desenvolvido, superando países como Estados Unidos e China. Com relação ao conhecimento do termo, 59,6% dos entrevistados disseram ter ouvido falar sobre o termo agronegócio. Porém, estes o associaram à elementos restritos ao setor primário (dentro da porteira), correlacionando-o com a agricultura, pecuária, negócios do campo, entre outros. Já em relação a importância do setor, a maioria dos entrevistados (81,3%) consideraram o agronegócio como “muito importante” para a economia nacional. Em complemento, há uma notável relação entre o aumento do nível atribuído de importância com o aumento do nível de escolaridade, onde nos casos dos entrevistados com ensino



superior, a importância máxima atribuída chegou a 97,2%. Esses fatos destacaram que, apesar dos entrevistados não conhecerem a definição de agronegócio, o reconhecimento de sua importância é grande.

Em contrapartida, apesar do agronegócio ser visto pelos entrevistados de classes mais altas associado à geração de empregos, para as classes mais baixas (D e E), este é associado ao desemprego. Da mesma forma, os setores de Agronegócio e Construção são relacionados a características como desmatamento e consumo de água, sendo que, para o primeiro, o volume de água utilizado é uma característica ainda mais fortemente associada. Assim, foi possível observar que o agronegócio possui elementos contraditórios, como apontado por Vezzali (2006) e Weissheimer (2006).

Uma outra pesquisa realizada por Cappellesso e Guimarães (2016), indutor do presente estudo, buscou compreender as representações sociais sobre o agronegócio dos estudantes de Gestão de Agronegócios da Universidade de Brasília – UnB. Para isso, participaram 35 alunos, divididos em dois grupos distintos, sendo o primeiro com 18 estudantes do início do curso (ingressos no período da pesquisa) e o segundo com 17 estudantes do final do curso (a partir do 7º semestre).

A metodologia seguiu o mesmo formato do presente estudo, com a aplicação de um Teste de Associação Livre de Palavras, em que imagens das várias interfaces do agronegócio foram utilizadas como “objeto indutor”. Para compreender e analisar os núcleos centrais e periféricos das representações, as autoras consideraram a frequência e a ordem em que as palavras eram evocadas.

Foi possível observar que houve divergências nas representações dos dois grupos. O primeiro grupo (início do curso) associou o agronegócio principalmente ao elo *produção primária*. Neste grupo foi possível observar que as representações sociais estavam relacionadas às atividades realizadas em um contexto específico – ambiente rural ou campo. Além disso, as ideias de mecanização e inovação tecnológica também foram fortemente associadas ao agronegócio e considerados como possíveis elementos do núcleo central das representações desses discentes. Este grupo, por ainda não conhecer o conceito e os elementos do agronegócio, ingressaram no curso com visões alinhadas com a grande mídia, onde o agronegócio é associado à produção em escala e a alta tecnologia empregada.

Já no segundo grupo, as autoras observaram que o agronegócio foi associado a uma variação maior dos elos, como *armazenamento*, *produção primária* e

*distribuição*. Além disso, as palavras evocadas pelo grupo compreenderam os diversos processos e operações que são englobados na definição (suprimentos /insumos, produção, armazenamento, processamento e comercialização do produto final). As autoras consideraram que houve uma influência do curso sobre as representações sociais dos discentes, resultando na ampliação de suas visões sobre o conceito de agronegócio.

Apesar desses elementos, o estudo também observou, dentro das evocações dos discentes, elementos negativos ligados ao agronegócio. Para o primeiro grupo, questões como o desmatamento foram evocadas repetidas vezes. Já para o segundo grupo, questões como mão-de-obra e suas condições foram enfatizadas, evocando expressões como: “sofrimento”, “más condições de trabalho”, “péssima condição de trabalho”, “trabalho escravo” e “trabalho semiescravo”. Apesar de serem evocados elementos negativos, ambos os grupos não os associaram ao agronegócio. Esse fato demonstrou, segundo as autoras, que os alunos tentam lidar com as contradições que este setor lhes impõe, desassociando-o de imagens que remetem a aspectos socialmente vistos como negativos.

Como o estudo supracitado será utilizado para comparação e para entendimento das representações sociais dos estudantes dos cursos ligados à gestão de agronegócios da UnB, retornar-se-à aos seus resultados no capítulo seguinte.

Por fim, uma outra pesquisa realizada por Silva e Guimarães (2016) buscou compreender as representações sociais sobre o agronegócio na mídia brasileira. Segundos as autoras, além da função informativa, as mídias contribuem massivamente no processo de interlocução entre indivíduos e a realidade social, influenciando na formação das representações sociais dos indivíduos. Para a realização do estudo, elas selecionaram um importante e conhecido veículo nacional de comunicação brasileira, a Revista Veja, procedendo-se a análise de conteúdo de reportagens pertinentes ao agronegócio. O levantamento considerou as cinquenta e uma edições publicadas em 2014 e semelhante número em 2015, dentre as quais, foram selecionadas 8 reportagens nas edições de 2014 e 10 reportagens de 2015.

As autoras ressaltaram que, dentro da amostra selecionada acima, apenas três explicitaram o termo “agronegócio”, sendo que para elas o termo foi associado à *commodities*, à grande produção e à produção empresarial de larga escala no âmbito das cadeias produtivas do agronegócio. Já as demais reportagens apresentaram um conjunto de sinônimos, como “cadeia”, “*commodities*” e “setor produtivo”. Além disso,

as autoras observaram expressões de uso mais corriqueiro, mas também fortemente associados aos negócios da esfera rural: “dentro da porteira”, “sistema de produção” e “campo brasileiro”.

Considerando a relação agronegócio e mídia (Revista Veja), os resultados revelaram que a caracterização resultante manifesta ser marcadamente polarizada. As autoras destacaram que “[...] a representação social do agronegócio nas reportagens é expressa separadamente e, por conveniência, desvinculando dois importantes agentes do agronegócio brasileiro, sendo eles as produções patronal e familiar”. Além disso, a representação do agronegócio brasileiro no veículo estudado perpetua uma visão limitada à produção dentro da porteira, semelhante aos dois estudos anteriores.

A pesquisa revelou ainda que as evoluções tecnológicas e de gestão, nas etapas subsequentes à produção rural são, por vezes, atribuídas a feitos da indústria, sendo tratada como um “cliente” do agronegócio, não sendo considerada como parte do próprio agronegócio. Em complemento, as autoras destacaram que a representação social encontrada na mídia corrobora com a ideia de um agronegócio produtivista, de escala, do campo e patronal. Essa representação contribui para a formação do imaginário da sociedade a respeito do tema e para o desenvolvimento de juízos de valor dos indivíduos. Em outras palavras, há um alto grau de influência da mídia na formação de opinião pública.

A partir dos três estudos analisados, é possível observar que os brasileiros, principalmente aqueles que não possuem contato com o setor, reconhecem o agronegócio até certo ponto, não o compreendendo como um sistema que vai desde a produção de insumos até o consumidor final. Esse fato é corroborado pela mídia, que limita o agronegócio à produção primária, influenciando a visão e limitando as opiniões de todos os indivíduos que a acessam. Em suma, é possível afirmar que tanto a mídia como os indivíduos não possuem um conhecimento sobre o seu conceito e os agentes participantes, tendo assim uma noção “limitada” de agronegócio, desconsiderando a visão sistêmica e de cadeia do termo, como proposto por seus criadores John Davis e Ray Goldberg.

Com o objetivo de analisar os estudos e as áreas contempladas por estes, buscou-se um levantamento na base de dados do Scientific Electronic Library Online – SciELO. Esse levantamento ocorreu no início de dezembro de 2016 e utilizou-se como descritor o termo “*representações sociais*”, resultando em 1.618 estudos.

Os dois primeiros estudos foram realizados em 1988 e estão relacionados à área de saúde. Somente em 1992 os estudos sobre o tema foram retomados e até o início do século 21 (1992-2000) realizaram-se 103 pesquisas, podendo observar-se um aumento gradativo ao longo dos anos. Já entre os anos de 2001 e 2007 nota-se 434 pesquisas, tendo um aumento exponencial nos anos seguintes (2008-2016), totalizando 1.076 neste período.

Com relação às áreas temáticas, estudos relacionados à ciência da saúde e às ciências humanas são os principais, como demonstrado na Tabela 2. Dentro dessas áreas, os estudos envolviam diversas subáreas, sendo as principais: enfermagem (262), saúde pública, ambiental e ocupacional (240) e educação e pesquisa ocupacional (158). É importante destacar que alguns estudos são considerados em mais de uma área temática, podendo ser identificados e contabilizados mais de uma vez.

**Tabela 2 - Número e Áreas de Estudos sobre as Representações Sociais**

Área Temática	Ano									Total
	<2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	
Ciência da Saúde	329	62	59	89	56	77	64	46	27	<b>809</b>
Ciências Humanas	260	52	57	61	62	58	49	58	27	<b>684</b>
Ciências Sociais Aplicadas	94	19	10	11	20	19	17	13	8	<b>211</b>
Ciências Biológicas	22	2	6	21	0	4	2	3	1	<b>61</b>
Multidisciplinar	6	2	4	1	3	1	1	1	0	<b>19</b>
Linguística, Letras e Artes	1	2	1	0	1	4	1	4	1	<b>15</b>
Ciências Agrárias	0	1	0	0	0	0	1	0	0	<b>2</b>
Engenharias	0	0	0	0	0	0	1	0	0	<b>1</b>
Ciências Exatas e da Terra	0	0	0	0	0	0	0	0	1	<b>1</b>

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Considerando as áreas de ciências agrárias e ciências exatas e da terra, que se aproximam do agronegócio, três estudos foram identificados: 1) A educação

ambiental na formação de professores de Química: estudo diagnóstico e representações sociais; 2) a atividade carbonífera e suas representações sociais no sul do Brasil; e 3) representações de gestantes sobre o uso de plantas medicinais. Observa-se que estes estão inseridos também em outras áreas, como Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Biológicas.

É importante citar alguns estudos de outras áreas para compreender a metodologia utilizada, principalmente aquelas utilizadas na identificação do núcleo central e periférico.

Primeiramente, uma pesquisa realizada por Cortes Junior e Fernandez (2016) buscou identificar as representações sociais de Educação Ambiental dos professores de Química. Para isso, os autores realizaram análise documental e a investigação das representações sociais de alunos da graduação em Licenciatura em Química. Utilizou-se no estudo a Evocação Livre de Palavras, onde foi solicitado a cada aluno a evocar cinco palavras relacionadas ao tema. Para a identificação do núcleo central, “as palavras foram organizadas em um quadro de quatro casas, combinando-se a frequência e a ordem em que foram evocadas” (CORTES JUNIOR; FERNANDEZ, 2016, p. 750). Os autores estabeleceram uma fórmula matemática, sendo possível encontrar a importância atribuída pelos sujeitos, permitindo a identificação do núcleo central. A frequência ( $f$ ) representa a quantidade total de vezes que a mesma palavra aparece nas evocações. Já a ordem média de evocação (OME) representa o posicionamento que a mesma ocupa dentro das evocações. A fórmula então é calculada a partir da soma do produto do número de vezes em que a palavra foi evocada e hierarquizada (1, 2 ou 3), divididos então pela frequência total em que a palavra aparece. A partir disso, a OME foi calculada pela seguinte função:

$$OME = \frac{\sum_1^n n \times (\text{número de evocações em } n - \text{ésimo lugar})}{f}$$

A partir dessa relação, foram levantados os elementos pertencentes ao núcleo central. As palavras foram agrupadas nos seguintes quadrantes apresentados na Figura 2.

**Figura 2 - Critérios Utilizados para Definição do Núcleo Central e Periférico**

<b>ELEMENTOS CENTRAIS</b> Frequência $\geq$ Média OME $<$ Média	<b>ELEMENTOS INTERMEDIÁRIOS</b> Frequência $\geq$ Média OME $\geq$ Média
<b>ELEMENTOS INTERMEDIÁRIOS</b> Frequência $<$ Média OME $<$ Média	<b>ELEMENTOS PERIFÉRICOS</b> Frequência $<$ Média OME $\geq$ Média

Fonte: Cortes Junior e Fernandez (2016)

Outro estudo realizado por Hedler et al. (2016) aborda as representações sociais do cuidado e do cuidador familiar da pessoa idosa. Para identificar estas representações sociais, os autores utilizaram o instrumento de evocação, com a Técnica de Associação Livre de Palavras para as expressões “cuidador familiar de idoso” e “cuidado”. Na análise da estrutura básica das representações, os autores utilizaram a ideia de J. Abric, que apresenta peso diferente para cada quadrante, como mostra a Figura 3.

**Figura 3 - Evocações Hierarquizadas**

		Ordem	
		Primeiros Colocadas	Últimas Colocadas
Frequência	Forte	Zona do núcleo central	1ª periferia
	Fraca	1ª periferia	2ª periferia

Fonte: Adaptado de Hedler et al. (2016).

Destaca-se, assim, a importância da frequência e da ordem em que as palavras foram evocadas para a identificação do núcleo central e do sistema periférico, sendo tais aspectos considerados na realização deste estudo. Os aspectos metodológicos adotados para a sua realização são detalhadamente descritos no capítulo seguinte.

### 3 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Neste capítulo são apresentados os procedimentos e técnicas utilizados na realização do presente estudo. Primeiro, é apresentado o tipo de pesquisa utilizada e suas características; após, faz-se uma contextualização da Universidade de Brasília e do curso Gestão do Agronegócio, campo desta investigação. Em seguida é delimitado os participantes do estudo e, por fim, apresentam-se os instrumentos e procedimentos adotados para a coleta e análise dos dados.

Destaca-se que o presente estudo qualifica-se como uma pesquisa qualitativa e exploratória, tendo em vista a baixa disponibilidade de trabalhos nessa temática e a intenção de familiarizar-se com o assunto, obtendo um entendimento mais profundo e preciso sobre esses fenômenos.

É importante ressaltar que uma última análise buscou comparar as representações sociais dos discentes de Gestão do Agronegócio (Campus Planaltina) com os discentes de Gestão de Agronegócios (Campus Darcy Ribeiro), realizado em um estudo anterior por Cappellesso e Guimarães (2016). Este estudo contou com métodos e técnicas de pesquisa similares para a coleta e análise dos dados.

#### 3.1 Tipo de Pesquisa

Com o objetivo de levantar as representações sociais sobre o agronegócio foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo. Chueke e Lima (2012) destacam que essa abordagem compreende que a realidade é subjetiva e múltipla, sendo construída de modo distinto por cada pessoa. Assim, o pesquisador é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas e, para compreender os diversos significados do sujeito, o pesquisador deve interagir com os sujeitos (CHUEKE; LIMA, 2012; GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 32), a pesquisa qualitativa preocupa-se “[...] com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. Os autores, ao citarem Minayo (2001), ressaltam que a pesquisa qualitativa analisa o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, “[...] o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não

podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

Em suma, a pesquisa qualitativa é compreendida “[...] como processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social” (GIL, 2008, p. 26). Em outras palavras, considera-se a pesquisa qualitativa como uma abordagem que estuda os fenômenos sociais em seu ambiente natural, para assim compreender os significados destes fenômenos para os indivíduos estudados.

Por excelência, alguns atributos de determinados fenômenos fazem que sejam objetos de investigações qualitativas (VIEYTES, 2009, p. 49, grifo nosso). Dentre esses, a autora destaca “los objetos muy abstractos como la libertad, la elección, la creatividad, el amor, el sentido de la vida, el cambio, el mal, las *representaciones sociales*, los imaginários y los estereótipos”.

Assim, tal abordagem se fez coerente com os objetivos dessa pesquisa, dado que “[...] as representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais e sociais” (LANE, 1995 apud PATRIOTA, 2007). Portanto, para compreender as representações adotadas pelos indivíduos, deve-se adotar uma metodologia que contemple esses diversos elementos.

Além da abordagem qualitativa, esta pesquisa caracteriza-se também como exploratória, dado que o tema escolhido é pouco explorado academicamente. Para Gil (2008) esse tipo de pesquisa tem o objetivo de propiciar uma visão geral, de tipo aproximativo sobre determinado fato. Em outras palavras, busca-se proporcionar maior familiaridade com o problema, que servirá como subsídio para uma pesquisa futura maior (GERHARDT; SILVEIRA, 2009; PIOVESAN; TEMPORINI, 1995).

A pesquisa exploratória tem como principal objetivo “[...] conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto onde ela se insere” (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995, p. 321). Os autores ressaltam que o comportamento humano é melhor compreendido no contexto social onde ocorre. Assim, essa abordagem é considerada por Gil (2008) com menor rigidez no planejamento e pode envolver levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso (GERHARDT; SILVEIRA, 2009; GIL, 2008).

Em suma, Piovesan e Temporini (1995, p. 322) destacam que o estudo exploratório permite “aliar as vantagens de se obter os aspectos qualitativos das informações à possibilidade de quantificá-los posteriormente. Esta associação realiza-



se em nível de complementaridade, possibilitando ampliar a compreensão do fenômeno em estudo”.

### 3.2 Caracterização Acadêmica dos Cursos

A Universidade de Brasília – UnB, objeto do presente estudo, foi inaugurada em 21 de abril de 1962, com apenas dois anos de Brasília e é considerada uma das principais referências acadêmicas nacionais (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2016). Ela é composta por quatro campus, sendo o principal em Brasília (Campus Darcy Ribeiro) e outros três em Planaltina (Faculdade UnB Planaltina), Gama (Faculdade UnB Gama) e Ceilândia (Faculdade UnB Ceilândia).

Atualmente, oferece 155 cursos de graduação, 85 cursos de mestrado e 69 de doutorado. Em 2015, a universidade contou com 37.982 alunos regulares de graduação, 8.153 de pós-graduação, 2.404 docentes e 3.024 técnico-administrativos (Tabela 3), totalizando uma população universitária em quase 50 mil, em 2014 (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2017).

**Tabela 3 - Evolução da População Universitária da UnB, 2011 a 2015**

Ano	Graduação	Pós-Graduação			Docentes	Técnico-Adm.
		Mestrado	Doutorado	Residência Médica		
2011	31.496	4.413	2.645	298	2.279	2.629
2012	32.516	4.983	3.020	311	2.355	2.725
2013	34.453	4.892	3.165	329	2.663	2.596
2014	36.372	4.358	3.218	350	2.695	2.623
2015	37.982	4.428	3.372	353	2.404	3.024

Fonte: Adaptado de Universidade de Brasília (2017).

Dentre os 155 cursos de graduação oferecidos pela UnB, encontra-se dois ligados à gestão de agronegócios, porém lotados em campus distintos. O primeiro curso, lotado no Campus Planaltina, iniciou-se no 1º semestre de 2006 e foi denominado de Gestão do Agronegócio. Em 2º semestre de 2015, o curso contou com 302 alunos regulares, tendo no ano 87 alunos ingressantes e 27 alunos formados (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2017). Segundo a mesma fonte, do total de alunos regulares e ativos no 2º/2015, foram 147 do sexo feminino e 147 do sexo masculino,

tendo uma participação igualitária. Considerando a raça/cor dos alunos regulares, foram: 13 amarela; 69 branca; 132 parda; 38 preta; 49 sem declaração e 1 sem informação.

Já o segundo curso, denominado de Gestão de Agronegócios, iniciou-se no 1º semestre de 2010 no Campus Darcy Ribeiro. Ele contou, no 2º semestre de 2015, com 226 alunos regulares, tendo no ano 71 alunos ingressantes e 11 alunos formados (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2017). Considerando os alunos regulares e ativos desse curso no 2º semestre de 2015, observou-se a prevalência de estudantes do sexo masculino, com um total de 151 alunos, contra 67 do sexo feminino. Considerando a raça/cor dos alunos regulares, foram: 6 amarela; 84 branca; 1 indígena; 79 parda; 20 preta e 36 sem declaração.

A diversidade torna-se um elemento importante para a compreensão das representações sociais, tendo em vista que as representações são socialmente elaboradas e compartilhadas, definindo a maneira de interpretar e pensar a realidade de determinado grupo. Em outras palavras, apesar de estudar as representações dos discentes, compreende-se, indiretamente, as representações dos grupos em que estes alunos estão inseridos, dado que a representação social de um sujeito retrata a representação de um grupo específico.

Apesar de ambos serem ligados à gestão de agronegócios da UnB, os cursos possuem escopos divergentes. O curso de Gestão do Agronegócio do Campus de Planaltina, em seu fluxo normal são oito semestres, totalizando uma carga horária de 3.000 horas-aula. Destaca-se aqui que para a obtenção do grau de bacharel no curso, é necessário realizar o estágio obrigatório, não contemplando um Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Seu corpo docente é composto por 10 professores com formação em diversas áreas ligadas à temática do curso.

**Quadro 4 - Comparativo da Matriz Curricular dos Cursos Ligados ao Agronegócio da UnB**

<b>Gestão de Agronegócios (Campus Darcy Ribeiro)</b>	<b>Gestão do Agronegócio (Campus Planaltina)</b>
<b>Ciências Agrárias</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sistemas de Produção de Matérias-Primas Animais</li> <li>- Sistemas de Produção de Matérias-Primas Vegetais</li> <li>- Tecnologias de Produtos Agroindustriais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sistemas de Produção de Matérias-Primas Animais</li> <li>- Sistemas de Produção de Matérias-Primas Vegetais</li> <li>- Tecnologias de Produtos Agroindustriais</li> </ul>
<b>Ciências Exatas</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estatística Aplicada</li> <li>- Matemática 1</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estatística Aplicada à Gestão do Agronegócio</li> <li>- Matemática para Agronegócio</li> </ul>
<b>Administração</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Análise de Decisões 1</li> <li>- Análise Organizacional, Sistemas e Métodos</li> <li>- Cálculo Financeiro</li> <li>- Canais de Distribuição de Alimentos</li> <li>- Comercialização de Produtos Agroindustriais</li> <li>- Comportamento do Consumidor de Alimentos</li> <li>- Custos Agroindustriais</li> <li>- Gestão Ambiental</li> <li>- Gestão da Qualidade</li> <li>- Introdução à Administração</li> <li>- Introdução à Contabilidade</li> <li>- Logística Empresarial</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Administração Aplicada ao Agronegócio</li> <li>- Administração Financeira</li> <li>- Análise de Decisões e Administração de Riscos</li> <li>- Comercialização de Produtos Agroindustriais</li> <li>- Contabilidade Gerencial</li> <li>- Custos Agroindustriais</li> <li>- Gestão Ambiental</li> <li>- Gestão da Qualidade</li> <li>- Gestão de Cooperativas</li> <li>- Gestão de Negócios Internacionais</li> <li>- Marketing no Agronegócio</li> <li>- Planejamento Estratégico e Empresarial</li> <li>- Transporte e Logística Agroindustrial</li> </ul>
<b>Economia</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Economia Brasileira</li> <li>- Introdução à Economia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Economia Aplicada ao Agronegócio</li> </ul>
<b>Sociologia</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Introdução à Sociologia</li> <li>- Princípios de Sociologia Econômica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sociologia</li> </ul>
<b>Psicologia</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ação Coletiva e Formação de Grupos de Interesse no Agronegócio</li> <li>- Gestão do Trabalho no Contexto Rural e Agroindustrial</li> <li>- Comportamento Organizacional nos Ambientes Rural e Agroindustrial</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Gestão de Pessoas</li> </ul>
<b>Outros</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolvimento e Gestão de Projetos no Agronegócio</li> <li>- Fatores de Produção Agropecuária</li> <li>- Introdução ao Agronegócio</li> <li>- Metodologia de Pesquisa</li> <li>- Métodos Qualitativos Aplicados ao Agronegócio</li> <li>- Métodos Quantitativos em Gestão</li> <li>- Regulação e Políticas Públicas</li> <li>- Sistemas Agroindustriais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Elaboração e Análise de Projetos Agroindustriais</li> <li>- Evolução da Agricultura Familiar</li> <li>- Inovação Tecnológica</li> <li>- Introdução ao Agronegócio</li> <li>- Metodologia de Pesquisa</li> <li>- Pesquisa e Extensão</li> <li>- Pesquisa Operacional</li> <li>- Regulação e Políticas Públicas</li> <li>- Sistema de Informação e Agronegócio</li> <li>- Sistemas Agroindustriais</li> </ul>

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Em contrapartida, o curso de Gestão de Agronegócio, objeto do estudo de Cappellesso e Guimarães (2016), contempla nove semestres em seu fluxo normal. Além do estágio obrigatório para a obtenção do grau de bacharel, é necessário realizar o Trabalho de Conclusão de Curso, dividido em dois semestres. O curso conta com docentes exclusivos, isto é, não são os mesmos docentes para ambos os cursos ligados à gestão de agronegócios.

Analisando a organização da matriz curricular de ambos os cursos, nota-se que estes envolvem áreas como Ciências Agrárias (Agronomia, Medicina Veterinária e Ciência e Tecnologia de Alimentos), Ciências Sociais Aplicadas (Direito, Administração e Economia) e também Ciências Humanas (Sociologia e Psicologia). Observa-se uma diversidade de disciplinas relacionadas aos diversos campos de conhecimento, porém, algumas disciplinas variam entre os cursos. O Quadro 4, acima, apresenta as disciplinas obrigatórias por área de conhecimento.

No que se refere às Ciências Agrárias e Exatas, nota-se disciplinas similares referente ao seu escopo. No que se refere à Economia, Sociologia e Psicologia, há disciplinas semelhantes, porém, observa-se uma abrangência maior do curso do Darcy Ribeiro nessas áreas, com um maior número de disciplinas. Constatou-se que ambos os cursos possuem disciplinas mais voltadas para Administração e outras que variam quanto à área, tendo uma abrangência mais específica para setores do agronegócio. Nessas áreas, observa-se uma maior divergência das disciplinas, tendo cada curso um foco diferenciado.

Além disso, outras variações ocorrem quanto ao tipo da disciplina (obrigatória ou optativa), sendo algumas obrigatórias em um e optativo em outro, como, por exemplo as disciplinas “Evolução da Agricultura Familiar”, “Gestão de Negócios Internacionais”, “Inovação Tecnológica” e “Marketing” que são obrigatórias para o curso de Planaltina e optativa para os discentes do Darcy Ribeiro.

Assim, por ser considerado uma área atual em termos acadêmico-científico e de formação profissional, compreender as representações sociais sobre o agronegócio dos jovens que buscam a formação neste campo é essencial para conhecer como esse será tratado profissionalmente. Romper com visões pré-concebidas, impregnadas de vieses ideológicos é fundamental para aqueles que buscam futura atuação no setor e conhecer essas representações é primordial para aqueles que trabalham na formação desses estudantes.

### 3.3 Participantes do Estudo

Para compreender as representações sociais dos alunos de Gestão do Agronegócio (Campus Planaltina) da Universidade de Brasília sobre o agronegócio, foram selecionados 30 estudantes, divididos em dois grupos: início do curso ( $G_i$ ) e final do curso ( $G_f$ ). Esses foram colocados em 4 grupos de, em média, 7 alunos. A hipótese inicial era de que as representações destes dois grupos ( $G_i$  e  $G_f$ ) poderiam se diferenciar em função da aprendizagem acadêmicas, motivo que levou à escolha de estudantes de períodos iniciais e finais.

A partir disso, utilizou-se a amostragem do tipo não probabilística, onde a seleção dos participantes depende, ao menos em parte, do julgamento do pesquisador (MATTAR, 1996). Nesse tipo de pesquisa, busca-se compreender o fenômeno e não o generalizar. O tipo de amostragem não probabilística adotada neste estudo foi a amostragem por conveniência, que envolve “[...] selecionar os respondentes principalmente com base em sua disponibilidade e disposição para responder” (SHAUGHNESSY; ZECHMEISTER; ZECHMEISTER, 2012, p. 156). Esse tipo de amostragem aplica-se normalmente em estudos exploratórios, onde não possui a intenção de generalizar os resultados (GIL, 2008).

Assim, os participantes foram selecionados no Campus Planaltina, por estarem no curso de Gestão do Agronegócio, objeto do estudo. É importante destacar que entrou-se em contato com os professores do *campus*, explicando o estudo. Após a permissão dos professores para a coleta dos resultados no final de suas aulas, explicou-se o estudo de forma sucinta para não influenciar os estudantes e, após, realizou-se o convite para estes, enfatizando que a sua participação seria voluntária. Em seguida, a aplicação dos instrumentos ocorreu em salas disponíveis no momento do convite.

Destaca-se que o estudo de Cappellesso e Guimarães (2016) contou com a participação de 35 estudantes, divididos também entre o início do curso ( $G_i$ ) e o final do curso ( $G_f$ ). No primeiro grupo contou-se com 18 estudantes do 1º semestre, com idade igual/abaixo de 19 anos. Já o segundo com 17 estudantes, correspondendo a partir do 7º semestre do curso, tendo, majoritariamente entre 20 e 25 anos.

### 3.4 Instrumentos e Procedimentos para Coleta de Dados

Para conhecer o perfil dos participantes, na primeira etapa da pesquisa buscou-se conhecer as informações biográficas de interesse para o estudo, como idade, gênero, curso e período.

Após esse primeiro momento e para a coleta dos dados, empregou-se o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), bastante difundida nas pesquisas da Psicologia Social, principalmente quando busca-se estudar as representações sociais. Essa técnica, segundo Neves et al. (2014), auxilia na melhor extração de dados quando o estudo se referir aos processos cognitivos dos sujeitos envolvidos, sendo, portanto, coerente com a proposta desta pesquisa. Os autores destacam que essa técnica é adequada quando se quer apreender as representações sociais relacionadas a objetos e fenômenos. Assim, o TALP permitiu aos discentes projetarem suas crenças, conhecimentos e interpretação subjacentes sobre o objeto indutor de forma espontânea e livre.

É importante destacar que, em conformidade com a Resolução nº 196 de 1996 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisa envolvendo seres humanos, foram garantidos a voluntariedade, o sigilo e anonimato aos participantes. Com isso, solicitou-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A, p. 111) antes de realizar a pesquisa, destacando as informações em linguagem clara. Após o consentimento, foram coletados os dados biográficos dos participantes, tais como idade, sexo e semestre em que estavam cursando.

No TALP, segundo Merten (1992), na forma mais simples e historicamente utilizada, pede-se ao sujeito que responda com a primeira palavra que vier à mente a uma série de palavras enunciadas pelo pesquisador. Nesse sentido, pode-se seguir duas dimensões independentes, sendo que a primeira, pede-se ao sujeito para, em vez de discretas, fazer associações contínuas e, a segunda “ele deve associar de forma restrita e não livremente” (MERTEN, 1992, p. 532). No caso descrito, utilizou-se a primeira estratégia, onde não há um tipo de restrição entre a palavra-estímulo.

Essa técnica, como afirmam Neves et al. (2014, p. 73), se apresenta como projetiva, dado que “[...] atua diretamente sobre a estrutura psicológica dos indivíduos por meio de estímulos indutores, que podem ser verbais (frases, palavras, expressões) ou não verbais (figura, imagens fixas ou em movimentos)”. Os indivíduos,

na medida que respondem às induções, evidenciam aspectos de sua personalidade ou suas representações sobre o objeto indutor.

É importante destacar que quatro condições são essenciais em técnicas de caráter projetiva: *estimular, observar, registrar e obter comunicação*, podendo ser divididos em três momentos distintos (NEVES et al., 2014). Os autores destacam que em um primeiro momento, busca-se a definição do **estímulo** que deve corresponder ao problema ou objeto da pesquisa.

Na presente pesquisa, definiu-se como o estímulo ou objeto indutor, imagens que remetiam às várias interfaces dos agronegócios e seus elos, considerando o conceito adotado por John Davis e Ray Goldberg (Apêndice B, p. 112), relacionando diretamente com o objeto e o problema de pesquisa. Assim, essas imagens foram coletadas em revistas e sites ligados ao agronegócio.

No segundo momento há a **observação** e o **registro**. No estudo, a observação ocorreu no momento da aplicação do teste, atentando-se às reações e comportamentos durante o período de resposta a cada estímulo, bem como o tempo de resposta. Por fim, o terceiro momento é a **comunicação**, onde, segundo Neves et al. (2014, p. 74), o indivíduo participante irá responder aos estímulos, evidenciando suas representações, “através dos mais primários pensamentos que foram articulados quando do contato do indivíduo com o estímulo”.

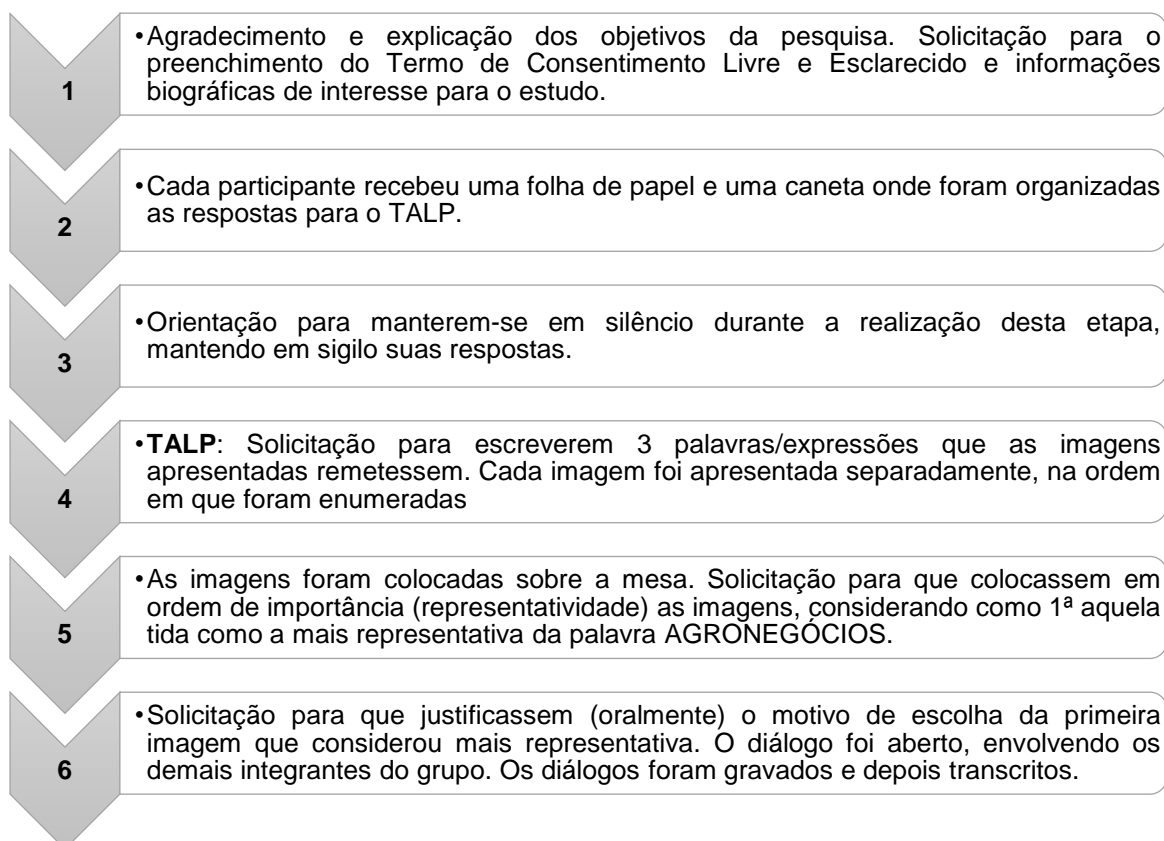
Nesse último momento, a aplicação da técnica consistiu em solicitar aos participantes que registrassem três palavras ou expressões que lhes ocorriam imediatamente ao verem cada imagem em uma folha entregue no início do TALP. Esclarece-se, ainda, que essa etapa ocorreu de forma presencial e estabeleceu um tempo limite de 30 segundos para cada figura. A Figura 4 apresenta sinteticamente os procedimentos adotados na condução do estudo.

No passo seguinte solicitou-se aos participantes que colocassem em ordem de importância (representatividade) as imagens, considerando como 1<sup>a</sup> aquela tida como mais representativa da palavra “agronegócios”. Por fim, solicitou-se a justificativa, o motivo da primeira imagem que foi considerada mais representativa. As falas dos participantes foram gravadas por meio de um gravador e, posteriormente, transcritas para uma melhor análise dos dados.

O teste da validade do roteiro e que as informações contidas nele eram entendidas pelos participantes, além de observar se este instrumento estava de acordo com o objetivo do estudo, foi realizado no estudo anterior de Cappellesso e

Guimarães (2016). Assim, utilizou-se os mesmos métodos e técnicas já validados pelas autoras.

**Figura 4 - Procedimentos Metodológicos para a Coleta de Dados**



**Fonte:** Elaborada pela autora.

### 3.5 Instrumentos e Procedimentos para Análise de Dados

A análise de conteúdo foi a técnica utilizada para analisar os dados obtidos. De acordo com Oliveira (2008), ela é um instrumento de pesquisa com múltiplas aplicações, variando seus procedimentos de acordo dos objetivos da pesquisa. A análise de conteúdo pode ser conceituada de diferentes formas, Bardin (1977, p. 42) a define como um conjunto de técnicas que analisa as comunicações visando obter, por procedimentos, “[...] sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimento relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) [...]”. Já Oliveira (2008, p. 570) destaca diversos conceitos presentes no campo acadêmico, sendo os principais:



[...] técnica visando à inferência através da identificação objetiva e sistemática de características específicas das mensagens; técnica para produzir inferências replicáveis e práticas partindo dos dados em direção a seu contexto; um conjunto de procedimentos para produzir inferências válidas de um texto sobre emissores, a própria mensagem ou audiência da mensagem; ou ainda como um conjunto de técnicas de análise das comunicações.

De modo geral, Moscovici (2003 apud OLIVEIRA, 2008) destaca que tudo o que é dito ou escrito está susceptível de ser submetido a uma análise de conteúdo. Assim, o seu principal objetivo pode ser sintetizado em “[...] manipulação das mensagens, tanto do seu conteúdo quanto da expressão desse conteúdo, para colocar em evidência indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a mesma da mensagem” (OLIVEIRA, 2008, p. 570).

A partir dos dados obtidos do Teste de Associação Livre de Palavras, utilizou-se a análise de aproximações semânticas ligeiras com o objetivo de “[...] reunir e descontar as palavras idênticas, sinónimas [sic] ou próximas a nível semântico” (BARDIN, 1977, p. 52-53). A autora destaca que essa primeira análise permite representar a informação de maneira condensada, como através de um diagrama em barras por ordem decrescente de frequência ou ainda através de constelações de atributos.

Posteriormente, utilizou-se a etapa de categorização das palavras, onde se classificou “[...] as unidades de significação criando categorias, introduzindo uma ordem suplementar reveladora de uma estrutura interna” (BARDIN, 1977, p. 55). Além da categorização, Bardin (1977, p. 105) afirma que uma análise temática “consiste em descobrir os «núcleos de sentido» que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objectivo analítico escolhido”. No presente estudo, a frequência e a ordem em que a palavra aparece foram importantes para compreender e analisar quais são os núcleos centrais e periféricos das representações.

Além da análise de conteúdo, foram transcritas todas as falas dos participantes, juntamente com as palavras evocadas em cada imagem para serem processadas pelo IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), um *software* gratuito e ancorado no ambiente estatístico do *software* R e na linguagem *python* (CAMARGO; JUSTO, 2013). Este *software* foi desenvolvido por Pierre Ratinaud na França, começando a ser utilizado no Brasil em 2013

(CAMARGO; JUSTO, 2013). Em suma, ele permite realizar análises estatísticas sobre tabelas indivíduos/palavras e corpus de texto.

Camargo e Justo (2013) afirmam que este programa viabiliza diferentes tipos de análise de dados, desde aquelas simples, como a lexicografia básica (cálculo de frequência de palavras), até análises multivariadas (classificação hierárquica descendente, análises de similitude).

Neste estudo, além do cálculo de frequência das palavras, a principal técnica de análise utilizada foi a análise de similitude, utilizada frequentemente por pesquisadores das representações sociais (CAMARGO; JUSTO, 2016, p. 6). De acordo com os autores, ela “[...] possibilita identificar as coocorrências entre as palavras e seu resultado traz indicações da conexidade entre as palavras, auxiliando na identificação da estrutura da representação”. Além disso, outra técnica de igual importância foi a análise prototípica, que visa identificar a estrutura das representações sociais a partir dos critérios de frequência e ordem de evocação (CAMARGO; JUSTO, 2016), resultando em um diagrama similar ao da Figura 2.

No que se refere à análise das evocações, que foram formatadas em tabelas, utilizou-se a análise de similitude. Essa técnica é processada através de indicadores estatísticos que apontam as relações entre as palavras. Em outras palavras, essa análise gera uma árvore de palavras com ramificações a partir da relação entre elas.

A análise de similitude se iniciou em 1962 com os estudos de Claude Flament e baseia-se na teoria dos grafos (ALBERTO, 2016). De acordo com o mesmo autor, os dados deste método são representados como uma árvore, ligando diferentes cadeias. Alberto (2016) destaca que cada item, que compreende os elementos da representação, é chamado um pico e este estão ligados através de arestas, que corresponde uma pista de similitude entre opiniões.

Aissani e Bonardi (1991) destacam que essa análise permite destacar as fortes relações entre os elementos e assim, se aproximar de uma possível estrutura das representações sociais.

Além disso, uma importante e popular técnica utilizada para compreender o núcleo central e os sistemas periféricos foi a análise prototípica. Este método se aplica a respostas de associação livre, isto é, palavras ou expressões fornecidas a um estímulo indutor, que geralmente se refere a um objeto de representação social (WACHELKE; WOLTER, 2011). Essa técnica é empregada principalmente em pesquisas aplicadas, onde o objeto não é a contribuição direta para a teoria, mas para

“[...] a compreensão e diagnósticos ligados a temas sociais, de modo a instrumentalizar intervenções profissionais” (WACHELKE; WOLTER, 2011, p. 521). Os autores ainda complementam que ela se constitui de duas etapas, sendo a primeira o cálculo de frequências e ordens de evocação das palavras, seguida pela formulação de categorias englobando as evocações e avaliando suas frequências, composições e coocorrências. Neste estudo, a análise prototípica baseia-se no princípio em que o quanto antes uma pessoa se lembra de uma palavra, maior é a representatividade desta, sendo denominado como lei de Marbe de acordo com Flament e Rouquette (2003 apud WACHELKE; WOLTER, 2011).

Como resultado da análise prototípica, gera-se um diagrama com quatro quadrantes. Camargo e Justo (2016, p. 6) destacam que este diagrama representa quatro dimensões da estrutura da representação social. Os autores esclarecem:

O primeiro quadrante (superior esquerdo) indica as palavras que têm alta frequência (uma frequência maior que a média) e baixa ordem de evocação (aquelas que foram mais prontamente evocadas). Essas seriam as prováveis indicadoras do núcleo central de uma representação. No segundo quadrante (superior direito), temos a primeira periferia, com as palavras que têm alta frequência, mas que tiveram ordem média maior, ou seja, não foram tão prontamente evocadas. No terceiro quadrante (inferior esquerdo), a zona de contraste contém elementos que foram prontamente evocados, porém com frequência abaixo da média. Por fim, a segunda periferia no quarto quadrante (inferior direito) indica os elementos com menor frequência e maior ordem de evocação.

Destaca-se que a análise prototípica é uma “[...] convenção de apresentação de dados, não uma análise estatística padrão” (WACHELKE; WOLTER, 2011, p. 523). Os autores complementam que é um procedimento de organização de informações relativas à evocação de formas verbais de modo sintético.

É importante ressaltar que, para a análise das evocações, palavras/expressões no plural foram transformadas em singular para que estas não fossem tratadas de formas distintas ou palavras diferentes pelo *software*.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo são apresentados e analisados os dados obtidos com as pesquisas de campo, tratando-os sob as perspectivas mencionadas no referencial teórico desse trabalho. Os resultados permitiram uma melhor compreensão sobre as representações sociais de estudantes dos cursos ligados à gestão de agronegócios da Universidade de Brasília e estão descritos conforme os tópicos seguintes. O primeiro deles refere-se a uma descrição do perfil dos estudantes do curso de Gestão do Agronegócio do Campus Planaltina, tanto do início do curso quanto do final. Em seguida, apresenta-se os resultados e análises das representações de cada grupo ( $G_i$  e  $G_f$ ) e uma análise comparativa de ambos os grupos. Por fim, aponta-se uma análise comparativa dos cursos ligados à gestão de agronegócios, detalhando-se os resultados dos estudos de Cappellesso e Guimarães (2016) com os estudantes de Gestão de Agronegócios do Campus Darcy Ribeiro, servindo de comparação com os dados encontrados nesse novo estudo.

### 4.1 Análise do Perfil dos Discentes do Curso

Conforme evidenciado anteriormente, no capítulo métodos e técnicas de pesquisa, o presente estudo foi realizado através de pesquisa em grupo e utilizando-se a amostragem do tipo não probabilística. A primeira parte levantou-se dados primários sobre a amostra de 30 discentes. Nesta amostra, os participantes foram divididos em dois grupos distintos, sendo eles discentes do início e do final do curso.

No primeiro grupo, denominado de  $G_i$ , participaram 14 estudantes do início do curso, compreendendo o primeiro e segundo semestre. Já no segundo grupo, referente aos estudantes do final do curso e denominado de  $G_f$ , participaram 16 estudantes, entre o 5º e 8º semestre, concentrando um maior número do 7º semestre, com 7 discentes.

No grupo relativo ao início do curso ( $G_i$ ) observou-se discentes com o perfil biográfico muito próximo, onde a idade média é de 18,86 anos. A faixa etária predominante, compreendendo 9 discentes do grupo, foi igual ou abaixo de 19 anos. Já o restante dos discentes compreenderam de 20 a 25 anos, sendo a idade máxima

24 anos. Em relação ao sexo dos participantes, 6 discentes são do sexo feminino e 8 do sexo masculino.

Com relação ao grupo do final do curso ( $G_f$ ), constatou-se, também, discentes com o perfil biográfico semelhante, com idade média de 22,12 anos e mediana de 21 anos. Neste grupo, a faixa etária predominante foi entre 20 e 25 anos, compreendendo 13 discentes. Adicionalmente, constatou-se dois discentes com 19 anos e um com mais de 40 anos. Analisando o sexo dos participantes, dos 15 participantes, 9 eram do sexo feminino e o restante do sexo masculino. Em síntese, a Tabela 4 apresenta de forma sucinta a caracterização dos participantes do estudo.

**Tabela 4 - Caracterização dos Participantes do Estudo**

Grupo	Faixa etária predominante	Sexo	
		Masculino	Feminino
Início do curso ( $G_i$ )	$\leq 19$	8	6
Final do curso ( $G_f$ )	20-25	7	9
<b>Total</b>		<b>15</b>	<b>15</b>










Fonte: Elaborada pela autora.

Após a identificação biográfica de ambos os grupos, realizou-se o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), utilizando como objeto indutor dez imagens que remetiam às várias interfaces dos agronegócios e seus elos a fim de identificar e compreender as representações sociais dos alunos sobre o agronegócio. Os resultados e suas respectivas análises estão presentes no tópico seguinte.

## 4.2 Análise e Discussão dos Dados Coletados

Primeiramente, considerando o *ranking* das imagens representativas do agronegócio entre ambos os grupos (ver Figura 5), nota-se uma semelhança entre as imagens escolhidas. Nota-se que ambos os grupos julgaram a Imagem 1 e 3 as imagens mais representativas. Em especial, observa-se que houve uma concordância maior no  $G_f$ , tendo 68,75% dos discentes que escolheram a Imagem 1 como mais representativa, enquanto que no  $G_i$  foi de somente 35,7%.

Figura 5 - Ranking das Imagens dos Grupos Gi e Gf

Ranking	Início do Curso (Gi)			Final do Curso (Gf)		
	Imagem	Nº da Imagem	Total de Discentes	Imagem	Nº da Imagem	Total de Discentes
1º		/ 1	5		/ 1	11
2º		/ 3	5		/ 3	9
3º		/ 1	3		/ 10	7
4º		/ 8	4		/ 8	4
5º		/ 5	6		/ 8	5
6º		/ 2	3		/ 6	4
7º		/ 9	3		/ 4	4
8º		/ 9	4		/ 9	4
9º		/ 7	4		/ 4	7
10º		/ 4	6		/ 7	8

Fonte: Elaborada pela autora.

Considerando o grupo do início do curso (Gi), 5 discentes consideraram a Imagem 1 como mais representativa do agronegócio, seguida pela Imagem 3, com o mesmo número de discentes. Observando a primeira colocação, mais da metade (8

discentes) consideraram a Imagem 1 ou 3 como a mais representativa. Ambas as imagens remetem à produção primária (produção agrícola escala), retratando, respectivamente, uma grande área plantada e um trator operando em uma lavoura, como constata-se na Figura 5.

Em paralelo, no grupo do final do curso (*Gf*) também verificou-se um comportamento semelhante, com 11 e 9 discentes considerando a Imagem 1 e 3, respectivamente, como a mais representativa. Como já apontado anteriormente, neste grupo observa-se uma concordância maior que o *Gi* em relação às imagens mais representativas. Uma notória diferença entre os grupos refere-se à terceira colocação, onde o *Gf* julgou a Imagem 10, referente ao processo de *armazenamento*, especificamente retratando silos de armazenagem, enquanto o *Gi* considerou também a Imagem 1, referente à *produção primária*. Um outro ponto que merece destaque é relacionado à agricultura familiar, sendo escolhida a imagem mais próxima desta como representativa do agronegócio somente para o *Gi*, sendo discutido detalhadamente na seção 4.3.

Com relação à imagem menos representativa, 6 discentes do *Gi* consideraram a Imagem 4, que remete ao *setor primário* de eucalipto, especificamente à colheita do mesmo. Observando ainda a última colocação e considerando em conjunto com a Imagem 7 (referente também à *produção primária*, porém a colheita manual da cana-de-açúcar), grande parte dos discentes (9 discentes) julgou uma ou a outra imagem como a menos representativa do agronegócio. Já no *Gf*, 8 discentes consideraram a Imagem 7 como a menos representativa, referente a colheita manual da cana-de-açúcar.

As seções seguintes detalham os resultados encontrados de cada grupo, confrontando com a teoria.

#### 4.2.1 Representação Social do Início do Curso (*Gi*)

Ressaltando os dados apresentados na seção anterior, a *produção primária* aparece com alta significância como a mais representativa do agronegócio, com foco para a produção agricultura em escala. A partir da aplicação do Teste de Associação Livre de Palavras, foram evocadas 399 palavras/expressões pelos 14 estudantes,

dentre as quais 105 eram palavras com frequência igual a um, isto é, citadas somente uma vez.

Buscando analisar de forma mais precisa as possíveis representações sociais deste grupo, utilizou-se diversas análises com o *software* IRAMUTEQ para estudar as palavras evocadas. Analisando especificamente as duas imagens mais representativas do agronegócio (Imagem 1 e 3), foram evocadas 80 palavras/expressões, sendo 32 citadas somente uma única vez. Acentua-se novamente que a Imagem 1 ficou tanto na 1ª quanto na 3ª colocação, ressaltando a significância da produção primária para o grupo. Por esse motivo, considerou-se nas análises somente as duas primeiras imagens mais representativas, dado que houve uma repetição da Imagem 1.

Em primeiro lugar, examinando de forma simples as palavras evocadas para as imagens mais representativas, foi possível elaborar pelo *software* IRAMUTEQ a análise de frequências múltiplas, como consta na Tabela 5. Ela fornece as palavras ordenadas por sua frequência, a frequência juntamente com o número de linhas que contém as palavras, bem como sua proporção em relação ao número total de linhas. É importante destacar que cada linha representa um participante.

Com base na Tabela, observa-se uma diversidade de palavras, sendo “plantação” a palavra com uma maior frequência e, sendo evocada por 7 discentes do grupo. Além disso, palavras como “colheita”, “máquina” e “campo” também se destacam, sendo evocadas, respectivamente, por 6, 5 e 5 discentes. Além disso, observou-se que 3 discentes deixaram de citar uma palavra/expressão para ambas as imagens.

Desse modo, as palavras citadas anteriormente parecem constituir-se em elementos importantes para a estruturação da representação social do grupo, sendo mais frequentes e evocadas por mais de 35% do grupo.



Tabela 5 - Frequência Múltipla das Evocações das Duas Imagens Mais Representativas (G)

Palavras/ Expressões	Frequência	Participantes	% de Participantes	Palavras/ Expressões	Frequência	Participantes	% de Participantes
Plantação	7	7	50.0	Alimento	1	1	7.14
Colheita	6	6	42.86	Água	1	1	7.14
Máquina	5	5	35.71	Terra	1	1	7.14
Campo	5	5	35.71	Hectares	1	1	7.14
Trator	4	4	28.57	Propriedade	1	1	7.14
Trabalho	3	3	21.43	Mecânica	1	1	7.14
Produção	2	2	14.29	Sistema	1	1	7.14
Trigo	2	2	14.29	Paisagem	1	1	7.14
Verde	2	2	14.29	Mantimento	1	1	7.14
Maquinário	2	2	14.29	Terreno	1	1	7.14
Dinheiro	2	2	14.29	Indústria	1	1	7.14
Investimento	2	2	14.29	Desenvolvimento	1	1	7.14
Soja	2	2	14.29	Mão-de-obra	1	1	7.14
Irrigação	2	2	14.29	Trabalhador	1	1	7.14
Pivot	2	2	14.29	Agronegócio	1	1	7.14
Plantadeira	1	1	7.14	Capim	1	1	7.14
Fazenda	1	1	7.14	Praticidade	1	1	7.14
Exportação	1	1	7.14	Plantio	1	1	7.14
Lavoura	1	1	7.14	Ligação entre setores	1	1	7.14
Máquina agrícola	1	1	7.14	Qualificação	1	1	7.14
Valioso	1	1	7.14	Agricultura	1	1	7.14
Produtor	1	1	7.14	Fácil	1	1	7.14
Solo	1	1	7.14	Saúde	1	1	7.14
Grão	1	1	7.14	NA	4	3	21.43

**Fonte:** Elaborada pela autora.

Por outro lado, utilizou-se também a análise de conteúdo proposto por Bardin (1977), especificamente a análise de aproximações semânticas ligeiras, com o objetivo de agrupar palavras próximas em um nível semântico e a categorização das palavras, classificando as unidades de significação e criando categorias. Esta análise também empregou as evocações para as imagens mais representativas, especificamente as Imagens 1 e 3.

Como resultado desta análise, apresentado no Quadro 5, pôde-se identificar duas grandes categorias denominadas de “grande produção agrícola” (as palavras evocadas remetem ao negócio agrícola, considerando essencialmente a produção agrícola em escala) e “ruralidade” (as palavras evocadas remetem ao contexto produtivo rural, ao espaço onde a produção acontece).

**Quadro 5 - Categorização das Palavras Associadas às Imagens Mais Representativas (G)**

<b>Categorias</b>	<b>Palavras/Expressões (frequência)</b>	<b>Total de Evocações</b>
<b>Grande Produção Agrícola</b>	Plantação (7); Colheita (6); Trabalho (3); Irrigação (2); Produção (2); Soja (2); Trigo (2); Agricultura; Agronegócio; Grão; Mão-de-obra; Plantio; Produtor; Trabalhador; Qualificação;	<b>32</b>
	Máquina/Máq. Agrícola/Maquinário (8); Trator (4); Pivot (2); Mecânica; Plantadeira	<b>16</b>
	Dinheiro (2); Investimento (2); Desenvolvimento; Exportação; Valioso	<b>7</b>
<b>Ruralidade</b>	Campo (5); Verde (2); Água; Capim; Paisagem; Solo; Terra; Terreno; Lavoura; Fazenda; Hectares; Propriedade	<b>17</b>
<b>Outros</b>	Alimento; Fácil; Indústria; Ligação entre setores; Mantimentos; Praticidade; Sistema; Saúde	<b>8</b>

**Fonte:** Elaborado pela autora.

No que se refere à “grande produção agrícola”, categoria mais expressiva no grupo, observa-se três subcategorias. A primeira, com 32 palavras, compreende características relativas à *produção primária* e suas atividades, como plantação, colheita e trabalho (n=32). A segunda subcategoria que, apesar de estar ligada também à *produção primária*, enfatiza as ideias de mecanização relacionada ao setor (n=16). Destaca-se, também, uma terceira subcategoria ligada à essa produção, com evocações relativas à dimensão econômica e produtiva do setor (n=7). Nessa subcategoria é possível compreender nas representações deste grupo questões positivas do setor. Essas questões apoiam os dados apresentados no referencial teórico, como destacado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (2016), onde o setor possui uma expressiva participação no PIB com aproximadamente 22%, envolvendo as evocações “dinheiro” e “desenvolvimento”. Além disso, é julgado um “investimento”, concordando com Ordones (2015) que considerou o setor como um dos melhores para se investir em 2015. Tais aspectos são expressivamente disseminados nos meios de comunicação no país.

Em complemento, realizou-se também a análise temática como proposta por Bardin (1977, p. 105), identificando os núcleos de sentido que compõem a comunicação e “[...] cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido”. Para isso, determinou-se alguns importantes fatores para compreender e analisar quais são os núcleos centrais e periféricos das representações: frequência e ordem de evocação.

Para um melhor entendimento desses núcleos, utilizou-se a análise prototípica, gerada a partir do *software* IRAMUTEQ. Essa análise busca, com base nos fatores acima (frequência e ordem), identificar a estrutura da representação social. Além disso, ela é uma importante análise para melhor compreender a análise de similitude, apresentada posteriormente. Utilizou-se, também, as evocações das imagens mais representativas.

**Quadro 6 - Análise Prototípica das Evocações Mais Representativas (G<sub>i</sub>)**

		≤ 1.95		Ordem	> 1.95		
		Elementos Centrais		f OME	Primeira Periferia		
		f	OME		f	OME	
≈ 1.7		Plantação	7	1.6	Colheita	6	2.2
		Máquina	5	1.4	Trabalho	3	2.7
		Campo	5	1	Produção	2	2.5
		Trator	4	1.8	Trigo	2	2
		Soja	2	1.5	Verde	2	3
		Pivot	2	1	Maquinário	2	2
					Dinheiro	2	2
					Investimento	2	3
					Irrigação	2	2.5
Frequência < 1.7		Elementos de Contraste		f OME	Segunda Periferia		f OME
		Plantadeira	1	1	Fazenda	1	3
		Exportação	1	1	Lavoura	1	2
		Máquina Agrícola	1	1	Valioso	1	2
		Terra	1	1	Produtor	1	2
		Paisagem	1	1	Solo	1	2
		Indústria	1	1	Grão	1	2
		Desenvolvimento	1	1	Alimento	1	3
		Mão-de-obra	1	1	Água	1	2
					Hectares	1	2
					Propriedade	1	2
					Mecânica	1	3
					Sistema	1	3
					Mantimento	1	2
				Terreno	1	3	
				Trabalhador	1	3	
				Agronegócio	1	2	
				Capim	1	2	
				Praticidade	1	3	
				Plantio	1	3	
				Ligação entre setores	1	2	
				Qualificação	1	2	
				Agricultura	1	3	
				Fácil	1	2	
				Saúde	1	3	

Fonte: Elaborada pela autora.

O Quadro 6 apresenta a análise prototípica com base no quadro de quatro casas que representa as quatro dimensões da estrutura da representação social. É importante destacar que OME significa a ordem média de evocações, representando

o posicionamento que a mesma ocupa dentro das evocações. A partir disso, ela é calculada através da soma do produto do número de vezes em que a palavra foi evocada e hierarquizada (1, 2 ou 3), divididos então pela frequência total em que a palavra aparece. A partir do total da OME e também da frequência, o *software* calcula a média destas, criando então o quadro divididos em quatro quadrantes.

Com base na Teoria do Núcleo Central, as palavras situadas no quadrante superior esquerdo – *plantação*, *máquina*, *campo*, *trator*, *soja* e *pivot* – caracterizam um possível núcleo central da representação deste grupo, uma vez que estas foram primeiramente evocadas (OME menor que a média) e em maior frequência, comparado com a média. Esses elementos, como destacam Abric (2001) e Sá (2002), dão significado para a representação social do grupo e cuja ausência desestruturaria ou mudaria seu significado.

Analisando estes dados com a categorização apresentada no Quadro 5, nota-se que é possível identificar duas categorias nos elementos centrais. A categoria “grande produção agrícola” é considerada a mais expressiva, correspondendo à 5 palavras do quadrante central. Detalhando esta categoria, os elementos “*máquina*”, “*trator*” e “*pivot*” enfatizam as ideias de mecanização da *produção primária*, enquanto “*plantação*” e “*soja*” destacam as atividades do setor. Já o elemento “*campo*” foi único que se relacionou à categoria “ruralidade”.

A partir desta análise, constata-se um posicionamento que poderia ser denominado como “restrito” sobre o agronegócio, se se considera a amplitude do conceito acadêmico, visto que as palavras que formam o possível núcleo central focam-se na *produção primária*. Esse posicionamento enfoca tanto para as atividades, com destaque para a palavra mais evocada “*plantação*”, sendo majoritariamente evocada em primeiro lugar, quanto para a mecanização empregada. Além disso, o contexto rural, entendido como o local onde essa produção acontece, também compõe um possível núcleo central, porém com um menor grau. Destaca-se, nesse caso, a palavra “*campo*”, evocada cinco vezes e em todas elas sendo a primeira palavra evocada.

Adicionalmente, o sistema periférico da representação social se caracteriza por se organizar ao redor do núcleo central, desempenhando um papel importante na concretização do significado da representação. Em outras palavras, constitui-se na interface entre o núcleo central e a situação concreta, de modo a proteger o núcleo central e contribuir para a sua adaptação ao contexto imediato (ABRIC, 1993; SÁ,

2002). No quadrante superior direito – primeira periferia – identificou-se evocações ligadas às categorias “grande produção agrícola” e “ruralidade”, semelhante ao quadrante dos elementos centrais.

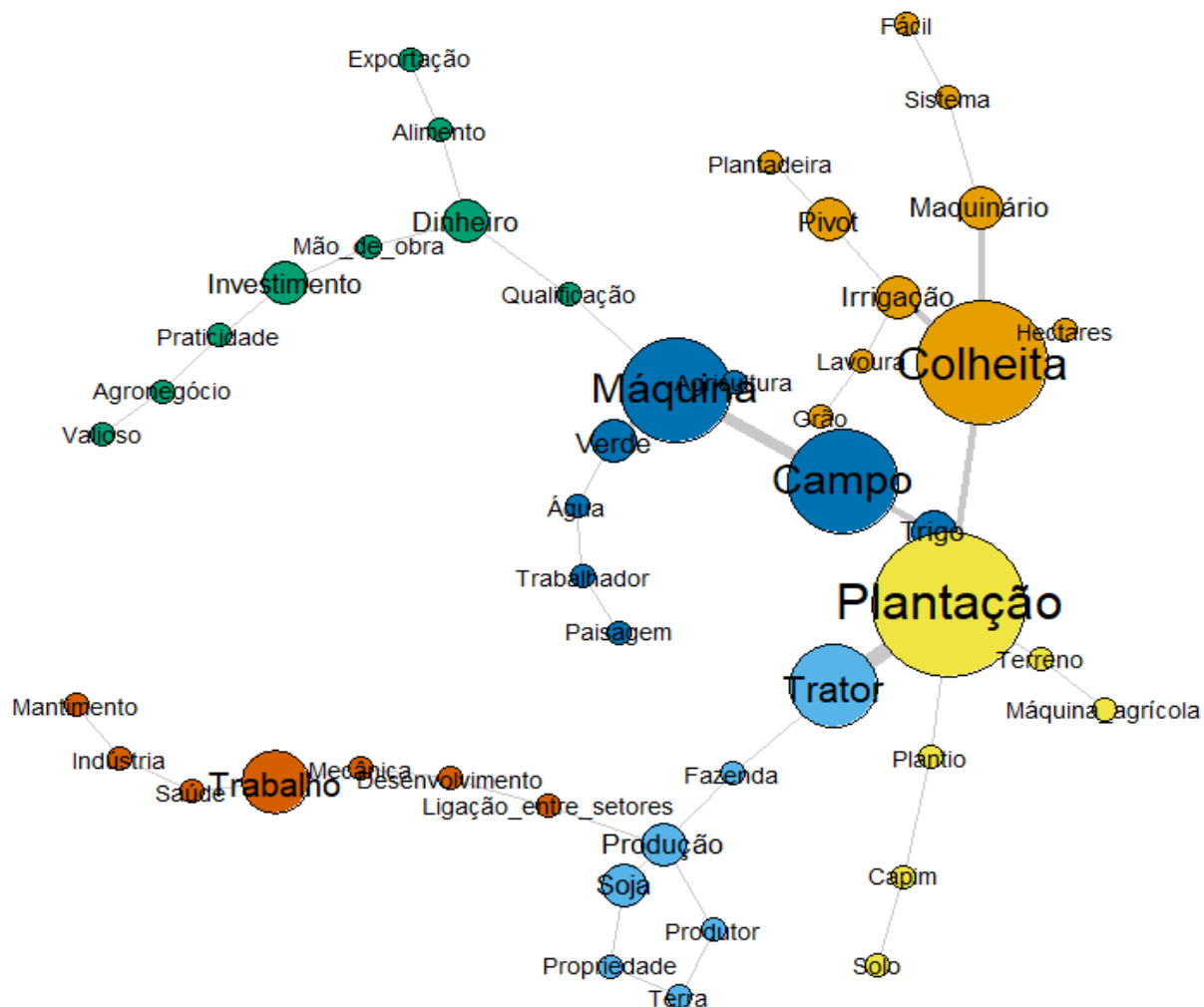
Já no quadrante inferior direito – segunda periferia – encontra-se um maior número de palavras/expressões. Esses elementos são poucos frequentes, todos evocados somente uma vez, sendo definidos como menos importantes entre os outros termos evocados. Por fim, no quadrante inferior esquerdo – elementos de contraste – observa-se que, apesar de pouco evocado, eles são primeiramente associados às imagens, verificando os elementos evocados no quadrante central.

De forma complementar, uma segunda análise sobre a estrutura das representações sociais vem sendo admitido: a análise de similitude. Essa análise identifica também a conexão ou a força de ligação que um elemento mantém com outros da representação. Além disso, tem como principal objetivo evidenciar uma organização relacional, além de identificar agrupamentos. Em outras palavras, ela possibilitou observar a conexão entre os elementos evocados pelos discentes do início do curso. Essa conexão é ponderada através da coocorrência entre os elementos e demonstrado por meio da largura das linhas de ligação, conhecida como arestas. Além disso, nesta análise configurou-se a árvore máxima, caracterizada como uma representação gráfica das conexões entre os elementos sem permitir a formação de ciclos, mantendo-se apenas os maiores índices.

Na árvore gerada (Figura 6) pelo *software* constata-se elementos mais frequentes no texto, apresentando evidentes conexões entre estes. Assim, observa-se alguns elementos de maior centralidade, como: plantação, máquina, campo, trator e colheita.

O elemento que mais estabeleceu conexões na árvore acima foi “plantação”, já identificado como central na análise prototípica, sendo todas as ramificações provenientes deste elemento. Observa-se, também, um alta coocorrência entre os elementos “plantação” e trator” e “máquina” e “campo”, sendo evocados conjuntamente com maior grau, em comparação com outros elementos.

Figura 6 - Análise de Similitude das Evocações Mais Representativas (G)



Fonte: Elaborada pela autora.

A Figura 6 mostra que os elementos “plantação”, “colheita”, “máquina”, “campo” e “trator” aparecem como possíveis elementos organizadores das representações do grupo sobre o agronegócio, confirmando mais uma vez sua centralidade. Sendo assim, os resultados apontam para uma representação focada essencialmente na *produção agrícola de commodities* (produção em escala de “grãos”, de “soja”). Produção esta que se realiza em um contexto específico – *espaço rural* (“verde”, “paisagem”). Atividade produtiva realizada no “campo”, na “fazenda”, sobre o “solo” e sobre a “terra” por *trabalhadores e produtores rurais* (“produtor”, “trabalhador”, “mão de obra”). Nesse sentido, não é de se estranhar as associações ligadas às tecnologias empregadas nos sistemas produtivos agrícolas como: “maquinário”, “*pivot*”, “irrigação”, “plantadeira”, “mecânica”, “máquina agrícola”, por exemplo, nem as associações feitas ao resultado de tudo isso: “alimento”, “dinheiro”, “saúde”, “valioso”.

O agronegócio, como destacado por diversos atores, é conceituado a partir de uma visão sistêmica, englobando todos os atores envolvidos com o fornecimento de insumos, a produção, o processamento e a distribuição de um produto. Os autores ainda destacam que este sistema inclui diversos mercados, como de insumos agrícolas, a produção agropecuária, as operações de estocagem, processamento e distribuição, entre outros. Considerando essa dimensão e amplitude do sistema que envolve vários elementos, pode-se inferir a partir do exposto que a representação social do grupo centra-se mais fortemente no elo da *produção primária*.

As categorizações temáticas (BARDIN, 1977) das justificativas dadas pelos discentes à sua escolha da imagem mais representativa corrobora com tais inferências (Quadro 7).

**Quadro 7 - Categorização Temática das Verbalizações dos Discentes do Gi**

Categorias	Verbalizações	Freq.
Produção agropecuária	<p>“Porque eu acho que essa parte de <u>grãos</u> também está super ligada com o agronegócio [...]”</p> <p>“Porque sem um <u>campo</u> você não vai obter um resultado [...]”</p> <p>“ [...] criar <u>gado</u> ou <u>plantação</u> [...]”</p> <p>“Porque mostra um <u>campo</u> e para mim o agronegócio é a imagem de um <u>campo</u>, <u>verde</u>, de uma <u>plantação</u>, de uma <u>fazenda</u>”</p> <p>“Pelo fato de ser um <u>campo</u>, de mostrar mais o lado do <u>plantio</u>”</p> <p>“Primeiro você vê a <u>plantação</u>, depois a <u>lavoura</u> e depois a <u>silagem</u> ou sua <u>colheita</u>. Porque para tudo você tem que <u>cultivar</u>, tem que <u>plantar</u> e tem que <u>criar</u>”</p> <p>“Porque eu acho que quando a gente pensa em agronegócio, a gente pensa mais na área do <u>plantio</u>, algumas vezes, na <u>plantação</u>”</p> <p>“Porque, na minha visão, o agronegócio não é só <u>plantar</u>, você tem que <u>plantar</u>, você tem que <u>colher</u>, tem que <u>cultivar</u> [...]”.</p>	8
Atividade comercial	<p>“É o <u>mercado final</u>. O que todo mundo da produção deseja é chegar no mercado final. Tentando produzir para manter o <u>mercado consumidor</u>”</p> <p>“Porque eu acho que o agronegócio também está nisso, em mexer com a <u>exportação</u> [...]”</p> <p>“ [...] tem produtos tanto animais quanto vegetais e ali, já no <u>mercado</u>”</p>	3

Cadeia Produtiva	<i>“Porque ela abrange tanto o <u>comércio</u>, quanto os <u>produtos</u>. É o mesmo como eu vejo o agronegócio, não só a <u>produção</u>, não só o <u>comércio</u>, não só a <u>agricultura familiar</u>. Abrange tudo”</i>	1
Desmatamento	<i>“Eu sei que é feio falar isso, não sou a favor também, mas [...] você tem que <u>desmatar</u>”</i>	1
Sustentabilidade	<i>“[...] não necessariamente para você produzir algo você precisa <u>desmatar</u>. Tem <u>outros meios</u>, como por exemplo, produzir e <u>reflorestar</u> ao mesmo tempo. Não precisa causar tantos danos ao <u>meio ambiente</u>. O agronegócio também é isso, você procurar <u>maneiras sustentáveis de produzir</u>”</i>	1

Fonte: Elaborado pela autora.

A categorização, apresentada no Quadro 7, retrata mais uma vez elementos relacionados diretamente à *produção primária*, observando a prevalência desse elo (n=8). Além disso, constatou-se uma segunda e significativa categoria relacionada às atividades comerciais, visando o mercado consumidor (n=3). Categorias menores puderam ser encontradas (n=1), sendo elas ligadas à cadeia produtiva e à visão sistêmica, retomando a ideia de que o agronegócio envolve diversos atores. Por fim, outras duas categorias confirmam as ideias de Weissheimer (2006), onde o agronegócio carrega em si elementos contraditórios que remetem às questões ambientais e de sustentabilidade.

Um ponto em destaque é a agricultura familiar, que apesar de também ancorar o agronegócio, é um elemento contraditório no grupo. Alguns discentes, em suas justificativas, enfatizaram a agricultura familiar, principalmente aqueles que escolheram a Imagem 2 como a mais representativa. Para estes discentes, a agricultura familiar faz parte do agronegócio, onde estes evidenciam:

*“É o mesmo como eu vejo o agronegócio, não só a produção, não só o comércio, não só a agricultura familiar [...]”*

*“O agronegócio pode ser a agricultura familiar, pode ser grande também [...]”*

*“Porque eu acho que o agronegócio também está nisso [...] também está com a agricultura familiar [...]”*

Já outros ressaltaram que a agricultura familiar poderia ser também agronegócio, porém outros elementos se sobressaem a este. Em uma discussão levantada sobre a Imagem 5 e o motivo de não a escolherem, alguns discentes ressaltaram outra visão sobre agricultura familiar e agronegócio:



*“[...] O agronegócio, eu imagino uma coisa maior, você vê uma coisa maior. Isso aí parece mais voltado para a agricultura familiar, horta, algo assim. Não é agronegócio, agribusiness [...]”*

*“[...] Quando você olha assim, os caras plantando, você tem uma visão de inferioridade, comparado com um trator, grande máquina, tecnologia”*

Essas contradições que permeiam o agronegócio e a agricultura familiar são também evidenciadas no meio acadêmico/científico, emergindo diversas pesquisas que colocam em confronto a ideia do agronegócio em contrapartida à da agricultura familiar, como evidenciado por Caume (2009). Conforme já destacado, para boa parte dos discentes do grupo, o agronegócio é visto associado à agricultura produzida em larga escala, bem como à tecnologia e maquinário utilizados nesta. Essas contradições existentes afirmam a função de regulação (ABRIC, 2001), destacando a adaptação das representações diante de novos contextos e situações, isto é, o novo ambiente em que os estudantes estão inseridos.

Em contrapartida, é possível analisar também uma mudança de visão sendo incorporado por alguns discentes, onde o agronegócio e a agricultura familiar já são percebidos de forma articulada, sem a contraposição destes. Isso evidencia que ideias de antagonismo entre ambos estão sendo desconstruídas, concebendo uma nova visão como a proposta por Caume (2009), onde a agricultura familiar é considerada como uma forma de organização social da produção, enquanto o agronegócio é um sistema de articulação das atividades agropecuárias com os diversos setores da economia, podendo essas atividades serem desempenhadas tanto por produtores familiares quanto por patronais.

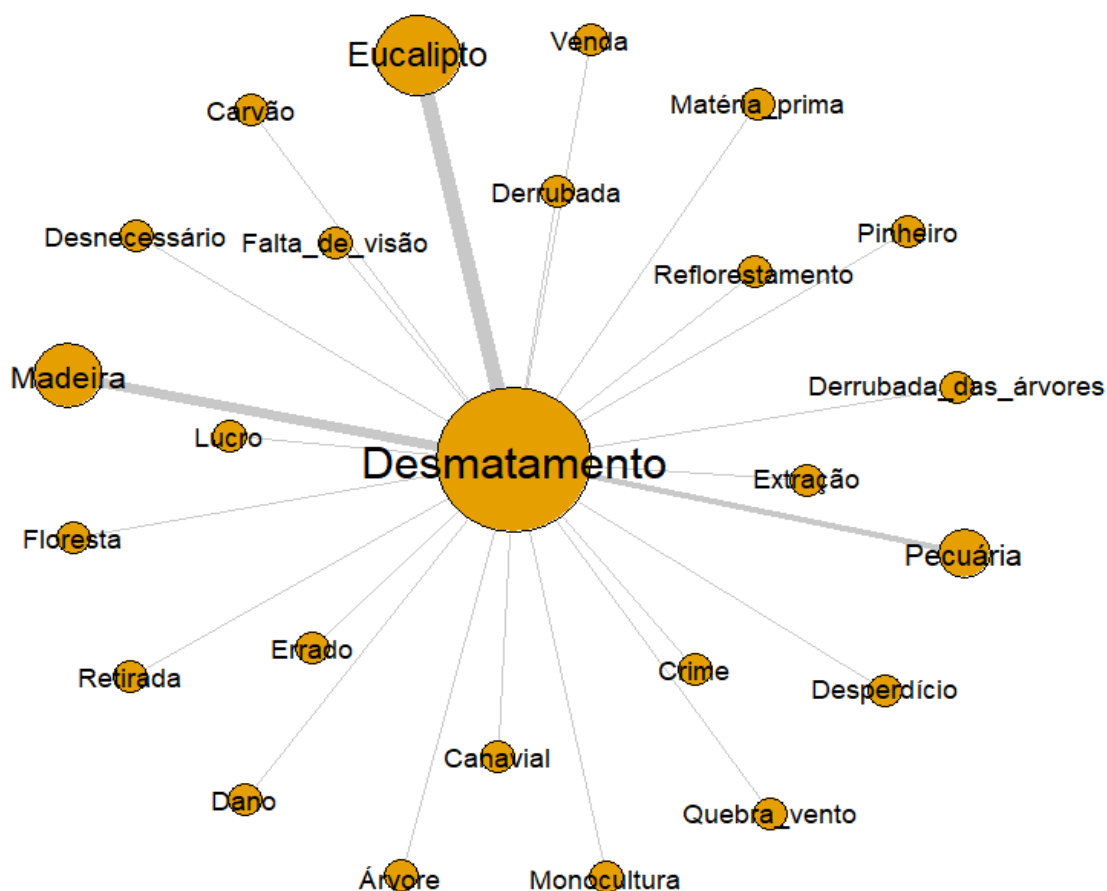
Confrontando com a teoria da representação social, é possível remeter ao processo de mudança, apontado por Moscovici (1988), onde a nova teoria científica do que vem a ser agronegócio vai sendo integrada ao cotidiano do indivíduo, evidenciando uma desconstrução do antigo senso comum.

#### 4.2.1.1 Análise da Imagem Menos Representativa no Gi

Em contraponto, na imagem menos representativa (Imagem 4) foram evocadas 38 palavras/expressões, sendo 21 unicamente evocadas. Dentre as evocações, a palavra “desmatamento” (8) foi a mais citada, sendo as palavras restantes ligadas à essa. Buscando apreender as ligações entre os diversos elementos evocados, realizou-se a análise de similitude. Nesta análise também aplicou-se a árvore máxima, apresentada na Figura 7, mantendo-se apenas os maiores índices de coocorrências.

Na árvore abaixo constata-se o “desmatamento” como um elemento central. Considerando as ligações entre os elementos, nota-se que o “desmatamento” está mais fortemente associado ao elemento “eucalipto”, seguido pelo elemento “madeira” e, com menor grau, ao elemento “pecuária”.

**Figura 7 - Árvore de Similitude das Evocações Menos Representativas (Gi)**



**Fonte:** Elaborada pela autora.

Em síntese, constata-se que a Imagem 4, apesar de ser considerada um elo do agronegócio (produção primária de eucalipto), traz questões consideradas como negativas, sendo o mais forte o “desmatamento”. Outros elementos negativos são: “derrubada”, “desnecessário”, “falta de visão”, “errado”, “crime”, “desperdício” e “dano”. Esses elementos corroboram com as ideias de Weissheimer (2006) quanto aos aspectos antagônicos associados ao agronegócio como o desmatamento, a poluição, o desperdício de água, dentre outros. Estes elementos negativos foram também apontados no estudo realizado pela Associação Brasileira do Agronegócio – ABAG (2013).

Considerando as representações sociais desse grupo, nota-se que o agronegócio é associado a elementos positivos, principalmente quando se trata dos aspectos econômicos. A partir disso, nota-se nitidamente as funções das representações sociais, principalmente a função de identidade, observando nos estudantes um comportamento de dissociação de elementos vistos socialmente como negativos do que vem a ser agronegócio. Em outras palavras, essa função da representação funciona como uma proteção às especificidades do grupo na medida em que situa os estudantes no campo social, em que o agronegócio é associado por muitos a elementos negativos.

#### 4.2.2 Representação Social do Final do Curso (Gf)

Como já destacado anteriormente, além da *produção primária*, o processo de *armazenamento* também aparece com alta significância em uma possível representação social do grupo. A partir dos dados coletados no Teste de Associação Livre de Palavras, foram evocadas 480 palavras/expressões pelos 16 estudantes, dos quais 105 foram unicamente evocadas. Analisando as evocações com o *software* IRAMUTEQ com o objetivo de uma análise mais profunda, para as três imagens mais representativas (Imagens 1, 3 e 10), foram evocadas 144 palavras/expressões, sendo 29 unicamente evocadas.

Primeiramente, realizou-se a análise de frequências múltiplas que busca enumerar as palavras, suas frequências, o número de discentes que as evocaram e sua proporção ao total de discentes. Essa análise básica das palavras é apresentada na Tabela 6, desconsiderando as palavras com frequência igual a um.

Observa-se, com base nesta Tabela, uma diversidade de palavras, sendo a mais evocada a palavra “armazenagem”, citada por 11 discentes. Apesar de “soja” ter sido evocada também 11 vezes, ela só foi citada por 9 estudantes. Destaca-se também as palavras “*pivot*”, “silo”, “máquina” e “colheita” que foram evocadas por 10, 7, 6 e 5 discentes, respectivamente. Em síntese, essas evocações são elementos que parecem constituir uma estruturação da representação social deste grupo.

**Tabela 6 - Frequência Múltipla das Evocações das Três Imagens Mais Representativas (Gf)**

Palavras/ Expressões	Frequência	Participantes	% de Participantes	Palavras/ Expressões	Frequência	Participantes	% de Participantes
Armazenagem	11	11	68.75	Produtividade	3	3	18.75
Soja	11	9	56.25	Mão-de-obra	3	3	18.75
Pivot	10	10	62.5	Gestão	3	2	12.5
Silo	7	7	43.75	Lavoura	2	2	12.5
Máquina	6	6	37.5	Precisão	2	1	6.25
Colheita	5	5	31.25	Produção	2	2	12.5
Trator	4	4	25.0	Commodity	2	2	12.5
Plantação	4	3	18.75	Agricultura de precisão	2	1	6.25
Monocultura	4	3	18.75	Exportação	2	2	12.5
Logística	4	4	25.0	Campo	2	2	12.5
Tecnologia	4	3	18.75	Grande produtor	2	2	12.5
Irrigação	4	4	25.0	Mecanização	2	1	6.25
Agricultura	4	3	18.75	Agronegócio	2	1	6.25
Agricultura patronal	3	2	12.5	Agricultura convencional	2	2	12.5
Grão	3	2	12.5	Conservação	2	2	12.5

**Fonte:** Elaborada pela autora.

Quanto à temática das evocações, utilizou-se a análise de conteúdo de Bardin (1977), realizando uma análise de aproximação semântica ligeira e, posteriormente, a categorização das palavras para assim conhecer um tema comum entre as evocações citadas acima. Como resultado desta análise, apresentado no Quadro 8, identificou-se quatro categorias: 1) “grande produção agrícola”, com palavras que remetem ao sistema produtivo agrícola, ou seja, ao negócio da *produção primária* em escala; 2) “comercialização”, referente ao processo e atividades relativas à coordenação e organização do produto pós-porteira; 3) “ruralidade”, palavras evocadas relacionadas ao contexto produtivo rural, isto é, ao espaço onde a produção acontece; e 4) palavras que demonstram a preocupação com o “meio ambiente”.

**Quadro 8 - Categorização das Palavras Associadas às Imagens Mais Representativas (Gf)**

<b>Categorias</b>	<b>Palavras/Expressões (frequência)</b>	<b>Total de Evocações</b>
<b>Grande Produção Agrícola</b>	Soja (11); Colheita (5); Agricultura (4); Irrigação (4); Plantação (4); Grão (3); Mão-de-obra (3); Commodity (2); Agricultura de precisão (2); Precisão (2); Produção (2); Manejo; Operador de máquina; Plantio; Semente; Sequeiro; Trabalho	<b>48</b>
	<i>Pivot</i> (10); Máquina (6); Tecnologia (4); Trator (4); Mecanização (2)	<b>26</b>
	Monocultura (4); Agricultura patronal (3); Agricultura convencional (2); Grande produtor (2); Grande colheita; Grande produção; Grandes equipamentos; Plantio convencional; Produção em grande escala;	<b>16</b>
	Produtividade (3); Desenvolvimento; Dinheiro; Eficiência; Sucesso	<b>7</b>
<b>Comercialização</b>	Armazenagem (11); Silo (7); Logística (4); Conservação (2); Exportação (2); Distribuição; Escoamento; Estocagem; Transporte	<b>30</b>
<b>Ruralidade</b>	Campo (2); Lavoura (2); Água; Terra	<b>6</b>
<b>Meio Ambiente</b>	Desmatamento; Meio ambiente	<b>2</b>
<b>Outros</b>	Gestão (3); Agronegócio (2); Indústria; Empresa de grãos; Horas; Processamento	<b>9</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

É possível verificar que as palavras e expressões evocadas neste grupo concentram-se nas categorias “grande produção agrícola” e “comercialização”. Na categoria mais expressiva no grupo (“grande produção agrícola”) observa-se quatro divisões, sendo a mais representativa aquela que compreende evocações relativas à *produção primária* e suas atividades – colheita, irrigação, manejo, plantio, sequeiro (n=48). Uma segunda divisão refere-se às ideias de tecnologia e mecanização da *produção primária* (n=26). Observa-se, também, uma subcategoria que, apesar de estar ligada à *produção primária* e suas atividades, enfatiza o negócio agrícola em escala (n=16). Assim, elementos ligados à produção em escala e à alta tecnologia empregada são possíveis componentes da estrutura da representação social deste grupo.

Uma última subcategoria, refere-se às evocações relacionadas à dimensão econômica e produtiva do setor (n=7). Nesta, é possível compreender nas representações sociais questões positivas do setor, tanto produtiva – produtividade – quanto monetária – dinheiro, eficiência. Como ressaltado anteriormente, esses elementos corroboram com os dados do agronegócio disseminados pelos meios de

comunicação. Além disso, a produtividade, como destacado pelo grupo, também destacada como um elemento importante e que impulsiona o crescimento do agronegócio (BARROS (2014)).

Elementos relacionados ao sistema pós-porteira e suas às atividades também são identificados – armazenagem, silo, logística, conservação, exportação. Eles estão relacionados, principalmente, ao processo de *armazenamento*, um outro possível componente da representação social do presente grupo. Destaca-se também duas evocações encontradas na categoria “outros” que destaca o sistema pós-porteira, além do processo de comercialização: “indústria” e “processamento”.

Buscando identificar a estrutura da representação social, especialmente os possíveis elementos do núcleo central e do sistema periférico, realizou-se a análise prototípica, considerando-se a frequência e a ordem de evocação como importantes fatores para compreender e analisar a estrutura da representação (Quadro 9).

**Quadro 9 - Análise Prototípica das Imagens Mais Representativas (Gf)**

		$\leq 1.89$		Ordem	$> 1.89$		
		Elementos Centrais			Primeira Periferia		
		f	OME		f	OME	
Frequência	$\geq 3.97$	Armazenagem	11	1.7	Soja	11	2.2
		Pivot	10	1.5	Plantação	4	2
		Silo	7	1	Monocultura	4	2.2
		Máquina	6	1.5	Logística	4	2.5
		Colheita	5	1.6	Tecnologia	4	2.5
		Trator	4	1	Agricultura	4	2
		Irrigação	4	1.5			
Frequência	$< 3.97$	Elementos de Contraste			Segunda Periferia		
			f	OME		f	OME
		Lavoura	2	1.5	Agricultura patronal	3	2
		Campo	2	1	Grão	3	2.7
		Mecanização	2	1.5	Gestão	3	2.3
					Produtividade	3	2
					Mão-de-obra	3	2.3
					Conservação	2	2
					Precisão	2	2
					Agricultura de Precisão	2	2.5
					Commodity	2	2
					Exportação	2	3
					Grande produtor	2	2.5
			Agronegócio	2	2		
			Agricultura convencional	2	2.5		

Fonte: Elaborada pela autora.

O Quadro 9 apresenta as quatro possíveis dimensões da estrutura da representação social. Ressalta-se que nesta análise foram considerados apenas os elementos que tiveram frequência acima de 1. Abric (1993) ressalta que toda representação está organizada em torno de um núcleo central, determinando sua significação e sua organização interna.

No caso da representação social do grupo, nota-se que as evocações situadas no quadrante superior esquerdo – armazenagem, *pivot*, silo, máquina, colheita, trator e irrigação – parecem constituir o núcleo central da representação deste grupo, sendo primeiramente evocadas e com uma maior frequência.

Considerando as categorizações destas evocações que foram apresentadas no Quadro 8, constata-se dois temas centrais, sendo mais expressivo a “grande produção agrícola”, com 5 palavras e, posteriormente, a “comercialização”. Das 7 palavras encontradas no quadrante, 2 referem-se às atividades de comercialização – armazenagem, silo –, especificamente o processo de *armazenamento*, 3 fazem referência à tecnologia/mecanização da *produção primária* – *pivot*, máquina, trator – e 2 às atividades do setor – colheita, irrigação. Verifica-se, a partir dessa análise, um posicionamento mais abrangente, porém ainda fortemente associado à *produção primária* e à tecnologia/mecanização empregada.

Quanto aos elementos periféricos, na primeira periferia – soja, plantação, monocultura, logística, tecnologia, agricultura – observa-se também, e majoritariamente, evocações ligadas a “grande produção agrícola”, identificando somente um elemento – logística – referente ao processo de comercialização.

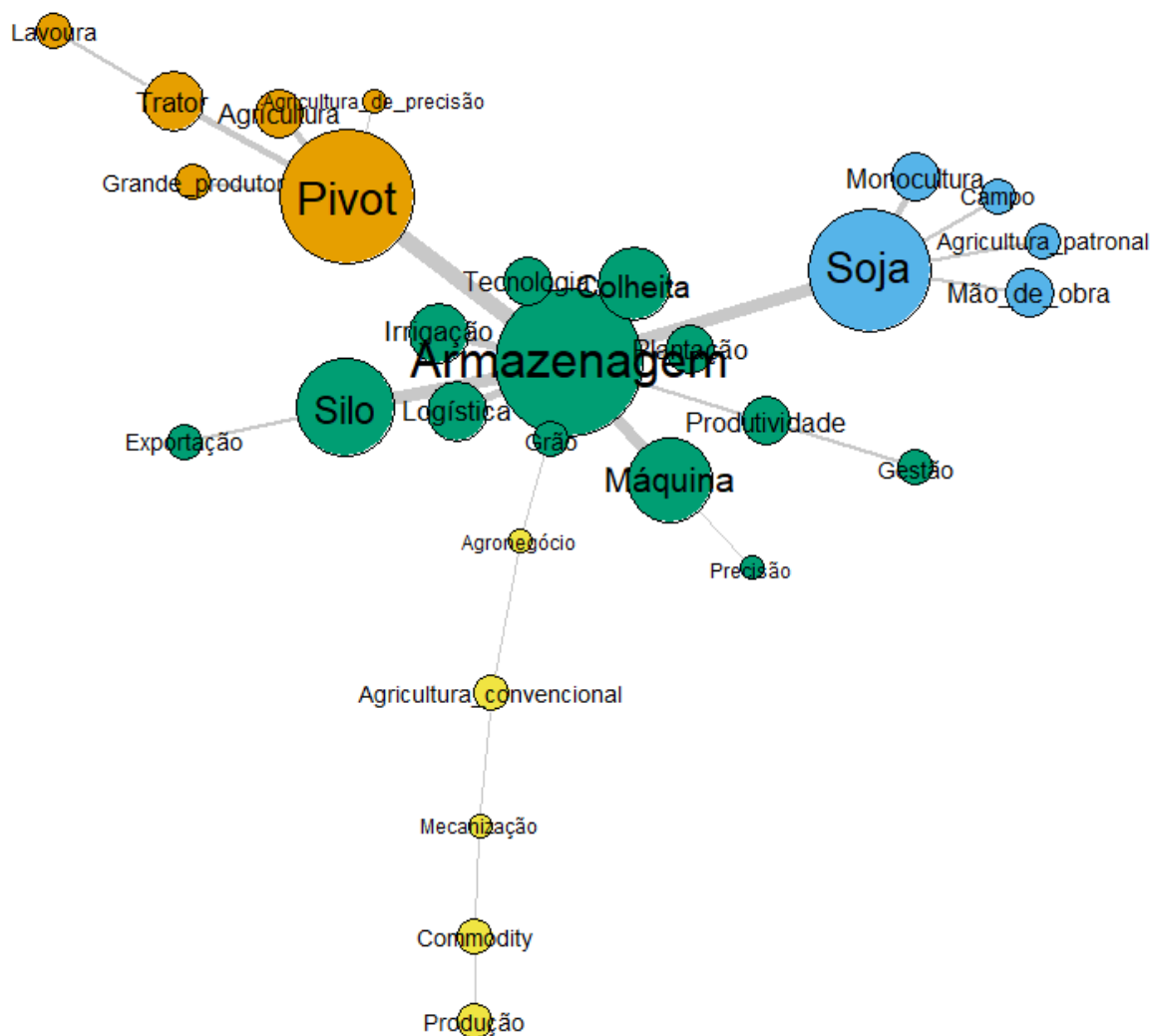
Na segunda periferia – quadrante inferior direito – nota-se um maior número de palavras, totalizando 13 evocações. São elementos considerados pouco frequentes, evocados de 2 a 3 vezes, porém com uma ordem menor de evocação. Esses elementos periféricos, apesar de menos expressivos, são essenciais para a concretização do significado da representação. Neste caso, observa-se que as palavras reforçam a associação do agronegócio à produção agrícola de *commodities* em larga escala (ao “negócio” agrícola).

Já as palavras com baixas frequências e que são evocadas em um primeiro momento formam os elementos de contraste – quadrante inferior esquerdo. Abric (2001) destaca que essas evocações podem indicar duas possibilidades: podem ser complementares da primeira periferia ou podem indicar existência de um subgrupo que considera elementos distintos da maioria, com possivelmente até mesmo um

núcleo central distinto. No caso explicitado acima, nota-se que esses elementos verificam e complementam a primeira periferia, concretizando o significado da representação do grupo.

Em complemento, utilizou-se novamente a análise de similitude buscando-se compreender a possível estrutura das representações sociais, a partir da análise das ligações entre os elementos. A árvore gerada (Figura 8) é apresentada na interface dos resultados da análise de similitude com a identificação das coocorrências entre as palavras e indicações da conectividade entre os termos “armazenagem”, “pivot” e “soja”, auxiliando na identificação da estrutura representação social.

**Figura 8 - Análise de Similitude das Evocações Mais Representativas (Gf)**



**Fonte:** Elaborada pela autora.



Observa-se que o elemento que mais estabeleceu conexões na árvore acima foi “armazenagem”, sendo todas as ramificações provenientes desse elemento. Esse fato o reafirma como um possível elemento central, organizador da representação social do grupo, já identificado nas análises anteriores. Esse elemento aparece com maior centralidade e ainda apresenta relações importantes com inúmeros elementos que o complementam e lhe dão suporte, formando várias teias de desdobramentos. As principais associações surgem entre os elementos: armazenagem-soja, armazenagem-*pivot*, armazenagem-máquina e armazenagem-silo.

As principais conexões, com forte associação, visualizadas na árvore ocorrem entre armazenagem-*pivot* e armazenagem-soja. Essas ligações remetem ao processo de comercialização juntamente com elementos da *produção primária*. Assim, a centralidade da palavra “armazenagem”, além do processo pós-porteira, traz também importantes elementos ligados ao setor produtivo, principalmente agrícola. Diferentemente do grupo anterior, o aspecto relativo ao “*contexto espacial da produção*” não foi identificado.

Em suma, é possível afirmar que, além dos elementos relacionados ao processo de comercialização, a representação social do grupo é também fortemente associada às questões produtivas no setor primário, principalmente à produção de *commodity* em larga escala, com elementos periféricos significantes – monocultura, agricultura patronal, grande produtor, agricultura convencional.

Em complemento às análises anteriores, procedeu-se uma segunda categorização como proposta por Bardin (1977), utilizando as justificativas transcritas referentes ao último procedimento metodológico. Nessa etapa identificou-se novamente elementos relacionados fortemente à *produção primária*, observando a importância desse elo na representação social do grupo (n=10). Além disso, constatou-se uma segunda e significativa categoria relacionada à mecanização, também ligada com a *produção primária* (n=3). O Quadro 10 destaca essas categorias e as verbalizações referentes à estas.

Quadro 10 - Categorização Temática das Verbalizações dos Discentes do Gf

Categorias	Verbalizações	Freq.
Produção agropecuária	<p>“[...] a grande <u>produção</u>, me lembra <u>pivot</u>, <u>irrigação</u>”</p> <p>“[...] quando fala em agronegócio o que vem na mente é uma <u>lavoura</u>. A gente vê no Centro Oeste”</p> <p>“Porque nela tem o <u>campo</u> [...]”</p> <p>“[...] então acho que o agronegócio é isso, aquelas máquinas passando no <u>campo</u>, <u>lavoura</u>”</p> <p>“Quando fala em agronegócio, o que vem na cabeça é o <u>pivot</u>, a <u>plantação</u> de <u>soja</u> em <u>grande escala</u>”</p> <p>“Por apresentar em <u>grande escala</u>, as <u>produções</u> [...]”</p> <p>“Porque representa bem o tipo de <u>agricultura convencional</u>, que está mais ligado ao agronegócio [...]”</p> <p>“Por se tratar das técnicas utilizadas na <u>agricultura convencional</u>, grandes exposições [...]”</p> <p>“Por causa do tipo de agricultura, dá para ver o <u>plantio</u> que não é plantio direto, é <u>convencional</u> [...]”</p> <p>“[...] está mais ligado ao agronegócio em <u>grande escala</u>”</p>	10
Mecanização	<p>“Lembra mais essa parte do agronegócio, do <u>pivot</u> central que lembra o <u>maquinário</u>, grandes utensílios humanos”</p> <p>“Porque quando se fala no agronegócio, até nas propagandas, aparece uma <u>colheitadeira</u> colhendo comida, <u>soja</u>. Até nas propagandas da Caixa e do Banco do Brasil quando você vê aparece uma <u>colheitadeira</u>”</p> <p>“Porque eu acho que envolve mais <u>tecnologia</u> [...] O <u>pivot</u>, a <u>colheitadeira</u>, tudo isso você vai precisar de <u>tecnologia</u> em uma área dessa”</p> <p>“[...] utilização de <u>máquinas</u> [...]”</p> <p>“[...] ainda tem o <u>maquinário</u> [...]”</p>	5
Dimensão Econômico e Produtivo	<p>“[...] mais <u>dinheiro</u> também [...]”</p> <p>“[...] por ter uma representação maior, monetário. A questão <u>monetária</u>, por ter mais <u>dinheiro</u> circulando”</p> <p>“[...] acho que é mais <u>eficiente</u>, a <u>eficiência</u>”</p>	3
Sistema pós-porteira	<p>“[...] só tem produtos do agronegócio por se tratar de uma <u>feira</u>. Então eu coloquei figura dois porque acho que pega a parte da <u>comercialização</u> para chegar no produtor final [...]”</p> <p>“Porque é a parte do <u>processamento</u>. Ela mostra todo o trabalho, o trabalho que tem que ser mais atencioso, porque se ele não for bem feito, o <u>processamento</u> do frango, ele pode chegar com algum problema”</p>	2

Diversidade de produtos	“Porque tem uma <i>variedade</i> de produtos, <i>frutas</i> , <i>legumes</i> e <i>verduras</i> . Não que eu acho que seja mais ligado, é porque cada uma dessas figuras está focando em um só produto ou commodity do agronegócio. E eu coloquei a dois porque tem mais variedade”	1
-------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Outras duas categorias menos expressivas foram encontradas, sendo a primeira relacionada ao sistema pós-porteira, com verbalizações focadas na *comercialização* e no *processamento* dos produtos (n=2). Já a segunda refere-se à diversidade do setor, demonstrada pela variedade de produtos, principalmente frutas, legumes e verduras.

Relacionado à categoria “produção agropecuária”, observa-se elementos restritos da agricultura, principalmente a produção e irrigação. Além disso, para os discentes desse grupo, além da forte associação com a *produção primária*, observa-se também que o agronegócio é fortemente vinculado à agricultura convencional, com a produção em alta escala.

Observa-se nessa mesma categoria, elementos positivos do setor, como observado também no Quadro 8. Estes elementos remetem tanto às questões produtivas – eficiente, eficiência – quanto às questões econômicas que envolvem o setor – dinheiro, monetária. Porém, apesar de representar os dados do agronegócio como já apontado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (BRASIL, 2016) e Barros (2014), esses pontos são restritos à *produção primária*.

Um outro ponto, relativo à agricultura familiar e sua oposição ao agronegócio, foi destacado por somente dois discentes em suas justificativas, porém com sentidos opostos:

“[...] eu acho o agronegócio ligado a agricultura familiar, só que o que a gente vê na mídia é mais a agricultura convencional, para a exportação. Geralmente a mídia separa a agricultura familiar de agronegócio, mas eu acho que é tudo junto”

“[...] e a agricultura de pequeno porte não é tão considerada por outros como o agronegócio. E quando tem uma larga, grande escala, já é considerado mais do agronegócio, porque a gente pode exportar para outros locais e a agricultura familiar é o pequeno produtor, fica mais aqui. Não é tão visado como o agronegócio em si”

Essas contradições, apesar de serem demonstradas por somente dois discentes, permeiam também o campo acadêmico/científico e o político/ideológico, conforme já destacado, emergindo discussões que colocam em confronto a ideia de agronegócio e agricultura familiar, como evidenciado por Caume (2009).

Nessa discussão, somente um discente evidenciou que a agricultura familiar também faz parte do agronegócio, porém destacou que a agricultura convencional é mais representativa, principalmente na mídia e em termos econômicos. Entretanto, outro discente declarou que o agronegócio é mais representado pela produção em larga escala, com uma abrangência maior de mercado, sendo ele a exportação, enquanto que a agricultura familiar tem uma abrangência mais local.

Em complemento às verbalizações apresentadas no Quadro 10, observa-se que, para este grupo, a agricultura convencional e a produção em larga escala são significativas na representação de agronegócio. Nota-se que das 10 verbalizações transcritas na categoria “produção agropecuária”, 6 destacam esses elementos. Assim, é possível afirmar que o agronegócio, para esse grupo, é visto fortemente como ligado com a agricultura de *commodity* em larga escala e também com a tecnologia e maquinário empregada nesta.

É possível inferir a partir dos achados que as representações sociais desse grupo evidenciam uma transição, como apontada por Moscovici (1988), onde a nova teoria científica do que vem a ser agronegócio está sendo integrada ao saber cotidiano dos discentes. Apesar disso, as representações, ao exercerem suas funções de saber e de identidade, estabelecem uma coerência com os valores sociais e historicamente determinados. Ou seja, observa-se ainda que o agronegócio é associado a elementos similares daqueles reproduzidos pela grande mídia (SILVA; GUIMARÃES, 2016) e também daquelas presentes na sociedade (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO AGRONEGÓCIO, 2013), onde o associam exclusivamente à produção agropecuária em escala.

#### 4.2.2.1 Análise da Imagem Menos Representativa no Gf

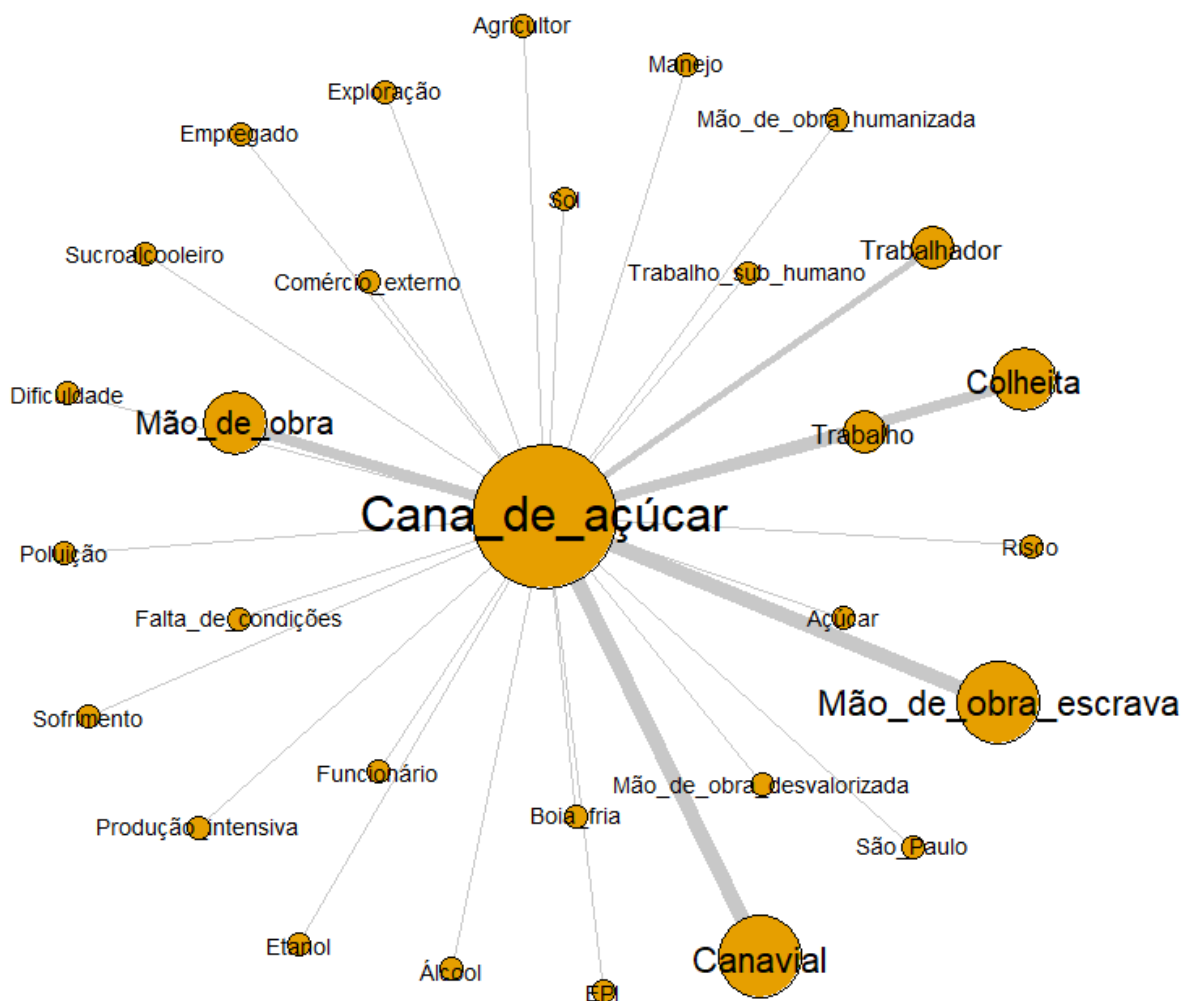
Considerando a imagem menos representativa, 50% dos discentes consideraram a Imagem 7, referentes à produção primária, em especial a colheita manual da cana-de-açúcar. Para esta imagem, foram evocadas 48 palavras/expressões, sendo 23 unicamente evocadas. Dentre as evocações, a palavra “Cana-de-açúcar” (7) foi a mais frequente e citada por 43,75% do grupo, seguida por “canavial” (4) e “mão de obra escrava” (4), ambas citadas por 25% dos discentes. Adicionalmente, buscando compreender as conexões entre os diversos elementos, realizou-se a análise de similitude. A árvore máxima gerada, apresentada na Figura 9, aponta os diversos elementos e suas coocorrências, sendo o elemento central a palavra “cana-de-açúcar”. É a partir desse elemento que as outras evocações se conectam, demonstrando assim que esse é um elemento estrutural para esta imagem.

Apesar da palavra central ser “cana-de-açúcar”, observa-se que os elementos conectados demonstram seus pontos negativos, sendo o principal “mão de obra escrava”. Analisando as ligações entre os elementos, observa-se uma forte associação entre “cana-de-açúcar” e os elementos “canavial”, “mão-de-obra escrava”, “mão de obra” e “trabalho”. Outros elementos, apesar de uma conexão menor, demonstram esses pontos negativos, como “trabalho sub-humano”, “exploração”, “dificuldade”, “falta de condições”, “sofrimento”, “risco”, entre outros.

Em síntese, constata-se que a Imagem 7, apesar de ser considerada um elo do agronegócio – *produção primária* – juntamente com o trabalho que envolve o setor, remete a questões negativas, principalmente relacionadas ao trabalho e suas condições. Em contrapartida, os discentes a consideraram como a menos representativa, sendo possível conferir que esse grupo não associa fortemente o agronegócio a um prisma negativo nas suas representações.

Em outras palavras, a representação social, ao desempenhar sua função identitária, funcionando como uma proteção à especificidade dos grupos na medida em que situa os indivíduos ou grupos no campo social, atua desassociando elementos vistos socialmente como negativos.

Figura 9 - Árvore Máxima de Similitude da Imagem Menos Representativa (Gf)



Fonte: Elaborada pela autora.










É possível que essa desassociação possa estar relacionada com a forte visão do agronegócio ligado à tecnologia e a mão de obra associada à essa tecnologia. Para o grupo, como observado nas diversas análises do tópico 4.2.2 (p. 74), o agronegócio é também fortemente associado à tecnologia e à mecanização do setor primário. Já a Imagem 7, considerada como menos representativa, demonstra o contrário desses elementos, como o trabalho manual e sem qualquer mecanização, elementos que se sobressaem frente a outros, como a utilização do Equipamento de Proteção Individual – EPI e o emprego gerado no campo.

A próxima seção busca comparar as representações sociais de ambos os grupos, evidenciando uma possível modificação destas.

### 4.3 Análise Comparativa dos Resultados

Investigando as representações sociais de ambos os grupos, observa-se que para os discentes de Gestão do Agronegócio – *Campus* de Planaltina, o agronegócio está fortemente associado à *produção primária*. Em especial, para os discentes do início do curso (*Gi*) essa associação se apresenta mais forte, sendo que as três primeiras imagens mais representativas remetem à *produção primária*, repetindo a Imagem 1 (1ª e 3ª colocação). Já para os discentes do final do curso (*Gf*) do mesmo campus, apesar de fortemente associado à *produção primária*, encontram-se também elementos referentes às atividades pós-porteira. Em contrapartida, esses elementos são encontrados somente para a Imagem 10, que ficou na 3ª colocação, não sendo então fortemente associado ao agronegócio. Na Figura 10 pode-se observar um comparativo das três imagens mais representativas e quantos discentes as escolheram.

**Figura 10 - Comparativo das Imagens Mais Representativas**

Ranking	<i>Gi</i>	<i>Gf</i>
1º	 5 alunos do <i>Gi</i>	 /  11 alunos do <i>Gf</i>
2º	 5 alunos do <i>Gi</i>	 /  9 alunos do <i>Gf</i>
3º	 3 alunos do <i>Gi</i>	 /  1 aluno do <i>Gf</i> 2 alunos do <i>Gi</i> 7 alunos do <i>Gf</i>

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Nota-se que ambos os grupos julgaram a Imagem 1 e 3 como as mais representativas do agronegócio, divergindo somente na 3ª colocação, onde o *Gi* julgou a Imagem 1 e o *Gf* a Imagem 10. Para a 1ª colocação, nota-se que houve uma concordância maior do *Gf*, com 11 discentes do grupo enquanto que no *Gi* foi de somente 5 alunos, sendo o restante difundido nas outras imagens. Já para a 2ª

colocação, ambos os grupos escolheram a Imagem 3, representando novamente o setor primário, porém focado mais na mecanização do mesmo. Da mesma forma que anteriormente, observa-se que houve uma concordância maior no *G<sub>f</sub>*, com 9 discentes, contra 5 no *G<sub>i</sub>*. Isso indica que há no *G<sub>i</sub>*, possivelmente, a existência de um outro subgrupo que considera elementos distintos da maioria.

Considerando as evocações geradas para as imagens mais representativas, observa-se categorias semelhantes, variando somente na expressividade. A categoria “grande produção agrícola” foi a mais expressiva tanto para o *G<sub>i</sub>* quanto para *G<sub>f</sub>*, com um total de 68,75% e 67,36%, respectivamente. A Tabela 7 sintetiza e compara as categorias de *G<sub>i</sub>* e *G<sub>f</sub>* com base no total de evocações.

No *G<sub>f</sub>*, em contrapartida, verificou-se duas categorias adicionais, sendo a primeira referente ao processo de comercialização, e a segunda referente ao meio ambiente, porém com somente duas evocações. Ao contrário do *G<sub>i</sub>*, houve uma segunda maior expressividade da categoria “comercialização”, com 20,83%, justamente por conter, nas imagens mais representativas, uma referente ao processo de armazenamento (Imagem 10).

**Tabela 7 - Comparativo das Categorias de *G<sub>i</sub>* e *G<sub>f</sub>***

Categoria	Frequência	
	<i>G<sub>i</sub></i>	<i>G<sub>f</sub></i>
<b>Comercialização:</b> atividades de comercialização pós-porteira	-	20,83%
<b>Meio ambiente:</b> relativo à preocupação com o meio ambiente	-	1,39%
<b>Grande produção agrícola:</b> relacionadas aos negócio rural	68,75%	67,36%
<b>Ruralidade:</b> remetem ao contexto produtivo rural	21,25%	4,17%
<b>Outros</b>	10%	6,25%

Fonte: Elaborada pela autora.

A partir disso, nota-se que a *produção primária* é considerada um elemento central para ambos os grupos, tendo, proporcionalmente, porcentagens similares para a categoria “grande produção agrícola”. Outra categoria semelhante refere-se à ruralidade, tendo uma maior expressividade para o *G<sub>i</sub>*, com 21,25% das evocações, com apenas 4,17% para o *G<sub>f</sub>*. Além disso, observa-se evocações relacionadas à comercialização no *G<sub>f</sub>*, não sendo evidenciadas para o *G<sub>i</sub>*, sendo esta a segunda categoria mais expressiva no grupo.



Além disso, destaca-se que na categoria “grande produção agrícola”, apesar das evocações remeterem ao sistema produtivo agrícola em escala, este é mais explícito para o *G<sub>f</sub>*, que evocou elementos como “monocultura”, “agricultura patronal” e “grande produtor”, não sendo presentes no *G<sub>i</sub>*.

Analisando os possíveis elementos que compõem o núcleo central, constata-se um posicionamento restrito sobre o agronegócio no *G<sub>i</sub>*, considerando a amplitude do seu conceito acadêmico, visto que as palavras que compõem o núcleo central – plantação, máquina, campo, trator, soja, *pivot* – focam-se na *produção primária*, em especial, na grande produção agrícola e ruralidade já citados acima. Apesar de focar somente em um setor, os discentes do grupo consideram elementos distintos, como as atividades – plantação – e a mecanização – máquina – da *produção primária*.

Ao contrário do *G<sub>i</sub>*, observa-se que os elementos do núcleo central do *G<sub>f</sub>* abrangem em maior grau a grande produção agrícola, em especial a tecnologia/mechanização da *produção primária* – *pivot*, máquina, trator – e também as atividades do setor – colheita, irrigação. Observa-se, também, evocações que saem de dentro da porteira, porém em menor grau, referentes às atividades de *comercialização* – armazenagem, silo. Assim, verifica-se um posicionamento mais abrangente, porém ainda fortemente associado à *produção primária* e a tecnologia/mechanização empregada. Em síntese, observa-se que, desempenhando sua função do saber, os estudantes, ao adquirir novos conhecimentos, integram-nos a um quadro assimilável e compreensível que está coerente com seu funcionamento cognitivo e os valores. Em outras palavras, há uma adaptação das representações sociais diante do novo contexto, porém, estes são integrados às representações anteriormente construídas, sem alterar seus elementos centrais.

As verbalizações, presentes no Quadro 7 e Quadro 10, confirmam a inferência de que para ambos os grupos o agronegócio se associa fortemente à *produção agropecuária*. Observa-se que parte dos elementos em destaque nos Quadros são semelhantes às palavras/evocações anteriormente destacadas pelos discentes. Além disso, somente uma categoria é comum entre os grupos: produção agropecuária. Porém, os elementos que a compõem variam, sendo que para o *G<sub>i</sub>* questões relacionadas às atividades são mais fortes – plantação, campo, colheita – enquanto que no *G<sub>f</sub>* o sistema produtivo agrícola em escala prevalece – agricultura convencional e grande escala. Observa-se também, nesse grupo, ideias de mecanização e tecnologia com a categoria “mecanização”, não sendo observadas no *G<sub>i</sub>*. Esse fato

revela que os discentes do final do curso associam o agronegócio à uma produção agropecuária extensiva onde a mecanização e o uso de tecnologias se fazem presentes. Algumas verbalizações, destacadas abaixo, destacam esses elementos de ambos os grupos:

**Gi**

*“Porque mostra um campo e para mim o agronegócio é a imagem de um campo, verde, de uma plantação, de uma fazenda”*

*“Porque, na minha visão, o agronegócio não é só plantar, você tem que plantar, você tem que colher, tem que cultivar e isso representa um pouco do que eu penso”*

**Gf**

*“Quando fala em agronegócio, o que vem na cabeça é o pivot, a plantação de soja em grande escala [...]”*

*“Porque acho que envolve mais tecnologia, está mais ligado ao agronegócio em grande escala [...] O pivot, a colheitadeira, tudo isso você vai precisar de tecnologia em uma área dessa”*

Nota-se, também, elementos “fora da porteira”, sendo que no Gi esses elementos focaram nas atividades comerciais e, para o Gf, além da comercialização, considerou-se também o processamento em que os produtos passam para depois serem comercializados. Esses elementos de cada grupo são exemplificados abaixo:

**Gi**

*“É o mercado final. O que todo mundo da produção deseja é chegar no mercado final [...]”*

*“Porque eu acho que o agronegócio também está nisso, em mexer com a exportação [...]”*

**Gf**

*“Porque é a parte do processamento. Ela mostra todo o trabalho, o trabalho que tem que ser mais atencioso, porque se ele não for bem feito, o processamento do frango, ele pode chegar com algum problema”*

*“[...] porque acho que pega a parte da comercialização para chegar no produtor final”*

No que se refere às representações dos discentes do início do curso, observa-se elementos contraditórios: sustentabilidade x desmatamento. Essa contradição, destacada nas verbalizações abaixo, onde o agronegócio é associado negativamente ao desmatamento e, também, associado às maneiras sustentáveis de produção indicam, novamente, a existência de um possível subgrupo que considera elementos distintos da maioria, ressaltando uma visão distinta desses.

**Gi**

*“Eu sei que é feio falar isso, não sou a favor também, mas para começar a criar gado ou plantação, você tem que desmatar”*

*“[...] não necessariamente para você produzir algo você precisa desmatar. Tem outros meios, como por exemplo, produzir e reflorestar ao mesmo tempo. Não precisa causar tantos danos ao meio ambiente. O agronegócio também é isso, você procurar maneiras sustentáveis de produzir”*

Analisando ainda as justificativas, constata-se que poucos discentes fizeram menção à agricultura familiar. No *Gi* nota-se que, dos 14 discentes, somente 4 mencionaram a agricultura familiar e, no *Gf*, menor ainda, com somente 2 discentes dos 16 participantes. Retomando o *ranking* das imagens (Figura 5), verifica-se que a agricultura familiar ficou em quinto lugar como a mais representativa do agronegócio para o *Gi*, enquanto que para o *Gf* esta não foi destaca.

Assim, apesar da agricultura familiar integrar o agronegócio, como afirma Caume (2009), percebe-se que os discentes do *Gf* não consideram essa forma de organização como associada a ele. Considerando as justificativas, observa-se que ainda há uma divergência entre o agronegócio e a agricultura familiar em ambos os grupos, sendo que no *Gi* essa discussão é mais forte do que o *Gf*, tendo somente dois alunos destacando a agricultura familiar.

Essas contradições que permeiam o agronegócio e a agricultura familiar são evidenciadas não só no campo acadêmico, mas também no político e social. Além das pesquisas realizadas que colocam em confronto ambas, nota-se na mídia, principalmente, que o agronegócio e a agricultura familiar são tratados como antônimos. Como evidenciado por Silva e Guimarães (2016), a representação social do agronegócio nas reportagens estudadas é expressa separadamente e desvinculando dois importantes agentes: a agricultura familiar e patronal. Em suma, as autoras destacam que na mídia estudada há uma visão limitada de agronegócio,

associada essencialmente à produção dentro da porteira. Pode-se afirmar que esses meios acabam influenciando também as representações sociais dos grupos, como destacado também por Moscovici (2007).





Os discentes, de ambos os grupos, parecem conferir um alinhamento com essa reproduzida pela grande mídia, como revistas, televisão e jornais, onde o agronegócio é mais comumente associado às atividades agropecuárias em escala e que fazem uso de alta tecnologia. Essa visão parece ser mais forte para o Gf, onde há elementos evidentes, como “agricultura convencional” e “grande escala”. Em contrapartida, é possível verificar uma mudança na compreensão do que vem a ser “agronegócio”, provavelmente fruto do conhecimento/informação adquiridos no curso de Gestão do Agronegócio e que estão sendo integrados no cotidiano do indivíduo, como destacado por Moscovici (1988). Assim, o agronegócio e a agricultura familiar já são vistos de forma articulada. Isso evidencia que ideias de antagonismo estão sendo desconstruídas, concebendo uma nova visão como a proposta por Caume (2009), sendo tanto a agricultura familiar quanto a patronal pertencentes ao agronegócio.

Considerando a imagem menos representativa, nota-se um julgamento semelhante, tendo a Imagem 4 e 7 como as menos representativas. Ambas as imagens referem-se ao setor *primário*, sendo, respectivamente, de cana-de-açúcar e eucalipto, em especial o processo de colheita desses. A divergência entre os grupos ocorre quanto à colocação das imagens, onde para o Gi a Imagem 4 é considerada como a menos representativa por 42,86% dos discentes, seguida da Imagem 7, com 28,57%. Já para o Gf, 50% dos discentes julgaram a Imagem 7 como a menos representativa, seguida pela Imagem 4, com 43,75%. A Figura 11 destaca o comparativo dessas imagens e o número de discentes que as escolheram.

Considerando as evocações para a imagem menos representativa, apesar de consideradas como um elo do agronegócio (produção primária de eucalipto e cana-de-açúcar), nota-se que essas imagens são associadas para ambos os grupos à fatores negativos. Para o elo referente à *produção primária* do eucalipto, observa-se que ambos os grupos o associam ao desmatamento, evidenciando que o agronegócio carrega elementos contraditórios, associados ao desmatamento, à poluição, ao desperdício de água e outros, como apontado por Weissheimer (2006). Adicionalmente, a Imagem 7, além da *produção primária* da cana-de-açúcar, também faz referência ao trabalho manual empregado no campo, porém para os discentes é associado a fatores negativos, principalmente as condições do trabalho. Para ambos

os grupos, esse trabalho é julgado como *trabalho escravo* (4 evocações do Gf e 3 do Gi), com más condições – dificuldade (2), desvalorizado (2), barato, cansativo, risco, sofrido. Em contrapartida, os discentes as consideraram como menos representativas, sendo possível conferir que ambos os grupos não associam o agronegócio sob um prisma negativo em suas representações.

**Figura 11 - Comparativo das Imagens Menos Representativas**

Ranking	Gi		Gf	
9º		7		4
	4 alunos do Gi	2 alunos do Gf	2 alunos do Gi	7 alunos do Gf
10º				
	6 alunos do Gi	0 alunos do Gf	3 alunos do Gi	8 alunos do Gf

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Em síntese, ambos os grupos têm, possivelmente, uma representação social do agronegócio voltado às questões positivas do setor, principalmente à *produção primária*, à mecanização envolvida e ao valor econômico e produtivo envolvido. Desempenhando sua função identitária, as representações sociais dos estudantes atuam desassociando o agronegócio de elementos vistos socialmente como negativos, retratados nas Imagens 4 e 7. Assim, buscando uma proteção dos elementos centrais e positivos do setor no campo social, os estudantes lidam com essas contradições que o campo de escolha profissional lhes impõe, desassociando de imagens que remetem a aspectos socialmente vistos como negativos, como o desmatamento e as más condições de trabalho no contexto rural.

Além de comparar ambos os grupos, é importante também comparar essas representações sociais encontradas com as representações dos estudantes de Gestão de Agronegócios (Campus Darcy Ribeiro), apresentadas no estudo de Cappellesso e Guimarães (2016). Essa comparação é apresentada no tópico seguinte.

#### 4.3.1 Análise Comparativa das Representações Sociais dos Discentes de Planaltina e do Darcy Ribeiro (UnB)

Buscando comparar as representações sociais dos discentes de Gestão de Agronegócios do Campus Darcy Ribeiro e de Planaltina, utilizou-se como base a pesquisa realizada por Cappelleso e Guimarães (2016). Nesse estudo participaram 35 alunos, divididos em dois grupos distintos, sendo 18 do início do curso ( $G_i$ ) e 17 do final do curso ( $G_f$ ), com a mesma metodologia desse estudo.

Comparando o perfil dos discentes, observa-se que os grupos possuem o perfil biográfico semelhantes, tendo, predominantemente, no  $G_i$  discentes com 19 anos ou menos e no  $G_f$  discentes entre 20 e 25 anos. Com relação ao sexo, observa-se que no Campus de Planaltina houve uma maior igualdade entre homens e mulheres no curso. Em contrapartida, no Campus Darcy Ribeiro, 23 dos participantes eram do sexo masculino, enquanto que somente 12 eram do sexo feminino. Essa comparação pode ser observada na Tabela 8.

**Tabela 8 - Comparativo do Perfil dos Discentes do Campus Darcy e Planaltina**

Campus	Grupo	Faixa etária predominante	Sexo	
			Masculino	Feminino
Planaltina	Início do curso ( $G_i$ )	≤19	8	6
	Final do curso ( $G_f$ )	20-25	7	9
Darcy Ribeiro	Início do curso ( $G_i$ )	≤19	10	8
	Final do curso ( $G_f$ )	20-25	13	4

**Fonte:** Elaborada pela autora.

Considerando as imagens que mais representam o agronegócio, observa-se que para os discentes de  $G_i$  o agronegócio é associado principalmente ao elo *produção primária*, apresentado na Figura 12. No Campus Darcy Ribeiro, os discentes do  $G_i$  parecem relacionar o agronegócio com elementos ligados às atividades realizadas em um contexto específico – ambiente *rural* ou *campo*. Considerando a categorização, apresentada no Quadro 11, observa-se que elementos relacionados à grande produção agrícola são elementos centrais nas representações desses ( $n=76$ ). Nos discentes de Planaltina, nota-se que questões relacionadas ao sistema produtivo agrícola também são centrais, porém, destaca-se que elementos ligados à produção em escala não são evidenciados nesse grupo, podendo ser elementos mais representativos para os discentes do  $G_i$  do Darcy Ribeiro.

**Quadro 11 - Comparativo das Categorias dos Campus Darcy e Planaltina**

	<b>Gi</b>		<b>Gf</b>	
<b>Darcy Ribeiro</b>	Grande Produção Agrícola	76	Grande Produção Agrícola	53
	Ruralidade	25	Comercialização	37
	Meio Ambiente	5	Ruralidade	7
	Outros	2	Meio Ambiente	1
			Outros	4
<b>Planaltina</b>	Grande Produção Agrícola	55	Grande Produção Agrícola	97
	Ruralidade	17	Comercialização	30
	Outros	8	Ruralidade	6
			Meio Ambiente	2
			Outros	9









































**Fonte:** Elaborado pela autora.

Considerando a visão focada na *produção primária*, observa-se uma semelhança maior do *Gi* do Darcy com o *Gf* de Planaltina, evidenciando, nas justificativas, questões da produção em escala e a tecnologia/mecanização empregada nessa produção. Elementos relacionados à dimensão econômica e produtiva do setor – dinheiro, investimento, exportação – também se destacam em ambos os grupos, evidenciados dentro da categoria “grande produção agrícola”. Além disso, destaca-se a preocupação com o meio ambiente, evidenciado pelos discentes do Darcy – seca, desgaste do solo, desmatamento, queimada –, não sendo presentes para os discentes de Planaltina.

Confrontando a estrutura da representação social do *Gi* de ambos os campus, nota-se elementos semelhantes no núcleo central, como *campo* e *máquina*. Já no sistema periférico, elementos similares são encontrados que referem-se às atividades produtivas e a ruralidade.

Em suma, as representações sociais de ambos os campus se assemelham no foco dado à *produção primária*, tendo no núcleo central elementos semelhantes – campo e máquina – e divergem no que se refere à dimensão desse, um focando na produção em escala e outro nas atividades desenvolvidas dentro do sistema produtivo agrícola. Em contrapartida, os discentes do Darcy Ribeiro possuem, possivelmente, uma preocupação com questões ambientais ligados à essa produção em escala.

Figura 12 - Comparativo do Ranking entre os Cursos

	Gestão do Agronegócio (Planaltina)		Gestão de Agronegócios (Darcy Ribeiro)	
	Grupo Gi	Grupo Gf	Grupo Gi	Grupo Gf
1ª	 / 1	 / 1	 / 10	 / 10
2ª	 / 3	 / 3	 / 3	 / 3
3ª	 / 2	 / 2	 / 2	 / 2
4ª	 / 8	 / 8	 / 8	 / 8
5ª	 / 5	 / 5	 / 5	 / 6
6ª	 / 6	 / 6	 / 6	 / 6
7ª	 / 7	 / 7	 / 7	 / 7
8ª	 / 8	 / 8	 / 8	 / 8
9ª	 / 9	 / 9	 / 9	 / 9
10ª	 / 4	 / 4	 / 7	 / 7

Fonte: Elaborada pela autora.

A agricultura familiar também merece destaque, dado que essa é também considerado como agronegócio, como evidenciado por Caume (2009). Nota-se que



no Gi de Planaltina há uma discussão sobre a integração da agricultura familiar ao agronegócio, sendo julgada como a 5ª mais representativa do agronegócio. Já no Darcy Ribeiro, percebe-se que para os discentes essa associação é menor, ficando em 8ª lugar e empatando com outras imagens, como apresentado na Figura 12.

Já nas justificativas dos discentes, observou-se poucos discentes que fizeram menção à agricultura familiar, sendo que dois no Darcy Ribeiro consideraram-na associada também ao conceito de agronegócios. Já para os discentes de Planaltina esse é um elemento contraditório no grupo, sendo considerado por poucos como pertencente ao agronegócio, enquanto que para outros dois discentes, o agronegócio é visto como “*uma coisa maior*”, onde a agricultura familiar não é inserida e considerada como “*inferior*” quando comparado à mecanização empregada na grande produção. Observa-se, na matriz curricular do curso de Planaltina, uma disciplina referente à agricultura familiar, denominada de “Evolução da Agricultura Familiar”. A partir disso, essa discussão entre os discentes de Planaltina pode decorrer da integração de novos conhecimentos adquiridos dentro desta disciplina e outras, onde estes são tratados, na academia, de forma articulada. Demonstra-se, assim, um momento de mudança e alteração das representações sociais no que se refere ao agronegócio e agricultura familiar.

Em suma, é possível conferir às representações sociais de ambos os campus um alinhamento com aquelas presentes e reproduzidas na grande mídia brasileira, onde o agronegócio é fortemente associado às atividades agropecuárias em escala e tecnificada, sendo mais forte para os discentes do Darcy Ribeiro. O estudo realizado por Silva e Guimarães (2016) corrobora essa afirmativa: ao analisar o conteúdo das reportagens de um grande veículo nacional, concluiu-se que o agronegócio é associado exclusivamente à produção agropecuária em escala. As autoras destacam que os diferentes meios de comunicação constituem parte importante do ambiente social e cultural e que esses estão inseridos em um processo de permuta, tanto sendo a expressão de um grupo, como um influenciador nas representações sociais das pessoas e grupos sociais. O estudo da Associação Brasileira do Agronegócio – ABAG (2013) também evidencia essa forte associação do agronegócio à elementos restritos ao setor primário, correlacionando-o com a agricultura, pecuária, negócios do campo, entre outros.

Esse alinhamento das representações sociais conferido com aquelas reproduzidas pela grande mídia brasileira e também pela sociedade, onde o

agronegócio é fortemente associado ao setor primário, demonstra as funções identitárias e do saber das representações. Apesar de novos conhecimentos adquiridos que buscam desconstruir essas visões pré-estabelecidas, este é integrado às representações de modo coerente e compatível com os valores sociais e historicamente determinados presentes nos grupos sociais dos estudantes.

Apesar disso, é possível observar uma nova visão dos discentes, onde o agronegócio e a agricultura familiar já são vistos de forma articulada. Isso evidencia que ideias de antagonismo estão sendo desconstruídas, rompendo com o alinhamento presente na mídia brasileira. Considerando o agronegócio e seu conceito acadêmico, observa-se que ainda é recente, principalmente para os grupos sociais. Esse fato possibilita a construção de representações divergentes e muitas vezes errônea nos diversos grupos sociais sobre o tema. Como destacado por Moscovici (1988), as teorias científicas formam o substrato do senso comum e são difundidas através de instruções, conversas, livros e outros, penetrando no conhecimento do senso comum. Dessa forma, é possível afirmar que os conhecimentos científicos do que vem a ser agronegócio estão sendo integradas no cotidiano dos estudantes, moldando o ambiente social no qual estão inseridos, podendo, ao longo do tempo, transformar as representações desse ambiente.

Adicionalmente, comparando o *Gf* entre os campus, observa-se que os discentes do Darcy associam o agronegócio a uma variação maior dos elos, como *armazenamento*, *produção primária* e *distribuição*. Em contrapartida, os discentes de Planaltina ainda o associam à *produção primária*, podendo observar a inserção de um novo elo nas imagens mais representativas: o *armazenamento*. Essa divergência pode ser observada na Figura 12, constatando que no Darcy Ribeiro há uma variação maior das imagens escolhidas como as mais representativas, considerando as três primeiras colocações.

Considerando a categorização das evocações apresentada no Quadro 11, nota-se que, em ambos os grupos, há a prevalência de palavras que remetem à grande produção agrícola, sendo mais expressiva para os discentes de Planaltina, com 67,36%, enquanto que para os discentes do Darcy correspondeu à 51,96% das evocações. Além disso, observa-se, nesta categoria, que ambos os grupos evocaram palavras/expressões que remetem à produção em escala – monocultura, grande produtor e produção em alta escala.

Uma segunda categoria identificada em ambos os grupos se refere as palavras evocadas que remetem ao sistema pós-porteira e suas atividades relativas à *logística* para a comercialização dos produtos. Essa categoria é mais representativa para os alunos do Darcy do que para os de Planaltina, tendo, respectivamente, 36,27% e 20,83% das evocações relacionadas a essa. Outras categorias semelhantes também foram evidenciadas, como meio ambiente e ruralidade, porém com menor expressividade.

As estruturas das representações sociais de ambos os grupos evidenciam, novamente, o papel da *produção primária* no núcleo central e também das atividades de comercialização – armazenamento, silo. O núcleo central diverge-se nos discentes de Planaltina, que destacam também o papel da mecanização do setor – máquina, trator – não sendo identificado no outro grupo. Já no sistema periférico, elementos relacionados ao valor econômico do agronegócio são evidentes para os discentes do Darcy – dinheiro, investimento, exportação – não sendo tão ressaltados pelos de Planaltina.

Em suma, as representações sociais do Gf de ambos os campus são, em geral, divergentes. Apesar de considerar elementos que vão além da *produção primária*, observa-se que os discentes de Planaltina ainda a associam fortemente ao agronegócio. Já para os discentes do Darcy Ribeiro, nota-se que, apesar de ainda associar a *produção primária* ao agronegócio, ela ocorre de forma menos intensa. Além disso, nota-se que, nos dois grupos, as evocações compreendem diversos processos e operações que são englobados na definição, expandindo além da produção primária, como a armazenamento, processamento e distribuição dos produtos agropecuários e itens produzidos a partir desses.

Assim, é possível afirmar que as representações dos discentes do final do curso de ambos os campus parecem refletir um esforço de articulação e integração, consequência de um novo conhecimento/informação assimilados pelos sujeitos em relação ao agronegócio, objeto da representação. A partir disso, nota-se transformações comparando com os discentes do início do grupo, porém, elementos historicamente construídos e fortemente compartilhados permanecem, como a associação do agronegócio à *produção primária*. Nas justificativas é possível observar a dificuldade dos discentes, tanto do Darcy como de Planaltina, na escolha da imagem em função de que compreendem o agronegócio sob uma perspectiva sistêmica e de

cadeia. Essa dificuldade foi expressada tanto no tempo de resposta quanto nas verbalizações, onde muitos destacaram que “*tudo é agronegócio*”.

Analisando essas representações, é possível afirmar que o curso de Gestão do Agronegócio, com sua multidisciplinariedade, com disciplinas de várias áreas de conhecimento, e visão sistêmica, parece que alterado as representações sociais dos discentes. A pesquisa demonstra possivelmente um momento de mudança das representações dos discentes, onde os novos conhecimentos/informações adquiridos no curso os fazem repensar as representações anteriormente elaboradas, integrando com suas representações elaboradas anteriormente ao curso. Afirma-se assim, a influência da concepção acadêmica de agronegócio sobre as representações dos grupos.

Adicionalmente, observa-se que os discentes dos campus possuem elementos divergentes nas representações sociais sobre o agronegócio. Destaca-se que, apesar de ser considerado o mesmo curso, é possível apontar diferenças em os campus, principalmente no que se refere a matriz curricular, tendo uma variação no que se refere às matérias obrigatórias e também nas optativas. A visão sobre a agricultura familiar demonstra essa divergência, sendo que no curso de Planaltina há uma visão mais integrada com o agronegócio, podendo ser decorrente de matéria obrigatória sobre a agricultura familiar, tratada como optativa para o curso do Darcy Ribeiro.

Outra importante divergência são os docentes que são lotados em seu campus específico, ou seja, os professores e, conseqüentemente, suas técnicas de ensino não são compartilhadas entre os campus. Além das diferenças na formação profissional dos discentes e também curricular, outro possível elemento influenciador para os discentes de Planaltina é a maior proximidade da *produção primária*, já que a cidade é destacada pelo comércio voltado para a agricultura e pecuária.

Por fim, analisando a imagem menos representativa apresentada na Figura 12, nota-se que o *G<sub>i</sub>* e o *G<sub>f</sub>* escolheram as mesmas imagens, sendo elas, respectivamente a Imagem 4 e 7. Para *G<sub>i</sub>*, a palavra mais evocada em ambos os campus foi “desmatamento” e o restante das palavras ligadas a essa. Elementos negativos, além do desmatamento, também são destacados, como: exploração, queimada, errado, crime, dano, desperdício. Esses elementos são por muitos associado ao agronegócio, como visto no estudo da Associação Brasileira do Agronegócio (2013), onde o setor é associado ao desemprego, para as classes mais baixas, ao desmatamento e ao consumo excessivo de água. Em suma, observa-se que os discentes possuem uma

visão semelhante sobre a imagem que, apesar de ser um elo do agronegócio (produção primária de eucalipto), é considerada negativa e menos representativa. Esses elementos corroboram com as afirmações de Weissheimer (2006), onde o agronegócio traz elementos contraditórios, associado por muitos ao desmatamento, à poluição, ao desperdício de água e outros.

Já para o *Gf*, nota-se que a Imagem 7 foi a escolhida tanto pelos discentes do Darcy quanto de Planaltina. Para o primeiro, nota-se que a palavra mais citada e central foi “mão-de-obra”, associada fortemente aos elementos “cana-de-açúcar”, “desmatamento”, “boia fria” e “sofrimento”. Já para os discentes de Planaltina, a palavra central foi “cana-de-açúcar”, ligadas aos elementos “canavial”, “mão-de-obra”, “trabalho” e “mão-de-obra escrava”. De modo semelhante ao anterior, nota-se que essa imagem está associada à elementos negativos do trabalho e suas condições, onde, apesar de ser outro elo do agronegócio e apresentar a utilização do Equipamento de Proteção Individual – EPI e o emprego gerado no campo, elementos vistos socialmente como negativos se sobressaem, como: sofrimento, exploração, mão-de-obra escrava, trabalho mal remunerado, cansaço, dificuldade, más/péssimas condições de trabalho, entre outros.

Esses elementos negativos relacionados ao trabalho pelo grupo decorrem, possivelmente, da preocupação que o curso demonstra sobre esse elemento, integrando à sua matriz disciplinas relativas a Psicologia, principalmente do Trabalho, sendo mais expressiva no curso do Darcy Ribeiro, com 3 disciplinas.

Contudo, o distanciamento de uma percepção negativa parece trazer um resguardo às representações dos grupos de ambos os campus, tanto do *Gi* quanto do *Gf*, sendo que as imagens podem remeter, no imaginário social, a questões negativas do setor, como o desmatamento e às más condições de trabalho no campo. Esse fato destaca a função identitária das representações, funcionando como uma proteção à especificidade dos grupos na medida em que situa os estudantes no campo social. Assim, é possível considerar que os grupos não associam o agronegócio sob um prisma negativo e ainda tentam desvincular esses elementos do agronegócio, buscando proteger às representações sociais sobre o agronegócio de elementos socialmente negativos.

Buscando compreender os comportamentos e os impactos desses elementos na futura identidade profissional dos estudantes, as representações atuam como guia de comportamento e prática (função de orientação) e também como meio para

justificar esses comportamentos e tomadas de posição (função justificatória). Dessa forma, é possível afirmar um comportamento diversificado no setor, buscando empregos não só no setor primário como em outros. Além disso, é possível observar um comportamento positivo, já que este é desassociado de questões negativas como o desmatamento e as más condições de trabalho. Com a visão articulada com a agricultura familiar, é possível conferir aos futuros profissionais uma busca de fortalecer o ramo familiar, atuando também neste setor.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cenário econômico, o agronegócio é considerado um setor com uma expressiva participação no PIB e na balança comercial. Em contrapartida, o conceito de “agronegócios” traz também elementos que são contraditórios, sendo por muitos associados ao desmatamento, à poluição ou ao uso intensivo de agrotóxicos. Em função desse aspecto, objetivou-se nesse estudo identificar e compreender as representações sociais sobre o agronegócio de estudantes dos cursos ligados à gestão de agronegócio da Universidade de Brasília – UnB.

Para melhor compreender essas representações, em um primeiro momento levantou-se as representações sociais sobre o agronegócio dos discentes do curso de Planaltina e analisando à luz da do conceito acadêmico e da literatura científica, aponta-se algumas conclusões a partir dos achados:

- A *produção primária* é, de maneira geral, para os discentes de ambos os grupos do campus, o elo produtivo mais associado ao agronegócio. Diverge-se, porém, nos seus elementos, onde o *Gi* associa às atividades produtivas, enquanto que o *Gf* é associado também a produção em escala e mecanizada;
- Constata-se no *Gi* um posicionamento ainda restrito sobre o agronegócio, considerando a amplitude do seu conceito acadêmico. Enquanto isso, no *Gf* observa-se uma associação mais abrangente, considerando elementos além da *produção primária*;
- A agricultura familiar é mais associada ao agronegócio para os novos discentes do curso do que para os do final do curso. Apesar disso, é possível verificar divergências no que se refere à agricultura familiar e agronegócio, sendo que no *Gi* essa discussão é ainda mais forte.

Em complemento, ao comparar as representações sociais desses discentes com os discentes do Darcy Ribeiro, verificou-se elementos similares e outros divergentes em suas representações, tanto entre os grupos (*Gi* e *Gf*), quanto entre os *campus*. Em síntese, é possível apontar que:

- Para os discentes de ambos os *campus*, a *produção primária* é o elo produtivo mais associado ao agronegócio, sendo mais forte para os discentes do *Gi*;
- O agronegócio é destacado positivamente por ambos os *campus*, evidenciando o valor econômico e produtivo do setor;

- Para o Gr de ambos os *campus*, o agronegócio é associado a uma variação maior dos elos. Essa é mais fortemente percebida no Darcy Ribeiro, que consideraram o *armazenamento, produção primária e distribuição*;
- É plausível conferir ao agronegócio pontos negativos, relativos à mão-de-obra e ao meio ambiente. Percebe-se que, ao exercer sua função identitária, as representações dos estudantes atuam desassociando o agronegócio de elementos vistos socialmente como negativos.

Em síntese, pode-se concluir que os discentes parecem conferir um maior alinhamento com as representações sociais reproduzidas pela grande mídia, onde o agronegócio é associado restritamente à produção primária. Em contrapartida, é possível averiguar um esforço de articulação e mudança na compreensão do que vem a ser “agronegócios” para esses discentes. Observa-se uma adaptação das representações dos estudantes diante do novo contexto, integrando novos elementos às representações anteriormente construídas, mantendo ainda elementos alinhados com a sociedade e com a grande mídia (função do saber).

Acredita-se, ainda, que o avanço do setor depende fortemente do rompimento com uma determinada visão de mundo, pré-concebida e ideologicamente construída, englobando equitativamente os diferentes agentes produtivos. Ressalta-se que a instituição de ensino e seus docentes não estão isentos de posicionamentos diversos, contudo, o espaço acadêmico, propício às diferenças e ao debate, possibilita uma nova reflexão sobre esses posicionamentos, questionando-os sob uma perspectiva científica. Ao profissional que atua (ou atuará) neste setor torna-se importante ampliar sua visão em relação ao que se compreende como agronegócios e, por meio de sua atitude e atuação profissional, contribuir para que outros superem determinada perspectiva, seja ela enviesada ideologicamente ou pelo senso comum.

Destaca-se, ainda, que as representações atuam, através de sua função de orientação, como guia de comportamento e prática desses futuros profissionais e também como meio para justificar esses comportamentos e tomadas de posição, com sua função justificatória. A partir das representações aqui compreendidas, acredita-se que esses futuros profissionais terão comportamentos positivos, buscando uma maior sustentabilidade, apresentado através da preocupação do meio ambiente, além da busca pelo fortalecimento de um importante segmento no agronegócio, a agricultura familiar.



A partir disso, é imprescindível destacar a importância dos cursos relativos à gestão de agronegócio, principalmente da Universidade de Brasília, que, além de desenvolver uma visão sistêmica com conhecimentos multidisciplinares, busca também romper com as visões pré-concebidas de agronegócio com seu espaço propício às diferenças e aos debates. Propõe-se, ainda, intensificar os debates sobre os vários segmentos do agronegócio, em especial a agricultura familiar, para que este também integre as representações dos estudantes.

É importante destacar alguns elementos limitantes da pesquisa, sendo o principal o número de participantes, não sendo possível a generalização das representações sociais para todos os alunos do curso. Por ser uma pesquisa exploratória, buscou-se obter uma maior compreensão sobre as representações sociais sobre o agronegócio para, em um futuro, proporcionar a realização de pesquisas com uma amostragem maior. Outra limitação refere-se ao tempo de pesquisa, onde por realizar entre os períodos de aula, acabou sendo curto e, conseqüentemente, não sendo possível ter uma conversa mais aprofundada.

Portanto, como sugestões para estudos futuros, propõem-se aqui analisar as representações sociais sobre o agronegócio com um número maior de participantes de modo a complementar os resultados obtidos nesse estudo. Além disso, é importante conhecer as representações sociais dos docentes do curso de Gestão do Agronegócio e, assim, verificar se essas também influenciam na formação da representação social dos discentes. Além dos docentes, compreender as representações sociais das instituições relacionadas ao agronegócio e também do campo científico é também importante para entender como essas influenciam a formação das representações da sociedade.

O desconhecimento sobre o conceito de “agronegócio” e do que ele engloba tem, muitas vezes, dificultado o diálogo entre os diferentes grupos sociais. Dessa maneira, apreender as representações sociais de diversos grupos sociais também é essencial para conhecer como o agronegócio é visto pela sociedade, principalmente por possuir elementos considerados como contraditórios. Além disso, esse estudo possibilita verificar elementos impregnados de vieses e assim contribuir para dirimir as diferenças e buscar transformações de cunho político, econômico e social. Em suma, acredita-se que para o aprofundamento das representações sociais sobre o agronegócio, aqui iniciada, seja importante a realização de novos estudos, principalmente com outros grupos da sociedade e das instituições ligadas ao setor.

## REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. Central system, peripheral system: their functions and roles in the dynamics of social representations. **Papers on social representations**, Aix en Provence, v. 2, n. 2, p. 75-78, 1993.

ABRIC, J. C. **Prácticas sociales y representaciones**. Ciudad de México: Ediciones Coyoacán, 2001.

AISSANI, Y.; BONARDI, C. Évolution différentielle des éléments d'une représentation sociale: les apports de l'analyse de similitude. **L'année psychologique**, v. 91, n. 3, p. 397-417, 1991.

ALBERTO, R. **Acreditar em Deus: um estudo empírico-teológico das representações sociais dos adolescentes**. [S.l.]: Edições Salesianas, 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO AGRONEGÓCIO. A percepção da população dos grandes centros urbanos sobre o agronegócio brasileiro, 2013. Disponível em: <<http://www.abag.com.br/media/analise-abag-nacional.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, G. S. D. C.; ADAMI, A. C. O.; FRICKS, L. **Exportações do Agronegócio caminham para novo recorde em 2016**. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. Piracicaba. 2016.

BARROS, J. R. M. O passado no presente: a visão do economista. In: BUAINAIN, A. M., et al. **O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília: EMBRAPA, 2014. prolegômenos, p. 16-22.

BATALHA, M. O. **Gestão agroindustrial**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Agronegócio brasileiro em números**. 2011?. Disponível em: <[http://www.agricultura.gov.br/arq\\_editor/file/Sala%20de%20Imprensa/Publica%C3%A7%C3%B5es/graficos\\_portugues\\_corrigido2.pdf](http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/Sala%20de%20Imprensa/Publica%C3%A7%C3%B5es/graficos_portugues_corrigido2.pdf)>. Acesso em: 22 set. 2016.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **PIB da agropecuária tem alta de 1,8% em 2015**. 3 Março 2016. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/comunicacao/noticias/2016/03/pib-da-agropecuaria-tem-alta-de-1porcento-em-2015>>. Acesso em: 12 set. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados**. 2017. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

BURANELLO, R. **Manual de direito do agronegócio**. São Paulo: Saraiva, 2013.

CALLADO, A. A. C. **Agronegócio**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v21n2/v21n2a16.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2016.

CAMARGO, V.; JUSTO, A. M. Tutorial para uso do software IRAMUTEQ. **IRAMUTEQ**, 2016. Disponível em: <[http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/Tutorial%20IRaMuTeQ%20em%20portugues\\_17.03.2016.pdf](http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/Tutorial%20IRaMuTeQ%20em%20portugues_17.03.2016.pdf)>. Acesso em: 09 mar. 2017.

CAPPELLESSO, G.; GUIMARÃES, M. C. O conceito de agronegócios e suas representações sociais: Um estudo com estudantes do curso de Gestão de Agronegócios. In: PRE-CONGRESO ALASRU, Santiago del Estero. **Libro de Résumenes...** Santiago del Estero: ALASRU, p. 55.

CASTRO, A. M. G. Prospecção de cadeias produtivas e gestão da informação. **Transinformação**, v. 13, n. 2, p. 55-72, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v13n2/04.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

CASTRO, A. M. G.; LIMA, S. M. V.; CRISTO, C. M. P. N. Cadeia produtiva: marco conceitual para apoiar a prospecção tecnológica. In: SIMPÓSIO DE GESTÃO DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA, 22., 2002, Salvador. **Anais...** Salvador: [S.n], 2002.

CAUME, D. J. Agricultura familiar e agronegócio: falsas antinomias. **Redes**, v. 14, n. 1, p. 26-44, 2009. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/846/1452>>. Acesso em: 22 out. 2015.

CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA. **Perspectiva para o agronegócio em 2015**. São Paulo: CEPEA, 2014. Disponível em: <[http://www.cepea.esalq.usp.br/comunicacao/Cepea\\_Perspectivas%20Agroneg2015\\_relatorio.pdf](http://www.cepea.esalq.usp.br/comunicacao/Cepea_Perspectivas%20Agroneg2015_relatorio.pdf)>. Acesso em: 18 maio 2015.

CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA. PIB Agro CEPEA-USP/CNA. 2016. Disponível em: <<http://cepea.esalq.usp.br/pib/>>. Acesso em: 30 out. 2016.

CHUEKE, G. V.; LIMA, M. C. Pesquisa qualitativa: evolução e critérios. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 128, p. 63-69, 2012. Disponível em: <<http://ojs.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/12974/8511>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. Plataforma Sucupira. 2017. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/listaPrograma.jsf>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

CORTES JUNIOR, L. P.; FERNANDEZ, C. A educação ambiental na formação de professores de Química: estudo diagnóstico e representações sociais. **Química Nova**, São Paulo, v. 39, n. 6, p. 748-756, 2016. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/qn/v39n6/0100-4042-qn-39-06-0748.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2016.

DAVIS, J. H.; GOLDBERG, R. A. **A concept of agribusiness**. Boston: Harvard University, 1957.

DIAS, M. C. Gestão do agronegócio: tudo o que você precisa saber sobre o curso. **Canal Rural**, São Paulo, 8 Abril 2017. Disponível em: <<http://www.canalrural.com.br/noticias/carreiras/gestao-agronegocio-tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-curso-66918>>. Acesso em: 23 maio 2017.

DURAN, M. C. G. Representações sociais: uma instigante leitura com Moscovici, Jodelet, Marková e Jovchelovitch. **Educação & Linguagem**, v. 15, n. 25, p. 228-243, 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/EL/article/viewArticle/3354>>. Acesso em: 27 out. 2016.

FARR, R. Social representations: a french tradition of research. **Journal of the Theory of Social Behavior**, v. 17, n. 4, p. 343-369, 1987.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRAS, C.; HERNÁNDEZ, V. Los pilares del modelo agribusiness y sus estilos empresariales. In: \_\_\_\_\_. **El agro como negocio: producción, sociedade y territórios en la globalización**. Buenos Aires: Biblos, 2013. p. 17-46.

GUIMARÃES, R. ; MESQUITA, H. A. Agroecologia x agronegócio: crises e convivências. **Espaço em Revista**, v. 12, n. 2, p. 1-17, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/espaco/article/view/16966/10275#.WBihAvkrLIV>>. Acesso em: 28 out. 2016.

HEDLER, H. C. et al. Representação social do cuidado e do cuidador familiar do idoso. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 143-153, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v19n1/1414-4980-rk-19-01-00143.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2016.

HJARVARD, S. Mídiação: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, v. 5, n. 2, p. 53-91, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.univciencia.org/index.php/MATRIZES/article/view/8139/7505>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo agropecuário 2006: agricultura familiar, primeiros resultados**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2006. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/50/agro\\_2006\\_agricultura\\_familiar.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/50/agro_2006_agricultura_familiar.pdf)>. Acesso em: 1 nov. 2016.

LANE, S. T. M.; CODO, W. **Psicologia social: o homem em movimento**. 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

LIMA, S. M. V. et al. **La dimensión de entorno en la construcción de la sostenibilidad institucional**. Série Innovación para la Sostenibilidad Institucional. San José, Costa Rica: Proyecto INSAR Nuevo Paradigma, 2001.

MATTAR, F. N. **Pesquisa em marketing: edição compacta**. São Paulo: Atlas, 1996.

MENDONÇA, M. L. R. F. **Modo capitalista de produção e agricultura: a construção do conceito de agronegócio**. 2013. 217f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MERTEN, T. O teste de associação de palavras na psicologia e psiquiatria: história, método e resultados. **Análise Psicológica**, v. 10, p. 531-541, 1992. Disponível em: <[http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/1883/1/1992\\_4\\_531.pdf](http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/1883/1/1992_4_531.pdf)>. Acesso em: 07 dez. 2016.

MOSCOVICI, S. Notes towards a description of social representations. **European Journal of Social Psychology**, v. 18, n. 3, p. 211-250, 1988.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOSCOVICI, S.; MARKOVÁ, I. Presenting social representations: a conversation. **Culture & Psychology**, London, v. 4, n. 3, p. 371-410, 1998.

NEVES, D. A. B. et al. Protocolo verbal e teste de associação livre de palavras: perspectivas de instrumentos de pesquisa introspectiva e projetiva na ciência da informação. **PontodeAcesso**, v. 8, n. 3, p. 64-79, 2014. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/12917/9240>>. Acesso em: 07 dez. 2016.

OLIVEIRA, D. C. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 16, n. 4, p. 569-576, 2008. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v16n4/v16n4a19.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2016.

ORDONES, A. Veja os melhores setores para investir em 2015 na bolsa. **InfoMoney**, [S.l.], 21 Janeiro 2015. Disponível em: <<http://www.infomoney.com.br/onde-investir/acoes/noticia/3818317/veja-melhores-setores-para-investir-2015-bolsa>>. Acesso em: 19 out. 2015.

PATRIOTA, L. M. Teoria das representações sociais: contribuições para a apreensão da realidade. **Serviço Social em Revista**, v. 10, n. 1, 2007. Disponível em: <[http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c-v10n1\\_lucia.htm](http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c-v10n1_lucia.htm)>. Acesso em: 29 out. 2016.

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública.

**Revista Saúde Pública**, v. 29, n. 4, p. 318-325, 1995. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rsp/article/viewFile/24130/26095>>. Acesso em: 01 dez. 2016.

PROGRAMA DE AGRONEGOCIOS Y ALIMENTOS. ¿Qué son los Agronegocios? **Newsletter 5**, Buenos Aires, v. 1, n. 5, 2007? Disponível em: <<https://sites.google.com/a/agro.uba.ar/newsletter-paa/newsletter-5>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

SÁ, C. P. Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central. **Temas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 19-33, 1996.

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SAMMUT, G.; HOWARTH, C. Social representations. In: TEO, T. **Encyclopedia of Critical Psychology**. New York: Springer, 2014. p. 1799-1802.

SAUER, S. **Agricultura familiar versus agronegócio: a dinâmica sociopolítica do campo brasileiro**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2008.

SÊGA, R. A. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Anos 90**, v. 8, n. 13, p. 128-133, 2000.

SHAUGHNESSY, J. J.; ZECHMEISTER, E. B.; ZECHMEISTER, J. S. **Metodologia de pesquisa em psicologia**. 9. ed. Porto Alegre: AMGH Editora, 2012.

SILVA, A.; BREITENBACH, R. O debate “agricultura familiar versus agronegócio”: as jaulas ideológicas prendendo os conceitos. **Extensão Rural**, v. 20, n. 2, p. 62-85, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/extensaorural/article/view/10862>>. Acesso em: 1 nov. 2016.

SILVA, P. B.; GUIMARÃES, M. C. O conceito de agronegócios e suas representações na mídia brasileira. In: PRE-CONGRESO ALASRU, Santiago del Estero. **Libro de Resúmenes...** Santiago del Estero: ALASRU, 2016, p. 60.

TALIARINE, A. B.; RAMOS, D. D. J.; FAVORETTO, J. R. A importância da gestão no agronegócio brasileiro. **Revista Perspectiva em Gestão, Educação & Tecnologia**, Itapetininga, v. 4, n. 8, 2015. Disponível em: <[https://fatecitapetininga.edu.br/perspectiva/pdf/artigo08\\_5.PDF](https://fatecitapetininga.edu.br/perspectiva/pdf/artigo08_5.PDF)>. Acesso em: 23 maio 2017.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Institucional, 2016. Disponível em: <<http://www.unb.br/a-unb>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Anuário estatístico da UnB 2016, Brasília, p. 279, 2017. Disponível em: <[http://www.dpo.unb.br/index.php?option=com\\_phocadownload&view=category&id=56:anuario-estatistico&Itemid=742#](http://www.dpo.unb.br/index.php?option=com_phocadownload&view=category&id=56:anuario-estatistico&Itemid=742#)>. Acesso em: 02 jun. 2017.

VEZZALI, F. Latifúndio e expansão do agronegócio acirram conflitos no campo. **Repórter Brasil**, [S.l.], 3 Agosto 2006. Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/2006/08/latifundio-e-expansao-do-agronegocio-acirram-conflitos-no-campo/>>. Acesso em: 5 out. 2015.

VIEYTES, R. Campos de aplicación y decisiones de diseño en la investigación cualitativa. In: MERLINO, A. **Investigación cualitativa en ciencias sociales: temas, problemas y aplicaciones**. Buenos Aires: Learning Cengage, 2009. cap. 2, p. 41-84.

WACHELKE, J.; WOLTER, R. Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, v. 27, n. 4, p. 521-526, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v27n4/17.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

WEISSHEIMER, M. A. Expansão do agronegócio oculta pesado custo ambiental para o país. **Repórter Brasil**, [S.l.], 6 Janeiro 2006. Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/2006/01/expansao-do-agronegocio-oculta-pesado-custo-ambiental-para-o-pais/>>. Acesso em: 19 out. 2015.

ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. F. **Economia e gestão dos negócios agroalimentares**. São Paulo: Pioneira, 2000.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária – FAV  
Gestão de Agronegócios/Pesquisa de Iniciação Científica

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a),

Estamos realizando uma pesquisa que tem como objetivo conhecer as representações sociais dos alunos do curso de Gestão do Agronegócio da UnB. Sua participação voluntária é muito importante para a realização da mesma, por isso, de acordo com os termos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, solicitamos a assinatura do presente termo que garante:

- a) o sigilo da privacidade do participante quanto aos dados de identificação e dos resultados obtidos, ou seja, seu nome não será divulgado em hipótese alguma;
- b) as informações sobre a natureza do estudo serão fornecidas pelo pesquisador para que você como colaborador possa decidir livremente sobre a sua participação na pesquisa;
- c) as informações prestadas por você durante a participação na pesquisa não implicará riscos ou benefícios;
- d) a liberdade de recusar a participar ou retirar o consentimento, a qualquer momento.

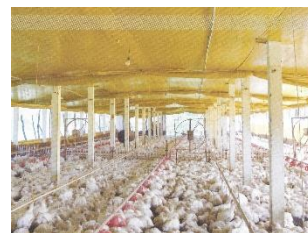
Para que possamos levantar as informações necessárias para o desenvolvimento da pesquisa, pedimos a sua colaboração manifestando sua aceitação em participar desse estudo. A sua participação consistirá em responder questões de identificação (primeiro nome, sexo, idade, período que está cursando), bem como participar de uma atividade em grupo onde outras informações pertinentes ao estudo serão solicitadas. Desta forma, na expectativa de contar com a sua colaboração, agradecemos a sua atenção e nos colocamos a sua disposição para esclarecer quaisquer dúvidas. Se julgar necessário, para maiores conhecimentos, você pode entrar em contato com a orientadora do estudo Profa. Magali Costa Guimarães – magaliguimaraes@unb.br

Equipe de pesquisa: Magali Costa Guimarães (professora orientadora) e Giselle Cappellesso (estudante).

#### **\*Obrigatório**

\*(  ) Li e estou de acordo com as informações apresentadas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando, desta forma, a minha participação nesta pesquisa.



**APÊNDICE B: Imagens Indutoras das Representações Sociais****Imagem 1:****Imagem 2:****Imagem 3:****Imagem 4:****Imagem 5:****Imagem 6:****Imagem 7:****Imagem 8:****Imagem 9:****Imagem 10:**